

RODRIGO SLAMA RIBAS

MORAL & POLÍTICA EM DISCURSO

FHC, Lula, Dilma e Temer

Os presidentes foram
conservadores ou progressistas?



editora**ifrn**

RODRIGO SLAMA RIBAS

MORAL & POLÍTICA EM DISCURSO

FHC, Lula, Dilma e Temer

Os presidentes foram
conservadores ou progressistas?



editora**ifrn**

Natal, 2023

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Camilo Santana

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Getúlio Marques Ferreira



Reitor

José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Avelino Aldo de Lima Neto

Coordenador da Editora IFRN
Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Conselho Editorial

Adriano Martinez Basso
Alana Drizie Gonzatti dos Santos
Alba Valéria Saboia Teixeira Lopes
Alexandre da Costa Pereira
Amilde Martins da Fonseca
Ana Judite de Oliveira Medeiros
Ana Judite de Oliveira Medeiros
Ana Lúcia Sarmento Henrique
Anna Cecília Chaves Gomes
Avelino Aldo de Lima Neto
Cíntia Beatrice da Silva Telles
Cláudia Battestin
Diogo Pereira Bezerra
Emanuel Neto Alves de Oliveira
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Genildo Fonseca Pereira
Gracielle Cristine Farias Moura

José Everaldo Pereira
Julie Thomas
Leonardo Alcântara Alves
Luciana Maria Araújo Rabelo
Marcus Vinícius de Faria Oliveira
Marcus Vinícius Duarte Sampaio
Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino
Maria Kassimati Milanez
Maurício Sandro de Lima Mota
Maurício Sandro de Lima Mota
Miler Franco D Anjour
Paulo Augusto de Lima Filho
Raúl Humberto Velis Chávez
Renato Samuel Barbosa de Araújo
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Samuel de Carvalho Lima
Sílvia Regina Pereira de Mendonça

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Hanna Andreza Fernandes Sobral

Revisão linguística:

Ana Cristina Pinto Bezerra

Imagem de capa:

<https://unsplash.com/pt-br>

Prefixo editorial: Editora IFRN

Linha Editorial: Acadêmica

Disponível para *download* em:

<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. Natal-RN.

CEP: 59015-300. Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

MORAL & POLÍTICA EM DISCURSO

FHC, Lula, Dilma e Temer

Os presidentes foram
conservadores ou progressistas?



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

R696r Ribas, Rodrigo Slama.
Moral, política em discurso : FHC, Lula, Dilma e Temer : os presidentes foram conservadores ou progressistas? [livro eletrônico] / Rodrigo Slama Ribas – Natal : IFRN, 2023.
207 p. ; il. color. ; PDF

ISBN: 978-85-8333-310-4
Inclui Referências

1. Linguística. 2. Análise do discurso – Política. 3. Moral - Política. I. Ribas, Rodrigo Slama. II. Título.

IFRN/SIBi CDU 81

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Marise Lemos Ribeiro – CRB-15/418

Dedico aos trabalhadores,
independente dos campos que ocupam.

SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS 9

2. A ANÁLISE DE DISCURSO BASEADA EM *FRAMES*, O QUE É? 18

2.1 Abordagem Ecológica da Linguística Cognitiva	21
2.2 <i>Frames</i>	22
2.2.1 <i>Frames</i> linguísticos	24
2.2.2 <i>Frames</i> interacionais	33
2.3 Seleção lexical e metáfora no acionamento de frames	34
2.4 <i>Frame</i> moral	36
2.4.1 A moralidade da família do pai severo	40
2.4.2 Metáforas conservadoras para a moral	41
2.4.3 Modelo da família dos pais protetores	50

3. COMO FAZER UMA ANÁLISE DE DISCURSO BASEADA EM *FRAMES* DOS DISCURSOS DE POSSE DOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA? 61

3.1 Constituição e procedimentos de análise do <i>corpus</i> ..	62
---	----

3.2 Os presidentes do Brasil dos últimos 20 anos	67
3.2.1 Fernando Henrique Cardoso	68
3.2.2 Luiz Inácio Lula da Silva	69
3.2.3 Dilma Roussef	70
3.2.4 Michel Temer	71

4. ANÁLISE DA MORAL E POLÍTICA NOS DISCURSOS DOS PRESIDENTES DO BRASIL 72

4.1 <i>Frame</i> MUDANÇA	73
4.1.1 Mudança segundo Fernando Henrique Cardoso ..	73
4.1.2 Mudança segundo Luiz Inácio Lula da Silva	87
4.1.3 Mudança segundo Dilma Roussef	102
4.1.4 Mudança segundo Michel Temer	113
4.2 <i>Frame</i> ECONOMIA	119
4.2.1 Economia segundo Fernando Henrique Cardoso ..	120
4.2.2 Economia segundo Luiz Inácio Lula da Silva	132
4.2.3 Economia segundo Dilma Roussef	141
4.2.4 Economia segundo Michel Temer	154
4.3 <i>Frame</i> MOBILIDADE SOCIAL	161
4.3.1 Mobilidade Social segundo Fernando Henrique Cardoso	162
4.3.2 Mobilidade Social segundo Luiz Inácio Lula da Silva	172
4.3.3 Mobilidade Social segundo Dilma Roussef	181
4.3.4 Mobilidade Social segundo Michel Temer	190

5. PALAVRAS FINAIS 194

REFERÊNCIAS	202
--------------------------	------------

1

PALAVRAS INICIAIS

Por meio da linguagem, ideias são desfeitas, ideias são refeitas, ideias são perpetuadas, ideias circulam, ideias são defendidas. É pela linguagem que o mundo como conhecemos foi criado, ou melhor, foi categorizado e se mantém. Da mesma forma, ele pode modificar-se para manter os interesses de quem domina os meios de produção e circulação dos discursos. Portanto, é latente a preocupação em analisar a linguagem e, conseqüentemente, a construção de sentido, que reproduzem visões de mundo e influenciam o imaginário e as ações coletivas.

Quando menos esperamos, filiamo-nos a uma ideia que combatíamos, fazemos escolhas que outrora condenávamos. Os sentidos são modificados, conceitos são ressignificados o tempo todo. Como é possível que mudemos de ideia ou que perpetuemos os nossos ideais? Há muitas perguntas que não são facilmente respondidas, no entanto não podemos fugir de uma certeza: toda significação que construímos ou que somos levados a construir passa pela linguagem e ocorre por meio da projeção metafórica ou pelas escolhas das palavras.

Desse modo, ancorado na Linguística Cognitiva (LC), em sua abordagem Ecológica (Duque, 2015b, 2017a, 2017b), é possível investigar os mecanismos usados pelos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos para impingir suas visões sobre a economia, sobre o país, sobre si mesmos e sobre quaisquer entidades presentes em seus discursos. Enxergar o discurso com os óculos da Linguística Cognitiva Ecológica (LCE) é entender não só a superficialidade, mas entender profundamente como o discurso é articulado, como as visões de mundo emergem e se relacionam. Fauconnier (1997) já entendia que a linguagem aparente representa apenas uma fração daqui-

lo que pensamos. O nosso pensamento, portanto, vai sendo revelado à medida que vamos acionando uma cadeia de conceitos articulados em rede, ou seja, o acionamento dos *frames* revela o pensamento.

Ademais, compreender a construção do sentido é importante para se compreender o próprio sentido, uma vez que

a manipulação de formas simbólicas por meio das práticas discursivas, resulta na manipulação significativa da nossa própria percepção da realidade. E, uma vez reconhecendo que a condição humana é dependente do trabalho de simbolização, sem o qual sequer poderíamos falar de cultura, entendemos que são as práticas discursivas que tornam significativas as nossas experiências (Duque; Costa, 2012, p. 164).

Portanto, é inegável que as ideias e visões de mundo que circulam nas mais variadas práticas da linguagem humana podem influenciar a forma como pensamos, agimos, encaramos a vida ou votamos. Compreender como se constrói o sentido num texto é, portanto, uma forma de se defender de possíveis manipulações, uma vez que se consegue prever as inclinações ideológicas que são manifestadas pela linguagem.

Para tanto, proponho um modelo de análise baseado em *frames*, capaz de identificar como se dá a construção de sentido desde os aspectos mais básicos até os mais complexos. O sentido, para Lakoff (1996) passa por um filtro moral. Assim, por meio da análise do *frame* moral, é possível depreender qual o conceito de bem-estar e, conseqüentemente, as incli-

nações político-ideológicas manifestas pelas práticas discursivas, ou seja, por intermédio dos postulados de Lakoff (1996), é possível identificar em qual lugar do contínuo conservador *versus* progressista se apresenta determinado discurso.

Para desenvolver a análise de discurso baseada em *frames*, recorri aos sete últimos discursos de posse dos presidentes do Brasil, utilizando-os como *corpus*. Esses discursos pertencem aos quatro presidentes que governaram o país nos últimos vinte anos, a saber: a) Fernando Henrique Cardoso, com dois mandatos e dois discursos de posse; b) Luiz Inácio Lula da Silva, com dois mandatos e dois discursos de posse; c) Dilma Vana Rousseff, com dois mandatos e dois discursos de posse; e d) Michel Miguel Elias Temer Lulia, com um discurso de posse¹.

Por meio do aparato teórico e metodológico da LC, este livro visa responder às seguintes perguntas de pesquisa sobre o *corpus*:

- Quais estratégias de construção de sentido encontradas nos discursos dos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos?
- A perspectiva de Lakoff (1996) do discurso conservador e do discurso progressista, edificados sobre o *frame* família, constrói-se também nos discursos dos presidentes brasileiros?
- Como se dão as relações dos discursos de posse dos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos quanto ao seu posicionamento político conservador e/ou progressista?

1. Como discurso de posse de Michel Temer, dada a especificidade de sua posse, foi coletado o pronunciamento à nação na ocasião da posse dos seus ministros de estado.

Baseado, portanto, nas questões de pesquisa e por meio do modelo de análise proposto², ancorado baseado em Duque (2015a) e Lakoff (1995, 1996), este livro tem como objetivo principal identificar o posicionamento político no contínuo conservador *versus* progressista dos discursos de posse dos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos. Nesse contexto, discuto as construções de sentido que emergem desses discursos. A essa abordagem chamo de Análise de Discurso Baseada em *Frames*.

Esse objetivo geral está relacionado aos seguintes objetivos específicos:

- Analisar as estratégias de acionamento de *frames* nos discursos de posse dos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos em suas dimensões esquemática, de ação, conceptual básica e sociocultural;
- Identificar os itens lexicais e as metáforas responsáveis pelo acionamento e/ou ressignificação de *frames* lakoffianos de família dos campos progressista e conservador;
- Descrever o posicionamento político nos discursos de posse dos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos quanto ao contínuo conservador *versus* progressista por meio do *frame* moral.

A escolha de aprofundar as análises pelo *frame* moral é baseada em Lakoff (1996), o qual defende que os discursos políticos se estruturam sobre o *frame* FAMÍLIA. Quando conservador, o discurso é centrado no pai severo, que é respeitado pela sua autoridade; quando progressista, o discurso é centrado

2. Vide capítulo metodológico.

na ideia do pai cuidadoso, que conquista o respeito dos filhos por intermédio do carinho e do cuidado. Lakoff (1996) afirma, ainda, que as metáforas progressistas e conservadores, muitas vezes, são as mesmas, mas que o foco é sempre diferente.

Tomando Lakoff (1995, 1996) e seu postulado sobre os *frames* morais, e Duque (2015a, 2017) e sua organização das dimensões do *frame*, foi possível identificar a construção do sentido no *corpus* recolhido. As análises aferiram não só as inclinações políticas dos presidentes, mas também indicaram como o processo de construção dos discursos progressista e conservador se estrutura nos discursos dos presidentes do Brasil.

Dessa maneira, compreendo que

as visões de mundo liberal [progressista] e conservadora, em grande parte inconscientes, com precisão suficiente para que um analista possa ver por que os quebra-cabeças para os liberais não são os mesmo quebra-cabeças para conservadores, e vice-versa (Lakoff, 2002, p. 28, tradução minha)³.

Para o seu desenvolvimento, este livro se ancora sobre dois compromissos destacados por Lakoff (1999), a saber: a) o compromisso da generalização, o qual garante que as bases da LC possam ser utilizadas em toda e qualquer manifestação

3. Do original: “The job of the cognitive scientist in this instance is to characterize the largely unconscious liberal and conservative worldviews accurately enough so that an analyst can see just why the puzzles for liberals are not puzzles for conservatives, and conversely”.

discursiva; e b) o compromisso cognitivo, que garante à LC o diálogo com as demais ciências cognitivas, como a neurociência, a psicologia e as ciências cognitivas.

Em respeito ao compromisso cognitivo, todas as bases teóricas e metodológicas da pesquisa que gerou este livro estão ancoradas em cientistas da cognição. Todas as categorias e a metodologia utilizadas aqui têm gênese cognitiva. Inclusive os conceitos de discurso e de discurso de posse foram trazidos à luz da LC.

Quanto à sua estruturação, este livro está organizado da seguinte maneira: i) introdução, com as primeiras palavras sobre o conteúdo, os objetivos e justificativa da pesquisa; ii) capítulo teórico, o qual traz as bases utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho (conceito e dimensões do *frame*, além de conceito e categorias do *frame* moral); iii) capítulo metodológico, com os passos da análise e exemplificação dos recursos gráficos que subsidiam a análise; iv) capítulo de análise e discussões dos resultados; e v) considerações finais, com as conclusões elucidadas pelas análises.

O *frame* moral foi identificado nos discursos de posse por intermédio dos blocos temáticos que acionam *frames* complexos como MUDANÇA, ECONOMIA e MOBILIDADE SOCIAL. A análise e as discussões foram divididas por meio desses blocos que indicaram qual o lugar no contínuo conservador versus progressista o presidente constrói os sentidos do seu discurso de posse. Ao final, baseado nos resultados dos três blocos descritos, apresento um gráfico indicando como cada discurso de posse se comporta, ou mais conservador ou mais progressista.

A escolha por estudar este objeto se deu pela escassez de trabalhos na área que analisassem os discursos políticos brasi-

leiros. Ainda nas prévias da pesquisa que gerou este livro, verifiquei que o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do ano de 2017, não oferecia muitas ocorrências de palavras-chave que indicassem uma preocupação em se compreender como se dá o *frame* moral em terras tupiniquins. Em busca ao termo *frame* na grande área de conhecimento em Linguística e na área de avaliação em Letras, foram encontradas 76 teses e dissertações.

Em 2015, houve uma defesa de dissertação, na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), que analisava o termo “Brasil” em discursos de posse presidencial na nova república. O texto integral não está disponível na Plataforma Sucupira, no entanto, pelo resumo e palavras-chave, percebeu-se que a pesquisa se relaciona mais com a análise literária e com os estudos culturais, e não havendo menção sobre o *frame* moral.

Também em 2015, houve a defesa, na Universidade Federal de Goiás (UFG), da dissertação intitulada *A constituição de identidades em pronunciamentos de posse presidencial: O eu enunciatador e o povo brasileiro*. Nesse trabalho, o discurso de Lula é analisado, mas como aporte teórico, de acordo com o resumo no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (2017), é utilizada a Análise de Discurso de linha Francesa.

Além desse, há trabalhos voltados à questão da metáfora; à aplicação da cognição para análise de narrativas; à análise de livros didáticos por um viés cognitivo; aos trabalhos com LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais; às pesquisas sobre o ensino fundamental; à análise de mecanismos cognitivos para o desenvolvimento da leitura; e à cognição e ao ensino de línguas estrangeiras.

Nenhum trabalho – de acordo com a busca do termo *frame* na área de concentração e avaliação descrita – dialoga diretamente com este livro. Por um lado, esse dado é negativo, pois, desde 1995, Lakoff vem desenvolvendo trabalhos com o *frame* moral e apresentando categorias de análise ricas para se compreender a construção de sentido na dimensão da política. No entanto, por outro lado, essa escassez de pesquisas com essa temática impulsiona e justifica a publicação deste livro.

Ademais, entendo, de acordo com Duque (2017a), que o *frame* pode ser observado a partir de dimensões, no entanto, se comporta como um fenômeno. Durante leitura dos próprios trabalhos do grupo Cognição & Práticas Discursivas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), percebi que as análises se encontravam engessadas, como se as dimensões de um *frame* fossem isoladas e/ou independentes. Pela própria dificuldade de compreensão das análises, optei por fazer uma Análise de Discurso Baseada em *Frames*. Assim, a partir da teoria dos *frames*, investi em uma metodologia de análise orgânica que se atém aos elementos mais salientes, para que pudesse vislumbrar o *frame* moral.

2

**A ANÁLISE DE DISCURSO
BASEADA EM *FRAMES*, O QUE É?**

A análise das construções de sentido por meio dos *frames* vem ganhando território no escopo dos estudos da linguagem desde início da década de 1980. Correntes que buscam compreender a linguagem por intermédio de uma abordagem cognitiva têm se preocupado em responder questões que vão desde o processamento da linguagem pelo cérebro até as investigações de problemas sociais manifestados nas diversas práticas discursivas que nos envolvem.

Essas questões mais complexas são evidenciadas pela dimensão sociocultural do *frame*⁴. É por meio dessa dimensão que as ideias circulam na sociedade. No escopo teórico adotado, entendo discurso⁵ como um conjunto de ideias manifestas via linguagem e que representa ideologicamente uma entidade, seja ela uma pessoa, uma empresa, um partido político, etc. O discurso, portanto, na compreensão adotada aqui, representa a dimensão sociocultural do *frame*.

Por essa razão, o discurso não emerge do vazio, mas se relaciona com os conceitos, com as ideias que já circulam, de alguma forma, na sociedade por meio da linguagem. A dimensão sociocultural do *frame* é complexa e depende das tradições da comunidade de circulação do discurso. Quanto mais complexo for o *frame*, ou melhor, quanto mais extensa for a sua rede neural, mais variância de sentidos ele pode ter.

Ao ativarmos, no Brasil, por exemplo, o *frame* CARNE DE VACA, os conceitos que afloram são os ligados à alimentação, mes-

4. Adiante, serão explorados o conceito de *frame* adotado nesta escrita bem como as suas dimensões.

5. Quando houver a ocorrência “discurso de posse” neste livro, será referente à dimensão interacional do *frame*.

mo se a pessoa for vegetariana. O mesmo *frame* acionado na Índia – onde a vaca é considerada um animal sagrado e a sua carne não pode ser consumida – traz conceitos ligados à heresia ou aos maus-tratos. Se alguém, no Brasil, for convidado para um churrasco de cachorro, certamente estranhará muito e, provavelmente, poderá recusar-se a participar ou protestará veementemente. Ora, concebemos vaca como alimento, mas concebemos cão como animal de estimação, como amigo. Na Coreia do Sul, no entanto, é comum o consumo de carne canina.

Esse exemplo, do consumo de proteína animal, é ilustrativo, mas a mesma dimensão do *frame*, a sociocultural, é responsável pelas regras que circulam em cada comunidade. Essa dimensão é complexa e não só pode como apresenta variação numa comunidade. Ao pensarmos em Bem-estar, por exemplo, pessoas de uma mesma família podem ter concepções diferentes. Um pode achar que o maior Bem-estar é a segurança pessoal, mesmo que isso custe a vida alheia; ao passo que outro membro da mesma família priorize a toda vida humana acima de uma suposta segurança pessoal.

Assim, entendo que uma análise de discurso que considere todos ou boa parte dos caminhos percorridos pela linguagem no processo de construção de sentido precisa, necessariamente, de ter um viés cognitivo. Por meio da análise de *frames*, é possível identificar as dimensões totais do discurso, desde a sua base (quase) pré-linguística até o discurso propriamente dito que indicará a ideologia predominante, os jogos de poder, a manipulação e qualquer idiosincrasia social que se manifeste por intermédio de alguma prática discursiva.

Nessa perspectiva, nem é preciso se analisar todas as dimensões do *frame*, se o objetivo é verificar como o discurso, ou me-

lhor, como o *frame* sociocultural é construído. Aqui, proponho um modelo de análise que foque, basicamente, quatro dessas dimensões para se ter uma análise de discurso concisa, a partir de um único aporte teórico: a Linguística Ecológico-Cognitiva.

2.1 Abordagem Ecológica da Linguística Cognitiva

A perspectiva ecológica aparece nas bases da LC desde, pelo menos, Lakoff e Johnson (2002). Já há a aceitação de que a nossa linguagem se desenvolve de acordo com nossas experiências, e “toda a nossa experiência é totalmente cultural, [...] experienciamos o ‘mundo’ de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 129).

Nessa perspectiva, portanto, a cognição acontece na interação entre organismo e ambiente. “A maneira como atribuímos sentidos ao mundo depende sobremaneira dos recursos biológicos e físicos fornecidos pelo ecossistema do qual fazemos parte. Integrados ao ecossistema, gerenciamos *inputs*” (Duque, 2015b, p. 55). Assim, à medida que essa interação acontece, acionamos aquele conjunto de situações relacionadas àquela circunstância para se fazer a compreensão do que acontece a nossa volta.

Se organizamos a linguagem em categorias (fonologia, morfologia, sintaxe etc.), é porque categorizamos todo o mundo ao nosso redor de forma semelhante. Como qualquer prática social, “Práticas de linguagem consistem de padrões emergentes de um sistema complexo adaptativo cujas condições iniciais estão na interação do homem com o ambiente” (Duque, 2016, p. 151).

As nossas experiências com o mundo, a nossa “corporeidade” (Lakoff; Johnson, 1999) são determinantes para o desenvolvimento da linguagem humana. O fato de caminharmos para frente motiva a criação de metáforas como “a minha infância está atrás de mim” ou “a vida é uma viagem” (Lakoff; Johnson, 2002). Ora, a abordagem ecológica, ao reinterpretar os postulados que embasaram a visão corporificada, avança ao dar mais importância ao meio e equipará-lo à mente corporificada para o desenvolvimento e processamento linguístico.

2.2 *Frames*

Uma das primeiras noções de *frame* a aparecer nos estudos linguísticos foi por meio de Fillmore (1982), que adotou esse termo para nominar o processo de ativação de sentido intermediado por um conjunto de traços socialmente reconhecíveis como pertencentes a um determinado conceito por meio da sua Semântica de *Frames*. Atualmente, compreendemos que os *frames* são circuitos neurais que apresentam dimensões que vão desde as mais básicas, como as esquemáticas, às mais complexas, como as socioculturais (Duque, 2017).

Fillmore (1982) acreditava que, se um conceito foi acessado, isso também queria dizer que todos os conceitos disponíveis também poderiam emergir, a depender de cada experiência que os usuários da linguagem tinham com o seu meio, ou melhor, a depender de como a sua categorização de mundo foi construída. Essa visão também é compartilhada por Petruck (2016).

Para aquele, *frame* indica “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, deve-se compreender toda a estrutura em que se ele en-

caixa” (Fillmore, 1982, p. 111, tradução minha) ⁶, ou seja, assim que um conceito é ativado, toda cadeia semântica que o permeia fica disponível. Desse modo, é possível que o enunciador possa guiar a compreensão de um texto por meio das escolhas que faz. Guiar os sentidos que emergem do texto influencia no nosso modo de interagir com o mundo.

Isso acontece, porque os *frames* são responsáveis, como mecanismos cognitivos, pelos nossos pensamentos, ideias e visões de mundo, ou seja, pensamos com *frames* (Lakoff, 2004; Duque, 2015a). Não se pode construir nenhum significado novo sem um *frame* já estabelecido em determinada cultura. Assim, é inegável que compreender os *frames* é importante para entender a construção de sentido e, conseqüentemente, a manipulação dos sentidos.

Da mesma maneira que o *frame* é imprescindível para a construção de sentido, é a partir, obviamente, dele que novos significados são criados. O *frame* é imperativo, por excelência, na manutenção dos significados e na ressignificação dos conceitos. Se os *frames* são estruturas mentais que moldam a forma como compreendemos o mundo (Lakoff, 2004), podemos, então, ressignificá-los.

Promover a mudança de perspectiva de um *frame* é, portanto, mais do que uma mudança linguística, é uma mudança social. A forma com a qual o presidente Lula, como ilustração, se refere a “trabalhadores” é diferente – traz uma rede semântica diferente – da maneira como o presidente Temer se refere a essa classe. Ao modificar a forma como o *frame* é ativado,

6. Do original: *By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits.*

ao atentar para os conceitos que são acionados em rede, há uma alteração na forma como determinado elemento passa a ser compreendido em dada situação. Esse recurso, a depender da ocorrência do tempo e meio de circulação, pode influenciar diretamente no papel social daquele conceito.

Compreender *frame*, nessa perspectiva, é compreender não só como os sentidos são criados, mas como a nossa realidade é moldada discursivamente. Para tanto, é preciso saber que os *frames* estão divididos em dois blocos: i) *frames* linguísticos; e ii) *frames* interacionais (Duque, 2017a). Essa divisão ajuda não só a organizar as análises, mas a compreender as especificidades de cada dimensão e suas atribuições na construção do sentido.

2.2.1 Frames linguísticos

Segundo Duque (2017a), os *frames* linguísticos refletem os aspectos sociais distribuídos pela materialidade linguística e auxiliam na determinação dos cenários interacionais a que os itens linguísticos estão relacionados. Em outras palavras, são tipos de *frames* que trazem toda a carga semântica, desde os aspectos mais primários até os fenômenos mais complexos e, ainda, auxiliam na composição material do texto, contribuindo para a conceptualização da forma da estrutura textual.

No escopo dos *frames* linguísticos, estão seis dimensões, de acordo com Duque (2017a), a saber: dimensão esquemática, dimensão conceptual básica, dimensão do evento, dimensão do roteiro, dimensão do domínio específico e dimensão sociocultural.

a) Dimensão esquemática do *frame*

A dimensão esquemática (esquemas imagéticos) remete aos modelos mais básicos, sobre os quais os *frames* mais complexos se edificam. Esses esquemas possuem um nível muito baixo de especificidade, não podendo ser analisados isoladamente, uma vez que não têm base em algo peculiar, mas em nossa relação sensório-motora, em nossa interação com o mundo físico ao nosso redor. São representações esquemáticas entre a interação do indivíduo e o seu meio. À medida que a percepção humana reconhece padrões, os *esquemas-I* são desenvolvidos.

Identificados por Lakoff (1987) e Johnson (1987), os *esquemas-I* (de acordo com Duque; Costa, 2012; Duque, 2015a), são divididos em: CONTÊINER, PARTE/TODO, LIGAÇÃO, CENTRO/PERIFERIA, ORIGEM/CAMINHO/META e ESCALA. Geralmente, esses frames são reconhecidos a partir das preposições contidas nas expressões.

- I. CONTÊINER e LIGAÇÃO CONTEÚDO-CONTINENTE – representa algo que armazena ou abriga algo. Pode ser uma casa, uma garrafa, o nosso próprio corpo, ou mesmo, um período temporal. É caracterizado por ter um interior e um exterior, além de um portal, limites e a noção de superfície. Este esquema é criado a partir da nossa percepção de que algumas coisas possuem interior ou exterior. Ex.: “O Brasil assistirá dentro de dez ou quinze anos o surgimento de uma nova geração de intelectuais, cientistas, técnicos e artistas originários das camadas pobres da população” (A íntegra., 2007, p. 1).

No exemplo anterior, o *esquema-I* CONTÊINER indica o limite de tempo em que a previsão de Lula, em seu discurso

em 2007, irá acontecer. Tempo é algo abstrato, mas, se houver uma base concreta, como um *esquema-I*, é de fácil compreensão.

II. LIGAÇÃO PARTE/TODO – representa estruturas que são compostas por diferentes elementos. Pode representar os elementos de forma isolada ou de forma geral ou por um todo, como uma parede, constituída por tijolos. No caso, a parede representa o TODO e os tijolos as PARTES. Esse *frame* pode representar unidade ou fragmentação, como podemos verificar no discurso de Lula, em 2003.

Ex.: “Essa é uma causa [redemocratização do país] que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia” (Brasil, 2003, p. 4).

III. LIGAÇÃO CENTRO/PERIFERIA – representa o núcleo de uma entidade e o que foge a esse núcleo. A periferia estabelece uma relação de dependência do centro, como os galhos dependem do tronco de uma árvore.

Ex.: “É a professora das áreas pobres do Brasil que ganha mais e tem a oportunidade de reciclar-se” (Brasil, 1999, p. 24).

Nesse discurso de FHC, em 1999, as “áreas pobres” são ligadas, por meio do investimento na educação, ao acesso aos direitos que já detêm as áreas mais abastadas.

IV. TRAJETÓRIA e LIGAÇÃO ENTRE PONTOS DA TRAJETÓRIA – representa uma estrutura que liga dois pontos. É o elo propriamente dito entre um ponto A e um ponto B, considerando todos os pontos intermediários do percurso.

Ex.: “Os primeiros passos desta caminhada passam por

um ajuste nas contas públicas, um aumento na poupança interna, a ampliação do investimento e a elevação da produtividade da economia” (Brasil, 2015, p.1).

No excerto do discurso de Dilma em 2015, a recuperação da economia está em TRAJETÓRIA.

- V. LIGAÇÃO TRAJETOR-MARCO – representa o percurso do deslocamento, como quando engatinhamos em direção à mãe, em busca de conforto.

Ex.: “Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com a ajuda do governo e de toda a sociedade, mudar de vida e de patamar” (Brasil, 2011, p. 1).

No primeiro discurso de posse de Dilma, em 2011, há o trecho em que “sair da” representa o esquema básico que remete às nossas experiências com movimento. No exemplo, os “que ainda lutam” (trajetores) se deslocam a partir de um marco (miséria).

- VI. ESCALA – é um esquema que sempre será associado a outros esquemas-I, sobretudo, ao CONTÊINER. Representa uma gradação aberta ou fechada.

Ex.: “E sabe quem sofre as primeiras consequências dessa inflação alta? É a classe trabalhadora e os segmentos menos protegidos da sociedade, é que pagam a parte mais pesada dessa conta” (Temer pede., 2016, p. 1).

Nesse exemplo, retirado do discurso de Temer, em 2016, há uma gradação. Quanto maior a inflação, mais pagam os indivíduos das classes menos abastadas.

b) Dimensão conceptual básica do *frame*

São *frames* associados a itens ou expressões lexicais individuais. Uma única palavra ou expressão é capaz de fazer com que um evento maior seja ativado. Por exemplo, quando ouvimos a expressão “chá de panela”, temos a ativação do *frame* CASAMENTO; bem como a palavra “parto” está associada ao *frame* NASCER.

Em FHC (1995), quando trata dos avanços do Plano Real – sua principal bandeira de campanha durante o primeiro pleito –, pode-se perceber que o *frame* investimento é o ativador de uma cadeia semântica de valor positivo. Vejamos: “O Brasil voltou a ser respeitado no exterior. Os investimentos estrangeiros multiplicaram-se, gerando novos horizontes para os brasileiros” (Brasil, 1999, p. 47). Se consultarmos o conceito de “investimento” numa ferramenta de busca na web, temos as seguintes ocorrências:

- “XP SUGERE INVESTIMENTO EM FUNDOS DA PIMCO, JPMORGAN, VERDE E OUTRAS GRANDES GESTORAS”.
- “CONHEÇA AS OPÇÕES DE FUNDOS DE INVESTIMENTO CAIXA: RENDA FIXA, CURTO PRAZO, MULTIMERCADO E MAIS”.
- “INVESTIMENTO: COM A QUEDA NA SELIC, POUPANÇA VOLTARÁ A GANHAR ATRATIVIDADE”.

É possível notar que as três primeiras aparições do item lexical em questão no *Google* indicam que investimentos são necessários, tanto que existem inúmeras instituições para administrar, avaliar ou orientar essa atividade. Quando ativou o *frame* INVESTIMENTO, FHC ATIVOU TODA A CADEIA DE SIGNIFICADOS QUE O ACOMPANHA.

c) Dimensão de evento do *frame*

Esta dimensão representa eventos, estados e mudanças. Também chamados de descritores de evento, os *frames* dessa dimensão são vinculados a uma estrutura argumental e recebem o nome de *esquema-X* quando vinculados a uma ação (Feldman 2006). Por exemplo, o *esquema-X* ENTREGAR exige três elementos para se realizar: i. quem entregou, ii. o que entregou, e iii. a quem entregou. Segue o quadro que demonstra a configuração dos *frames* descritores de evento:

Figura 1 – Configuração e tipologia dos de eventos e estados

	ONTOLOGIA	ESQUEMAS-1 MAIS RELEVANTES	TIPOS
EVENTO	AÇÃO/ EXPERIÊNCIA/ PERCEPÇÃO DESLOCAMENT O	TRAJETOR (agente e/ou entidade), TRAJETÓRIA e CONTEINER (marco)	MOVIMENTO AUTOPROPULSIONADO MOVIMENTO CAUSADO
		TRAJETOR (agente)/MARCO (entidade)	TRANSFORMAÇÃO (EMULADO DE MOVIMENTO)
		TRAJETOR/ENTIDADE/TRAJETÓRIA/ CONTEINER (meta)	TRANSITIVIDADE
			TRANSFERÊNCIA
ESTADO, LOCALIZAÇÃO CATEGORIZAÇÃO	ATRIBUTOS ENTIDADES	LIGAÇÃO CONTEÚDO-CONTINENTE	INCLUSÃO DE CLASSE
		LIGAÇÃO PARTE-TODO	ATRIBUIÇÃO DE TRAÇOS
		LIGAÇÃO CENTRO-PERIFERIA	PROTOTIPICIDADE
		LIGAÇÃO ENTRE PONTOS DE UMA TRAJETÓRIA	CAUSA-CONSEQUÊNCIA

Fonte: Duque (2015a, p. 38).

Segundo o quadro demonstrativo, há três configurações básicas de evento. Dizemos que essas configurações são básicas, pois, à medida em que acontecerem combinações, outros *frames* podem emergir. A seguir, há um trecho do discurso de posse do segundo mandato de Lula que indica a ação de MOVIMENTO CAUSADO, por meio da expressão “dar grande impulso”.

Sei que o investimento público não pode, sozinho, garantir o crescimento. Porém, ele é decisivo para estimular e mesmo ordenar o investimento privado. Estas duas colunas, articuladas, são capazes de dar grande impulso a qualquer projeto de crescimento (A Íntegra..., 2007, p. 1).

d) Dimensão de roteiro do *frame*

Esta dimensão é caracterizada por *frames* complexos, compostos por uma sequência cronológica de eventos. A recorrência de um evento pode criar um roteiro. A quebra de um roteiro, ou melhor, de uma situação que, socialmente, não é reconhecida como pertencente a determinado *frame* cria quebras de expectativas, o que, conseqüentemente, gera humor ou outros sentimentos motivados pela quebra da lógica.

Como ilustração, o discurso de investidura faz parte do roteiro de posse de um presidente eleito. O roteiro de uma assunção a esse cargo é desenhado desde a campanha, com eleições, passando pelo reconhecimento da derrota do opositor, até a posse – a qual acontece, segundo a Constituição, no dia primeiro de janeiro –, quando se estrutura como *frame* POSSE PRESIDENCIAL, efetivamente.

Os eventos que se sucedem vão desde a bênção do novo líder da nação, na Catedral de Brasília (extraoficial), até a festa da posse, à noite; antes, porém, o presidente desfila no Rolls-Royce da presidência até o Itamaraty para almoço, segue escoltado até o Congresso onde acontece o juramento e o discurso de posse. Depois, segue para a cerimônia da faixa e discurso no parlatório do Palácio do Planalto, apresenta os ministros

etc. Com exceção de Michel Temer, todos os presidentes que geraram material para estas análises seguiram esse roteiro durante suas posses.

e) Dimensão de domínio específico do *frame*

São *frames* evocados em contextos específicos (JUSTIÇA, RELIGIÃO, POLÍTICA etc.). Não são *frames* convencionais, pois não são emergidos por qualquer pessoa em qualquer circunstância. Uma pessoa, por exemplo, que no *YouTube* se dirige à nação como presidente eleito, reproduzindo um discurso com as mesmas características de um discurso de posse, não está, evidentemente, tomando lugar de líder do Brasil. PRESIDENTE é um *frame* ligado ao domínio específico da REPÚBLICA.

f) Dimensão sociocultural do *frame*

Antes de passar a tratar desta dimensão, é importante dizer que Duque (2017a) apresenta um avanço no entendimento desse *frame* em relação a Duque (2015a). Neste, o autor diferencia *frames* sociais dos *frames* culturais. No entanto, uma distinção entre sociedade e cultura parece ser impossível, uma vez que são partes integrantes entre si. Neste livro, para fins metodológicos, é adotada, então, a organização de Duque (2017a) para tratar dessa dimensão.

A dimensão sociocultural atenta aos aspectos mais complexos do *frame*. São *frames* que embasam o nosso comportamento em grupo e, também, as nossas escolhas individuais. Podem ser simples, como FAMÍLIA, ou mais complexos como ESCOLA e TEMPLO RELIGIOSO. O *frame* FAMÍLIA, por ser o

nosso primeiro *frame* social, acaba servindo de modelo para os demais *frames*, isso explica o fato de as crianças tratarem as primeiras professoras por tia.

Outro exemplo da base do *frame* SOCIEDADE SER O *frame* FAMÍLIA é o fato de vermos os papéis masculino e feminino sendo retratados como paternos e maternos em instâncias que transcendem a família, como numa empresa, quando se prefere uma chefia feminina por ser considerada menos autoritária, no imaginário popular. Esses *frames* são responsáveis pela evocação de estereótipos e são filtrados pelos modelos culturais que nos cercam.

FAMÍLIA no Brasil, por exemplo, é diferente de FAMÍLIA nos Estados Unidos da América. Enquanto lá é cultural que os filhos saiam de casa ao atingir a maioridade, aqui, apesar das constantes mudanças, ainda é comum que o casamento determine a saída dos filhos de casa. Apesar desses tipos de *frames* apresentarem certos traços distintivos, eles não são isolados e completamente diferentes, inclusive, podem vir associados.

Ao ativar-se um *frame*, ativam-se “cascatas” de circuitos neurais que formam uma rede semântica, isso traz à luz uma série de questões que ajudam no processamento de ideias, pois “o cérebro não processa ideias simples como entidades separadas: um contexto maior, uma construção lógica dentro da qual a ideia é definida, é evocada a fim de capturar o seu significado” (Lakoff; Wehling, 2012 *apud* Duque, 2015a, p. 27). Assim, é imperativo compreender que, dada a complexidade do *frame* sociocultural, as redes neurais ligadas aos seus conceitos serão mais extensas.

Os *frames* mais complexos estruturam-se sobre os *frames* mais simples, como os *esquemas-I*, por meio da combinação

desse modelos com as palavras que ativam o campo semântico daquela situação à qual nos referimos. Ao associarmos a ideia de CONTÊINER com as palavras “choro”, “caixão” e “flores”, compreendemos que se trata de um VELÓRIO, em nossa cultura, pois velórios ocorrem em lugares fechados, como templos ou na própria residência do falecido e sempre haverá tristeza, um corpo a ser velado e flores para homenagear o defunto.

Dessa maneira, torna-se necessário entender como os sentidos são construídos e reconstruídos. A compreensão humana, portanto, influencia na construção do significado, sobretudo a partir de nossas experiências num mundo compartilhado (Johnson, 1987).

Nossa posição no mundo, nossa forma de encarar o mundo e as ideias que circulam na sociedade estão, diretamente, ligadas à forma como encaramos a linguagem, pois ela está “estritamente vinculada a alguns processos mentais importantes, [e] temos, a princípio, uma fonte de dados virtualmente inesgotável para investigarmos alguns aspectos dos processos mentais”⁷ (Fauconnier, 2009 *apud* Duque, 2015a, p. 26). Compreender como a linguagem se processa é compreender como o mundo é construído.

2.2.2 Frames interacionais

São *frames* associados no momento da comunicação e incluem tanto o conhecimento das intenções do falante/escritor quanto a organização de sua fala em um texto coerente. Também contribuem para a boa condução de categorias discursi-

7. Do original “*language to be intimately connected to some important mental process, we have in principle a rich, virtually inexhaustible source of data to investigate some aspects of mental processes*”.

vas como romance, reportagens e poemas, pois “*frames* interacionais orientam a nossa conduta e as nossas expectativas do discurso” (Duque, 2015a, p. 34).

2.3 Seleção lexical e metáfora no acionamento de *frames*

A seleção lexical é, claramente, um mecanismo de acionamento linguístico⁸ de *frame*. Nas páginas anteriores, vários exemplos foram dados no sentido de ilustrar essa característica. Apenas com a dimensão conceptual do *frame* é possível fazer emergir uma rede de conceitos, como VELÓRIO OU CHURRASCO DE VACA. A escolha daquele como mecanismo de acionamento de *frames* determina a direção do pensamento do interlocutor de um texto. É possível, por meio desse recurso, guiar o pensamento individual ou coletivo.

Outro mecanismo para o acionamento linguístico de *frame*, além da seleção lexical, é o mapeamento metafórico. A ideia de que “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana é aceita, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45). Dessa maneira, assim como as escolhas lexicais, a construção ou reprodução de metáforas ativa redes neurais complexas.

As metáforas desempenham um papel importante em nossa relação com o mundo e com as pessoas, pois o mundo, da forma como nós, seres humanos, o enxergamos, foi cons-

8. *Frames* não necessariamente são acionados por meio da linguagem verbal, mas por qualquer forma de linguagem. Ainda hoje, mesmo com a rapidez da comunicação pelas redes sociais, as pessoas ainda se espantam com a vinheta do programa *Plantão da Globo* que foi associada, no imaginário coletivo, a tragédias. A vinheta é composta de linguagem não verbal, com um som particular e uma imagem bem característica. Tal vinheta é um indexador de *frames* de catástrofes.

truído e depende de uma série de fatores que vão desde a nossa interação física com o meio até a interação com textos construídos sob determinadas visões de mundo. Ou seja, metáfora não é mera questão de linguagem, mas os nossos próprios processos de pensamento são, segundo Lakoff e Johnson (1980 [2002]), em grande parte, metafóricos.

No excerto “[...] [para que o país] volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social” (Brasil, 2003, p. 6), o presidente petista, em seu primeiro discurso de posse, elucida a metáfora o Brasil é uma embarcação. Compreender a economia de um país, algo complexo e abstrato, pode ser uma tarefa difícil. Essa estratégia de acionamento de *frame* pelo mapeamento metafórico ajuda entendedores das políticas econômicas estatais a conseguirem, ao menos, vislumbrarem algum sentido no que é dito, entenderem alguns conceitos.

As metáforas, de modo geral, partem de um conceito mais concreto para um conceito mais abstrato. É comum recorrermos às experiências mais concretas, como a navegação, para compreendermos conceitos mais abstratos, como a economia de um país. Em linhas gerais, quanto mais complexo e/ou abstrato é um conceito, mais o mapeamento metafórico presentificar-se-á como mecanismo de acionamento de *frames*.

Como toda atividade da linguagem humana, a política, como se percebe, é permeada por metáforas. A política – aqui tratada no seu aspecto macro, não como sinônimo de política partidária ou eleitoral – define as nossas vidas, o futuro, o rumo que uma comunidade, desde um pequeno vilarejo até um grande país, vai tomar. Como tudo na vida, evidentemente, a política também é estruturada em metáforas. E, para que a política exista – teoricamente – senão para trabalhar pelo nosso bem-estar?

A seguir, apresento o *frame* moral, desenvolvido por George Lakoff. Os *frames* morais correspondem à dimensão *socio-cultural* do *frame* e, portanto, servem como um dos norteadores das nossas relações interpessoais e da construção de nossa visão de mundo.

2.4 *Frame* moral

No Brasil, é muito comum confundir Liberalismo com Conservadorismo. Por conta de políticas neoliberais implantadas em nosso país por governos que não se associaram ao pensamento progressista, houve esse engano na construção daquele conceito no senso comum. Por isso, ao invés de tratar o dualismo Conservador *versus* Liberal, em tradução direta ao postulado de Lakoff (1995, 2002, 2008), este livro chamará o contínuo de Conservador *versus* Progressista.

É importante, também, que tentemos não associar os termos Direita *versus* Esquerda, haja vista considerarmos nomenclaturas relacionadas a perspectivas econômicas. Ou seja, quando o estado detém os meios de produção, chamamos de uma política de esquerda, ao contrário de uma política de direita, quando há o incentivo ao livre mercado, independente do governo. Evidentemente, o conceito de bem-estar vai influenciar nas perspectivas das políticas econômicas, mas aqui, de fato, focalizo as questões relacionadas apenas aos direitos individuais⁹.

9. Este livro adota a perspectiva do Diagrama de Nolan, desenvolvido em 1969. Esse postulado divide a política em dois eixos: um econômico e outro individual e propunha uma mudança na taxonomia direita x esquerda, muito simplista ao seu modo de ver para dar conta das questões políticas.

Antes de começar, propriamente, a tratar do *frame* moral, é importante lembrar-se de que a compreensão da moralidade depende, fundamentalmente, da nossa compreensão metafórica, em que tudo que é abstrato é marcado linguisticamente por meio de metáforas (Lakoff; Johnson, [1980] 2002). Assim, conservadores e progressistas pensam de forma diferente, mas ambos têm algo em comum: a noção de moral. Para ambos, moral é sinônimo de bem-estar. O que vai diferenciá-los, não obstante, é o conceito de bem-estar que eles possuem.

Lakoff (1995, 2002) apresenta uma série de categorias que possibilitam compreender como se constrói a moral nos discursos políticos. Neste segmento esses postulados serão trazidos e, à frente, direcionarão a análise do *corpus* deste livro.

Segundo o autor, bem-estar, para todos nós, é sinônimo de riqueza. “Entendemos um aumento no bem-estar como um ‘ganho’ e uma diminuição do bem-estar como uma ‘perda’ ou um ‘custo’”¹⁰ (Lakoff, 1995, tradução minha). Logo, a contabilidade como domínio fonte é sempre presente na construção do *frame* moral. Ao tratarmos de bem-estar, é preciso que a nossa balança financeira esteja sempre no positivo, e a fórmula, para que essa conta seja sempre mantida no azul, é diferente para Conservadores e Progressistas.

Nesse contexto, a Metáfora da Contabilidade Moral é organizada, de acordo com Lakoff (1995, 2002), por meio dos seguintes esquemas básicos:

10. “We understand an increase in well-being as a ‘gain’ and a decrease of well-being as a ‘loss’ or a ‘cost’”.

Reciprocidade	<p>Se algo positivo é feito, há reciprocidade positiva. Desse modo, a dívida é paga. Ação moral é dar algo positivo; ação imoral é dar algo negativo.</p> <p>O não pagamento de dívidas morais é imoral.</p>
Retribuição	<p>Se uma ação negativa é feita, a ação negativa é retribuída. Subtrair ganho do outro que lhe causou perda é uma forma de equilibrar a balança.</p> <p>Se uma ação negativa é feita e não há retribuição dessa ação negativa, há a Bondade Absoluta.</p>
Vingança	<p>Se algo positivo é retirado, retira-se algo positivo do outro. Diferentemente da Retribuição, não é outra ação negativa que é feita, mas algo positivo que é tirado.</p>
Restituição	<p>Compensação. Se algo de negativo foi feito, algo de positivo foi retirado. Assim, dá-se algo positivo para que a ação negativa seja compensada.</p>
Altruísmo	<p>Não há dívidas quando se realiza uma ação positiva. Não se espera nada em troca.</p>
Dando a outra face	<p>Se há algo positivo retirado ou uma ação negativa sofrida, dá-se algo positivo.</p>
Karma	<p>Se algo bom é feito, algo bom retorna naturalmente, como uma lei do universo. Você receberá o que você merece¹¹.</p>

11. Baseada na Teoria Budista do Karma, essa moral representa a lei do retorno.

Recompensa e
Punição

Para se manter a autoridade, dá-se uma punição a uma ação negativa ou dá-se uma recompensa a uma ação positiva. Um soldado que não cumpre uma ordem superior, no exército, é punido.

Trabalho

Trabalho como recompensa: o patrão tem autoridade sobre o empregado. O empregado é moral se ele obedece às ordens do padrão. O patrão faz um favor ao trabalhador ao empregá-lo.

Trabalho como troca: o trabalhador troca seu trabalho por dinheiro. O emprego é uma troca voluntária entre o trabalho do trabalhador e o dinheiro do patrão. Um depende do outro.

Esses esquemas básicos são acionados inconscientemente de acordo com as situações com as quais nos defrontamos. Lakoff e Johnson (1999) afirmam que o tipo de moral acionada vai depender dos nossos propósitos, interesses e do contexto particular em que nos encontramos.

Lakoff (1995) esclarece que nem toda moral é metafórica e que as experiências morais não-metafóricas estão alicerçadas nas noções de bem-estar físico e bem-estar econômico (riqueza). Assim, causar danos à saúde, à felicidade ou à liberdade é uma ação imoral. E todos irão partilhar dessas premissas porque, uma vez que “a nossa noção do que constitui o bem-estar é amplamente compartilhada, nosso conjunto de metáforas para a moralidade também é amplamente compartilhado”¹² (Lakoff, 2002).

12. Do original “our notion of what constitutes well-being is widely-shared, our pool

Da mesma forma que os esquemas são compartilhados, os conceitos básicos da metáfora moral também o são. Lakoff (2002, p. 55, tradução minha) afirma que “a metáfora da contabilidade moral nos permite compreender melhor como conceituamos noções morais fundamentais”¹³. Alguns desses conceitos básicos são: a verdade, a confiança, a justiça, os direitos e os deveres, a autorretidão e a equidade.

Se as metáforas são partilhadas, obviamente Progressistas e Conservadores se valem das mesmas metáforas, no entanto cada grupo dá um valor diferente a elas. O que vai diferenciar é qual o conceito de bom, por exemplo, o preço da bondade, ou ainda o que legitima essa força, o que garante a autoridade. Para entender melhor essas especificidades, cabe, adiante, observarmos os modelos metafóricos adotados por Conservadores e Progressistas. Em poucas palavras, a metáfora pode ser a mesma, mas a sua cadeia semântica é constituída de maneira diferente.

2.4.1 A moralidade da família do pai severo

O Modelo do Pai Severo é baseado numa visão de mundo que o tem como fundamentalmente perigoso (Lakoff, 2002). Até pelo nome, é possível perceber a sua gênese conservadora, sobretudo, por apresentar um modelo tradicional de família, cujo poder é centrado na figura masculina do pai. Além disso, o modelo de moral, aqui, não é baseado na recompensa e na punição, mas na luta pela sobrevivência – entendida nesse cenário como sucesso frente à competição – a qualquer custo.

of metaphors for morality is also widely shared”(on-line).

13. Do original “the moral accounting metaphor allows us to see better how we conceptualize fundamental moral notions”.

Ainda nesse modelo, a moral do pai é dada pela autoridade. O pai é a autoridade absoluta, a figura hegemônica da família e, portanto, deve ser respeitado por isso. Para seus filhos, desse modo, ser moral é ser obediente. E esta obediência é fruto única e exclusivamente da subordinação ao pai, uma vez que o forte (pai) domina o fraco (filhos). Nesse contexto, a figura materna está empregada apenas em manter o bom funcionamento da casa.

Em seus estudos, baseado na política americana, Lakoff (2002) afirma que esse modelo de família é recorrente na construção metafórica dos Conservadores, ao passo que o modelo da família dos pais protetores é mais presente no discurso dos Liberais ou Progressistas.

2.4.2 Metáforas conservadoras para a moral

As principais metáforas conservadoras para a moral estão ligadas à força. A **Força Moral**¹⁴ é um complexo conjunto de metáforas que partem da seguinte premissa:

- Ser bom é estar para cima.
 - Ser mal é estar para baixo.
- Alguns exemplos¹⁵ são: “ele está pra baixo não é de hoje”; “eu estou acima de qualquer suspeita”.
- Fazer o mal é cair.
 - O mal é uma força (interna ou externa).
 - Para permanecer ereto, é preciso ter força para vencer o mal.

14. Para fins metodológicos, serão utilizados os nomes dos *frames* morais em negrito, tanto neste capítulo quanto nas análises.

15. Recolhidos em *site* de busca na internet (*Google*).

- Moralidade é força.

As pessoas não nascem fortes, precisam adquirir essa força passando pelas provas.

Esse conjunto de **Força Moral** é constituído pela correspondência entre domínios físicos e morais (Lakoff, 1995, 2002). Desse modo, uma punição pode ser algo positivo, uma vez que é preciso ser forte para ser moral. Quem não suporta a prova é suscetível a cair, e a queda é imoral.

Para os conservadores, boa parte da moral está relacionada à força interior, à habilidade, ou não, de ter autocontrole sob os males internos. Dessa forma, a metáfora, aqui, tem as seguintes implicações:

- O mundo é dividido entre o bem e o mal.
- Para permanecer bom diante do mal (para enfrentar o mal), é preciso ser moralmente forte.
- Torna-se moralmente forte por meio da autodisciplina e da abnegação.
- Alguém que é moralmente fraco não pode suportar o mal e, assim, acabará por cometer o mal.
- Desse modo, a fraqueza moral é uma forma de imoralidade.
- A falta de autocontrole (a falta de autodisciplina) e a autoindulgência (a recusa de se engajar na abnegação) são, portanto, formas de imoralidade¹⁶.

Como é possível perceber, a **Força Moral** apresenta dois aspectos distintos: enfrentar o mal externo e ter autocontrole

16. Lakoff (2002).

sobre o mal interno. Dessa maneira, o mundo para o conservador é uma grande ameaça. Todo esse conjunto de metáforas vai definir a forma como os conservadores enxergam o mundo e, conseqüentemente, os outros.

No modelo moral da família do pai severo, por exemplo, tudo que não pertence à sua família, todo o mundo fora de seu domínio é um mal em potencial, ou, pelo menos, um possível despertador do mal interior, uma força capaz de retirar a autodisciplina dos membros da família. Ou seja, o mundo é ameaçador. Os males internos, por sua vez, são tão ameaçadores quanto os males externos.

É importante, aqui, dizer que “a visão metafórica da moralidade como força é um produto da mente humana. Mas não é um produto arbitrário. É fundamentado em um fato sobre o bem-estar experiencial, que é melhor ser forte do que ser fraco”¹⁷ (Lakoff, 2002, p. 75, tradução minha). Desse modo, mais uma vez, as nossas experiências de interação com o ambiente e com os outros influenciam na nossa forma de compreender o mundo e atribuir-lhe significado.

Quanto à autoridade, é importante dizer que, como no modelo moral da família do pai severo, o pai, homem, é o núcleo daquela sociedade, assim, espera-se que as pessoas abaixo dele o respeitem. As crianças têm o dever de obedecer ao pai apenas pelo fato dele ser o pai. A autoridade, nessa perspectiva, não é conquistada, mas absoluta. Por essa razão, nesse modelo, o esquema básico de retribuição é o mais evidente, uma vez que se é punido se algo ruim for feito, mas se é gratificado se fizer algo bom.

17. Do original: “The metaphorical view of morality as strength is a product of the human mind. But is not an arbitrary product. It is grounded in a fact about experiential well-being, that it is better to be strong than to be weak”.

Assim, o conceito de **Autoridade Moral** destes seguimentos será composto da seguinte maneira:

- Uma comunidade é uma família.
- A autoridade moral é a autoridade dos pais¹⁸.
- Uma figura de autoridade é um dos pais.
- Uma pessoa sujeita a uma autoridade moral é uma criança.
- A obediência é o comportamento moral de alguém sujeito à autoridade.
- O comportamento moral das pessoas com autoridade está definindo os padrões e fortalecendo-os.

Esse tipo de metáfora apresenta tais conceitos como forma de legitimar uma autoridade no nível parental. Como destacado, quem não tem autoridade moral é tido como uma criança, que está sujeito a cumprir tudo o que lhe é determinado em troca de retribuições ou para evitar punições.

Dessa maneira, é possível identificar uma determinada **Ordem moral** que, no cenário do modelo conservador, configura-se da seguinte maneira: a ordem moral é a ordem natural. Essa metáfora representa o poder da hierarquia e, portanto, assegura o papel do pai no domínio da família conservadora e de outros segmentos hierárquicos.

Nesse contexto, “Deus tem autoridade moral sobre as pessoas. Pessoas têm autoridade moral sobre a natureza (animais, plantas e objetos naturais). Adultos têm autoridade moral sobre crianças. Homens têm autoridade moral sobre mu-

18. Lakoff (2002), no entanto, afirma que a centralidade desta família, tipicamente, será a figura do pai.

lheres”¹⁹ (Lakoff, 2002, p. 81, tradução minha). Essa metáfora permeia o conceito de família dos conservadores. E sendo o pai, ou a figura de maior autoridade da família, responsável por garantir a segurança dos que lhes são subordinados, protegendo-os dos males externos e internos, como se definem, então, os **Limites morais**?

Da mesma forma que esse modelo é baseado na rigidez do pai, o comportamento dos que estão sob o seu domínio é bem regrado, com limites bem definidos. É amoral o comportamento, as ações que transgridam os limites prescritos. Alguém que se desvia dos limites da moral desperta nos que respeitam esses limites um sentimento de raiva. E devemos lembrar que a Retribuição é um esquema básico da moral conservadora, assim, quem transcende uma regra pode ser punido, da mesma forma como pode ser recompensado alguém que promove uma ação boa.

De acordo com o exposto por Lakoff (2002), é um comportamento considerado positivo a punição a quem não seguiu os limites morais. Em fevereiro de 2014, um menor de idade, negro, foi amarrado nu a um poste num bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro por estar furtando no local. Esse caso gerou comoção social e parte da opinião pública e da imprensa consideraram certa a atitude dos justiceiros. Ora, se o jovem transgrediu um princípio da moral (roubar não é moral) merecia tal punição, mesmo que a punição também fosse um desvio do limite moral. No entanto, como vimos nos esquemas básicos, uma ação negativa contra uma ação negativa tem efeito positivo.

19. Do original: “God have authority over people. People have moral authority over nature (animals, plants, and natural objects). Adults have moral authority over children. Men have moral authority over women”.

Ainda aproveitando esse exemplo, ambos os grupos – pró-punição e contra a punição – entraram em conflito sobre os limites da liberdade. Lakoff (2002) apresenta **os limites morais** como uma definição do entendimento sobre direitos e deveres. Inclusive, os que querem impor a sua visão aos outros são vistos como cerceadores da liberdade. Os limites morais, assim, são construtores e limitadores de direitos.

Outra contribuição do linguista americano para a compreensão da moralidade do modelo do pai severo é a noção de **Essência moral**, que define o caráter. E o caráter é entendido por meio de uma metáfora simples: PESSOAS SÃO OBJETOS. E de qual essência esses objetos são feitos? Uma pessoa boa, por exemplo, é um ser humano de ouro; uma pessoa ruim, lixo.

A **Essência moral** tem três implicações de acordo com Lakoff (2002, p. 89, tradução minha)²⁰:

- Se você sabe como a pessoa tem agido, você sabe seu caráter.
- Se você conhece o caráter da pessoa, você sabe como ela agirá.
- O caráter básico da pessoa é formado na idade adulta (ou talvez, um pouco antes).

Evidentemente, essa noção de caráter formado na idade adulta compete aos que estão no seio da família. O pai desse modelo irá proteger o seu filho dos males, no entanto essa proteção não se estende a adolescentes negros “pegos” furando na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

20. Do original: “If you know a person has acted, you know what his character is. If you know a person’s character is, you know how he will act. A person’s basic character is formed by adulthood (or perhaps somewhat earlier)”.

Se é o pai que estabelece as regras e os limites morais no modelo metafórico da família do pai severo, é ele, por consequência, que define o que é **Integridade moral**. Quem segue as regras, portanto, é moral, é íntegro; quem é imoral é degenerado. O problema, nessa questão, é que a degeneração de um integrante pressupõe a degeneração do grupo. Não ser íntegro representa um perigo para a sociedade, pois, sem moral, não há progresso. Assim, mais uma vez, a punição – o mais cedo possível – se torna extremamente necessária, pois, sem punição, a imoralidade fica desenfreada.

Por esse fator que os grupos conservadores no Brasil têm, ultimamente, endossado os debates sobre a redução da maioria penal, pois eles acham que a punição aplicada aos menores de 18 anos não é suficiente para corrigi-los. Quanto mais cedo se punir, mais a sociedade ficará controlada, moral. Ao filiarem-se a esse tipo de tendência, os conservadores não pensam necessariamente apenas na punição, mas em proteger os que consideram como seus, mesmo que tal proteção possa colocar os adolescentes que não pertencem ao seu nicho em uma cadeia comum, o que é um risco. Manter o transgressor afastado, acredita-se, ajuda a manter a **Pureza moral** dos demais. Ora, moralidade é pureza; imoralidade, impureza.

Nesse mesmo entendimento, temos a **Saúde moral**: moralidade é saúde; imoralidade, doença. Se uma pessoa apresenta comportamento moral negativo, podemos dizer que ela está doente, por exemplo: o homem que não respeita a Deus é doente, se retomarmos a hierarquização apresentada por Lakoff (2002, p. 81). Alguém que é imoral tem uma mente doentia, pode contagiar os demais.

Outro fator que é marcante nesse modelo é o **Autointeresse moral** que representa a vontade do indivíduo de conse-

guir atingir o bem-estar. Lutar pelos seus interesses pessoais é uma questão de moral positiva. Desse modo, quem não busca o seu bem-estar é imoral. Por estarem imersos nessa metáfora, alguns setores conservadores atacam programas sociais, como o Bolsa Família, e chegam a dizer que o programa sustenta vagabundo. Ora, na “cabeça” deles, o programa incentiva a não busca pelo seu bem-estar, portanto, quem recebe ajuda do governo é imoral. No entanto, não se critica o fato de, por exemplo, uma pessoa que vive de uma grande herança nunca ter feito nada propriamente dito para o seu bem-estar.

Para os conservadores, propostas para o bem comum como o Bolsa Família ou mesmo uma proposta econômica socialista, por exemplo, são vistas como uma ameaça à ordem moral pois, segundo seus pensamentos, não privilegiaria o autointeresse na busca pelo bem-estar, ou seja, não beneficiaria a chamada meritocracia (Lakoff, 2002). Isso explica, por exemplo, a obsessão de algumas pessoas pelo dinheiro. Geralmente, essas pessoas dispõem mais tempo ao trabalho do que à família, pois acreditam que a sua **Força moral** está atrelada ao **Autointeresse moral** pelo sucesso financeiro. Para Lakoff (2002), pais progressistas preferem um emprego com mais tempo livre para cuidar da família, ao contrário dos conservadores.

Outro ponto importante diz respeito ao fato de as pessoas indefesas serem vistas como crianças. A questão é que, além de precisar de sustento, **Moralidade como nutrição**, as crianças no modelo de família do pai severo estão subordinadas à autoridade, que deve ser mantida acima de tudo. Segundo Lakoff (2002), entre a nutrição e a autoridade, a autoridade é sempre privilegiada, ou seja, mais importa a manutenção da

autoridade do pai, ou seja, o bem-estar do pai, do que a proteção, em todos os aspectos, da criança.

Assim, a punição é evocada, mais uma vez, se a **Força moral** do pai estiver ameaçada. A punição, no entanto, não é vista como algo ruim à criança, nem como privilégio da autoridade em detrimento do cuidado, pois “isso é visto como ensino de autossuficiência e respeito à autoridade legítima”²¹ (Lakoff, 2002, p. 96, tradução minha). Esse ato é visto como uma forma de amor.

Lakoff (2002) traz um exemplo bem interessante para se entender esse conceito moral. Imaginemos que uma comunidade sofre um incêndio ou uma enchente, causados pela sua própria irresponsabilidade. **Força moral** seria aquela se recuperasse por conta própria, pois, dependendo do governo, ela demonstraria que, durante sua formação, se tornara suficientemente responsável por si. Seria imoral se o governo reconstruísse sozinho essa comunidade, mostraria que as pessoas que ali vivem não desenvolveram suficientemente sua responsabilidade.

Até aqui, percebemos, claramente, o maniqueísmo do modelo de moralidade do pai severo. O bem e o mal, o certo e o errado são duas constantes, cabe ao pai manter a família na linha do bem, na linha do certo. E isso se dá por meio de artifícios rigorosos, que distanciam o que aquele considera errado ou o mal dos seus filhos. Mas também é um indicativo de pouca relação afetiva, uma vez que a autoridade moral é sempre privilegiada nessas relações.

21. Do original: “it is seen as teaching self-reliance and respect for legitimate authority”.

Saber lidar com o mal ou com o errado é uma característica de autodefesa que o sistema de moralidade apresenta. Assim, o sistema de moralidade acaba recebendo uma blindagem, pois ir contra ao sistema é imoral, portanto, defendê-lo é moral. Por isso, grupos que lutam contra o sistema patriarcal são vistos como imorais, vilões, alvos a serem combatidos, como as feministas ou os ativistas da causa LGBT. Quanto mais o sistema metafórico do pai severo for atacado, mais fica forte a sua defesa.

Além de perceber as metáforas e a capacidade do sistema de defender qualquer instituição ou grupo que lhe ameace, é possível compreender, também, que essas morais se organizam a partir de uma hierarquia. Em primeiro lugar, aparecem as morais que fortalecem os grupos, por fim, a moral que fortalece o indivíduo. Como é possível observar, a **Força moral** está no topo da hierarquia metafórica e Moralidade como nutrição aparece no final da lista para os Conservadores.

2.4.3 Modelo da família dos pais protetores

Ao contrário do modelo anterior, o Modelo da família dos pais protetores não é centrado na figura masculina do pai, mas dos pais, ambos com mesma importância. Outra diferença importante é como a autoridade é construída. Nesse cenário, a autoridade é legitimada, conquistada por meio do cuidado, da proteção. Consequentemente, o respeito aqui não é imposto, mas fruto do bom cuidado.

Assim como o pai severo, os pais protetores querem garantir a segurança dos filhos. Querem garantir, sobretudo, que os males externos não os afetem. Esses males vão desde, obviamente, drogas e violência até o uso de agrotóxico pela indústria de alimentos ou tintas com chumbo (Lakoff, 1995). E

a forma de garantir tal segurança, sem imposições e punições, possibilita à criança filha de pais protetores ter um senso de diálogo e de comunidade mais desenvolvido em comparação com os filhos dos pais severos.

Pais protetores mantêm uma relação de amor e respeito no trato com os filhos e mostram que as suas ações almejam o bem-estar da família, uma vez que o mundo é o mesmo mundo que habita a família do pai severo: com males e perigos. A questão, aqui, é ajudar as crianças a terem uma noção desses males e convencê-los, sem imposição, de como eles devem lidar com mundo. Obviamente, como a intenção desses pais mais progressistas é o bem-estar da família, eles terão a última palavra sempre, mas, antes disso, haverá uma série de conversas e ensinamentos.

Devido à autoridade ser conquistada e não imposta, e do amor ser mais importante que o dinheiro, as metáforas que fundamentam esse sistema progressista serão diferentes das metáforas conservadoras. É importante adiantar que o conceito de família para os pais protetores vai além da própria casa, pois entendem a comunidade de maneira mais macro, na qual a família está incluída, diferente dos pais severos, os quais se preocupam apenas com os seus familiares.

A primeira moral desse sistema é um indicativo de toda rede de metáforas que ele apresenta. **Moral como empatia** é entender o outro, se colocar no lugar do outro. É uma forma de tomar consciência sobre o outro. Lakoff (2002) afirma que expressões como “eu sei como é estar na sua pele”, “eu sei como você se sente” ou “sinto por você” são algumas formas disso se materializar pela linguagem. Aqui, a máxima é fazer pelos outros o que gostaríamos que fizessem por nós. Assim,

“tomar a moralidade como empatia requer basear suas ações em valores de outrem, não nos seus”²² (LAKOFF, 2002, p. 115, tradução minha).

Ainda nesse contexto, Lakoff (2002) elenca dois tipos de empatia: a) a empatia absoluta, quando temos a capacidade de sentir exatamente como o outro sente; e b) a empatia egocêntrica, que nos permite sentir o outro, mas ainda imbuídos de nossos valores. Ou seja, há pessoas que só conseguem se colocar no lugar do outro se enxergarem nesse outro um ser parecido consigo, imerso em seus próprios valores.

Desse modo, a empatia pode não ser pura (absoluta) e ter alguns graus que vão desde a egocêntrica à absoluta, formando um contínuo. A empatia moral contribui com a noção de **Moral como nutrição**. Imaginemos, então, um pai o qual não tem empatia absoluta pelo filho que não segue os seus valores. Esse pai pode não nutrir adequadamente a criança, retirando, assim, um direito desta, considerando que nutrição não se trata, apenas, de alimento, mas de carinho, amor, respeito.

Essa noção de moral – de acordo com a rede metafórica do modelo dos pais protetores – é projetada para toda a comunidade. Portanto:

- A comunidade é uma família.
- Os agentes morais são os pais protetores.
- Pessoas que precisam de ajuda são como crianças precisando de nutrição.
- Ação moral é nutrição/proteção.

22. Do original: “Taking morality as empathy requires basing your actions on their values, not yours”.

Além disso, essas metáforas implicam que:

- Para nutrir crianças, é preciso ter absoluta e regular empatia com elas.
- Para agir moralmente em relação às pessoas que precisam de ajuda para sobreviver, deve-se ter absoluta e regular empatia com elas.
- Nutrição pode exigir sacrifícios para cuidar das crianças.
- Ação moral pode exigir sacrifícios para cuidar verdadeiramente de pessoas necessitadas (Lakoff, 2002).

Por meio dessas questões, é possível compreender o modelo de família dos pais protetores e, portanto, compreender o modelo de sociedade dos progressistas. Como o modelo de família é amplo, vai além da própria casa, o entendimento das pessoas que precisam de apoio da comunidade e do governo é maior. Nesse cenário, os membros da família e a comunidade precisam atentar para a proteção das crianças e perceber quando, e o quanto, elas precisam de ajuda. Cabe aos adultos cuidarem das crianças, cabe aos abastados e aos mais esclarecidos proverem a nutrição aos mais carentes de comida, de conhecimento ou de carinho.

Portanto, a **Compaixão** é um fator importante para esse modelo. Pessoas que não conseguiram alcançar a empatia absoluta podem ser acometidas pela compaixão e ter maior grau de empatia por aqueles que não carregam seus valores. Em algumas épocas do ano, podemos observar um aumento da compaixão, como no Natal, por exemplo, quando pessoas doam alimentos e brinquedos para outras pessoas que, durante o restante do ano, não tiveram sua atenção. Além de datas festivas, tragédias também fazem com que a compaixão

aflore, tal qual ocorreu durante as enchentes em Pernambuco, em 2017, que deixaram pessoas desabrigadas e ocasionaram algumas mortes, ocasião que gerou uma série de doações e mobilizações de todo o país.

No entanto, antes de nos dispormos a cuidar dos outros, é preciso que cuidemos de nós mesmos. Dessa maneira, a **Auto-nutrição** é importante para a manutenção adequada da moralidade. Quando uma pessoa que não se preocupa em suprir as próprias necessidades básicas – emprego, saúde, alimentação – e se dispõe apenas a nutrir o outro, o altruísmo toma a cena. Contudo, ao contrário do que o ideário comum indica, ser altruísta tem pontos negativos, porque, pela contabilidade moral, a pessoa cuidada pelo altruísta possui dívidas. Além disso, deixar de lado o próprio cuidado pode representar um declínio da saúde ou declínio em outras áreas (Lakoff, 2002). Dessa maneira, degradar-se pelo outro é imoral.

Como se pode perceber, a moralidade, na perspectiva dos pais protetores, passa por dois vieses: um interno e um externo. Não é a vontade individual que se sobrepõe nesse modelo, mas um equilíbrio entre esta e a vontade da comunidade. Nesse sentido, é importante entender a **Moralidade como proteção social**, o que controla e mantém os níveis sociais para que a empatia e a boa relação entre os indivíduos funcionem. Assim, temos que considerar que:

- Agentes morais são pais protetores.
- Laços sociais são crianças precisando de ajuda.
- Ação moral é proteção como laço social.

Como é possível perceber, a metáfora sobre os laços sociais é baseada na nossa relação de cuidado com as crianças.

Portanto, precisamos saber que:

- Para agir moralmente, é preciso atentar constantemente aos laços sociais.
- É preciso fazer sacrifícios para manter os laços sociais.
- Pessoas que mantêm e restauram laços sociais têm o dever de fazer isso.
- É errado não manter e restaurar laços sociais.

Dessa forma, por meio de tais relações, o bem-estar social consegue ser mantido. Como, obviamente, o bem-estar vai ser a metáfora básica da moralidade, não poderia se ausentar do leque da moralidade da família dos pais protetores a **Moralidade como felicidade**.

Nesse sentido, Lakoff (2002) lembra que proteção exige sacrifício, e a felicidade é uma forma de compensação. No entanto, a busca pela Felicidade moral pode representar uma forma de egoísmo, portanto, ela tem algumas regras, como, por exemplo, o compromisso com a empatia. Moralidade como felicidade só é plena se não se é feliz sozinho.

Também, nesse cenário, aparece a **Moral como autodesenvolvimento** que consiste em promover atitudes que não sejam excludentes e vão de encontro à empatia. Esse desenvolvimento tem de cultivar laços sociais na busca da felicidade, não só para si, mas para toda a comunidade. Assim, a educação, o serviço comunitário e a integração com outras culturas desenvolvem, segundo o linguista americano, o autodesenvolvimento. A interação, aqui, é a chave para que essa moral seja alcançada.

A noção de igualdade para esse modelo, portanto, é cara. O conceito de **Moralidade com distribuição justa** evidencia

isso. É latente nos exemplos de Lakoff (2002) que essa noção de distribuição está relacionada com a equidade, pois quem precisa de mais, precisa receber mais. Uma criança pequena, por exemplo, precisa de mais atenção dos pais. Se tomarmos a atual discussão sobre as cotas raciais nas universidades públicas do Brasil, veremos que, de um lado, os progressistas pensam na equidade, pois negros, historicamente, têm menos acesso ao ensino superior; por outro lado, conservadores acreditam que reservar uma parte das vagas exclusivamente aos negros é uma questão de injustiça, pois, como não desenvolveram a empatia, não conseguem perceber a carência do outro.

O **Crescimento moral** tem a ver com a verticalidade e com a própria criança que, à medida que envelhece/amadurece, cresce, adquire altura física. Logo, moral é crescimento. Alguém que não tem moral, é baixo, por exemplo. Se alguém não tem moral suficiente, um condenado, por exemplo, pode reabilitar-se e “crescer”. A metáfora da **Moral como crescimento** é uma das mais recorrentes quando falamos em moral no cotidiano.

A metáfora da **Força moral para nutrir**, ao contrário da forma como é empregada no modelo do pai severo – ser bom é ser justo; ser mal é ser baixo –, apoia-se na coerência em ser bom aos outros, independentemente dos seus valores. Aqui, a empatia fortalece a moral. É por intermédio da habilidade de ver o mundo pela perspectiva dos outros que se dá o crescimento, um crescer além de si mesmo. Esse crescimento, no entanto, não pode deixar de levar em conta a necessidade de se tornar forte para resistir aos males, interiores e exteriores.

Para Lakoff (2002), Moral como empatia e proteção requer sentir-se no lugar do outro, sentir a dor do outro, sentir a

alegria do outro mesmo que esse outro tenha valores completamente diferentes dos seus. Para uma mãe que teve um filho assassinado, por exemplo, perdoar o assassino e reconhecer o sentimento de arrependimento do vilão é uma atitude que mostra uma grandeza moral inquestionável; inclusive, é uma capacidade tão grande de se colocar no lugar do outro que tal ato chega a ser incompreendido por parte da sociedade. Há casos, não tão comuns, em que familiares de pessoas assassinadas não concordam com a pena de morte dos assassinos, nos EUA, ou com linchamentos, na realidade brasileira. Nesses casos, há uma força moral incrível e um sentimento de compaixão vasto. Quando conseguimos sentir empatia por alguém diferente de nós, com valores completamente diferentes de nós, não há a demonização do outro.

Assim, cabe aos pais ensinarem aos seus filhos as seguintes virtudes: responsabilidade social, generosidade, respeito pelos valores dos outros, sensibilidade estética, cooperatividade, bondade, entre outros (Lakoff, 2002). São essas as virtudes associadas aos progressistas no campo político.

Outra metáfora importante, e que não pode ser confundida com a Moral da autoproteção e do autossucesso, é a do **Autointeresse moral**. Aqui, mais do que buscar riqueza – esta metáfora também é presente no modelo do pai severo –, é buscar a sua própria riqueza e realização de interesses próprios sem esquecer-se do outro. Aqui, existe uma relação entre as necessidades do indivíduo e as da comunidade. Lakoff (2002) traz um exemplo que ilustra bem essa relação: alguém pode querer se tornar médico para ficar rico ou para ajudar a sua comunidade; esse médico que ajuda a comunidade pode ficar rico, mas o que pensa apenas na riqueza dificilmente ajudará alguém.

Nesse contexto, Lakoff (2002) faz ponderações sobre a **Proteção e os negócios**, quando afirma que os modelos de moralidade dos pais perante seus filhos ajudam às empresas e aos empresários a serem bem-sucedidos. À medida em que o patrão se preocupa com os seus trabalhadores, tornando um ambiente agradável, tanto o patrão se beneficia, pois seus próprios interesses serão alcançados – o lucro – quanto os seus funcionários, que terão uma melhor qualidade de vida, uma vez que têm seus direitos respeitados. Isso é se desenvolver sem explorar o outro.

Evidentemente, é perceptível a relação entre moral e trabalho, **Proteção e trabalho**. Não é fácil se construir a empatia, se colocar no lugar do outro. Para os pais, a educação dos filhos é muito trabalhosa, tanto é trabalhoso o ensino quanto é trabalhosa a aprendizagem. Assim, qualquer tipo de trabalho é moral, porque contribui para o autodesenvolvimento e para a comunidade, a não ser, claro, que o ambiente de trabalho seja inseguro ou insalubre. O trabalho não deve impedir o desenvolvimento pessoal, mas ser o mais gratificante possível. Nesse modelo, o trabalho, de fato, precisa dignificar o homem.

Vimos que Força moral e Autointeresse moral têm conotações diferentes no modelo dos pais protetores, da mesma forma que os Limites morais também são diferentes. A metáfora dos **Limites morais dos pais protetores** é conceituada como movimento. Ser moral é andar por caminhos certos; ser imoral, por caminhos errados, proibidos. Esses caminhos proibidos são unicamente os caminhos nocivos à sociedade e podem mudar de acordo com a necessidade. Por exemplo, o uso de fertilizantes e agrotóxicos foi e é necessário para o desenvolvimento do agronegócio, no entanto se percebeu que

há maior dano do que benefício nessa prática, por isso é combatida pelos progressistas.

Quanto às transgressões moderadas de comportamento, o modelo da família dos pais protetores tem preferência pela restituição em detrimento da retribuição – diferente da família do pai severo. Essa medida se dá para que a criança ajude a realizar algo útil, uma melhoria para a família, para a comunidade. Dessa maneira, a autoridade moral dos pais desse modelo é alimentada, uma vez que, lembremos, a autoridade moral, aqui, é conquistada por meio da empatia ou do voto, no caso dos presidentes no Brasil, com exceção de Michel Temer, que não conquistou pela empatia a sua autoridade.

Diante dessas metáforas e desses conceitos, a **Nutrição e a evolução** caminham juntas, pois a evolução, nesse modelo, não é entendida como a evolução do mais forte, do mais apto. É imoral pensar que o mais forte, o que teve melhor nutrição – cuidado, afeto, oportunidades – é mais evoluído do que aquele foi negligenciado. A evolução do indivíduo, portanto, depende da construção de uma família ou uma sociedade igualitária.

O modelo da família dos pais protetores é claramente edificado com valores como a empatia, proteção, desenvolvimento pessoal e da sociedade. A grande diferença entre os dois modelos de família e, portanto, de governo, é o foco moral. De um lado, conservadores se preocupam com uma família mais restrita, ao passo que os progressistas desenvolvem uma noção de comunidade mais empática e acolhedora, ampliando o número dos que devem ser protegidos, nutridos ou mesmo descentralizando a responsabilidade de se manter o bem-estar social.

É importante compreender que tanto o pai severo quanto o pai protetor querem o bem-estar de suas famílias, de suas

comunidades. No entanto, a depender do foco, da estrutura da moralidade, das metáforas morais às quais eles se filiam, a forma de lidar com a proteção contra os males terá outros valores. Portanto, conhecer os modelos básicos, os esquemas básicos, as metáforas que embasam os modelos de família é imprescindível para se compreender o tipo de pai e, portanto, o tipo de político, de ideologia que define os nossos presidentes.

Se o discurso é a materialização dessas metáforas, é pelo discurso de posse que iremos identificar em que lugar no contínuo Conservador versus Progressista estão Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Vana Rousseff e Michel Miguel Elias Temer Lulia.

3

**COMO FAZER UMA ANÁLISE DE DISCURSO
BASEADA EM *FRAMES* DOS DISCURSOS DE
POSSE DOS PRESIDENTES DA REPÚBLICA?**

Este livro apresenta um modelo de análise de discurso baseado em *frames*. Os percursos metodológicos adotados nesta escrita estão assentados em aspectos qualitativos, uma vez que há maior preocupação em se observar como os dados se comportam, em como os mecanismos de acionamento de *frames* e suas dimensões determinam o sentido do texto. No entanto, critérios quantitativos de análise, como a recorrência de *frames*, também foram utilizados durante o desenvolvimento das análises.

Não obstante, é importante salientar que a preocupação das análises deste livro não é com os números ou quantitativos de ocorrência. O que é caro, aqui, é a relação entre os dados e o seu aspecto social. Especificamente, com as lentes aqui descritas, busco compreender como se dá o processo de construção de sentido em *frames* do domínio específico da REPÚBLICA, sobretudo no evento POSSE, caracterizado pelo *frame* interacional DISCURSO DE POSSE.

3.1 Constituição e procedimentos de análise do *corpus*

Com base na metodologia aqui descrita, a investigação de sete discursos de posse, dos presidentes do Brasil dos últimos vinte anos. Essa escolha se dá por duas questões: a) a moral é inseparável da prática discursiva, logo, a moral é intrínseca ao discurso político; e b) por meio do modelo metodológico de análise proposto, este livro se propõe a investigar como se posicionam os nossos últimos presidentes no contínuo Conservador *versus* Progressista.

Nas análises e discussões, cada discurso de posse será identificado a partir da seguinte nomenclatura: Fernando Henrique Cardoso, primeiro discurso, será tratado por FHC I;

no segundo discurso, FHC II. A mesma lógica acontece com os discursos de Luiz Inácio Lula da Silva: Lula I e Lula II; Dilma Vana Rousseff: Dilma I e II; e Michel Miguel Elias Temer Lulia, por só ter um mandato: Temer. Utilizo os nomes conforme a mídia o faz e, conseqüentemente, os brasileiros se habituaram a chamar os maiores representantes da nação.

Sete discursos de presidentes compõe o material analisado neste livro da seguinte maneira:

a) os discursos aparecerão de acordo com a sua cronologia, assim, a ordem de análise será: FHC I, FHC II, Lula I, Lula II, Dilma I, Dilma II e Temer;

b) as análises serão feitas por blocos temáticos, que elucidam *frames* mais complexos. Após análise prévia, os discursos foram separados em blocos temáticos, que tratam de assuntos que envolvem mudança, economia e mobilidade social.

Dividi, portanto, a análise pelos blocos temáticos, respeitando a data dos discursos. Dessa forma, teremos, por exemplo, o bloco do *frame* MUDANÇA: FHC I e II, Lula I e II e assim por diante.

A cada bloco de análise, será possível apontar, no contínuo da moralidade, se o presidente se encontrava mais progressista ou mais conservador. Até esse ponto, porém, algumas dimensões menos complexas serão analisadas, são elas: a) dimensão esquemática do *frame*; b) a dimensão conceptual básica do *frame*; e c) a dimensão de evento do *frame*. Evidentemente, como o *corpus* é sobremaneira extenso, só serão trabalhadas as ocorrências mais relevantes para a compressão do processo de acionamento da dimensão sociocultural do *frame*, na qual o *frame* moral se encontra.

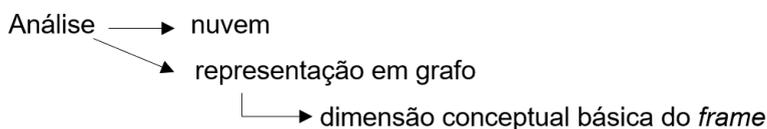
A dimensão esquemática do *frame*, por ser uma dimensão que não apresenta tanto significado se analisada isoladamen-

No exemplo, como podemos perceber, as palavras mais recorrentes aparecem em destaque, com tamanho maior em relação às demais. Esse sistema, portanto, é um facilitador da identificação dos *frames* mais recorrentes e, conseqüentemente, da rede neural que determinado bloco temático acaba ativando pelo mecanismo de seleção lexical.

Além da análise por meio da nuvem, também será utilizada uma representação em grafo para a dimensão conceptual básica dos *frames*. Como já ponderado, os *frames* são acionados em conjunto, em rede. Assim, um conceito sempre estará relacionado a outro e é justamente essa relação que estabelece o contexto e, portanto, elucida as inclinações ideológicas, ou seja, elucida os *frames* morais no discurso de posse ou em qualquer outro *frame* interacional.

Como exemplificação, o primeiro período do parágrafo anterior é composto da seguinte maneira:

Figura 3 – Exemplo de representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

É possível, por meio da figura anterior, observar o comportamento dos *frames* conceptuais básicos. A partir do *frame* ANÁLISE, os espaços mentais foram sendo preenchidos de acordo com o acionamento dos *frames* até desencadear na expressão que acionou o *frame* DIMENSÃO CONCEPTUAL BÁSICA DO FRAME, por sua vez, ligada ao *frame* REPRESENTAÇÃO EM GRAFO.

O primeiro bloco de análise, por exemplo, em todos os discursos de posse, foi o *frame* MUDANÇA. Todos os presidentes partiram desse conceito, no entanto, por meio da representação em grafo da dimensão conceptual básica do *frame*, é possível identificar os espaços mentais acionados por cada presidente. Como o trabalho busca a compreensão do *frame* moral, é importante observar como os *frames* menos complexos subsidiam a construção da moral de cada presidente.

Também será privilegiada, na análise, a dimensão de evento do *frame*, acionada por verbos ou expressões verbais que explicitem ação. Saber quem ou para quem determinada ação é realizada é crucial para a identificação do *frame* moral. Todo pai, seja ele do modelo protetor ou severo, é preocupado com a segurança da sua família. No entanto, é comum, de acordo com Lakoff (2002), que o pai severo restrinja a sua família aos que vivem em sua casa ou aos parentes e amigos próximos, ou seja, direcionará as ações de proteção apenas à sua casta, diferente de um pai protetor, progressista, que considera toda a sociedade como passível de proteção. Desse modo, matar um bandido pode ser algo positivo, moral, para o pai severo, mas será uma ação negativa, imoral para o pai protetor.

Saber para quem e como as ações são direcionadas é determinante para se compreender o modelo de moralidade expresso nos blocos temáticos do discurso de posse, bem como saber qual a dimensão conceptual básica do *frame*. A partir dessas dimensões, aliadas à dimensão esquemática, funcionam como indicador preciso da dimensão sociocultural do *frame*. Analisar a moral sob esses caminhos é entender a sua construção desde a sua gênese até a sua materialização, por meio do discurso de posse.

Ao final das análises por blocos, será apresentado um gráfico que mostra como os discursos de posse se comportaram em relação à moralidade. Para diferenciar o *frame* moral dos demais *frames*, aqui no texto, marcarei em negrito. Como a análise não está engessada em partes, mas se desenvolve a partir da evolução temática do *corpus*, é possível que, desde o primeiro período investigado, já seja elucidada alguma moral. O negrito, portanto, é uma forma de organização.

As discussões aparecem de forma orgânica e sem grandes divisões para que seja fácil compreender os processos que acontecem. Afinal, serão feitas análises de um *frame*, considerando suas diversas dimensões. Os processos cognitivos em acontecem ao mesmo tempo, portanto, durante a análise de um único trecho, um mesmo processo pode ser descrito mais de uma vez.

Adiante, há uma pequena biografia dos presidentes que emprestaram seus discursos de posse analisados neste livro. Compreender os seus passos na política e o momento econômico e social do Brasil à época é importante, porque tais discursos são situados num determinado contexto, que influencia na construção de sentido e nas escolhas lexicais de cada presidente.

3.2 Os presidentes do Brasil dos últimos 20 anos

Proclamada em 1889, a República Federativa do Brasil vem construindo-se em meio a períodos democráticos e de obstrução da democracia. Oligarquias cafeicultoras, reformas, golpe militar e reformulações da república foram revezando-se ao longo da história.

Em 1985, surge a Nova República, cujo presidente, Tancredo Neves, eleito indiretamente morreu dias antes de tomar posse. Coube ao seu vice, José Sarney, o comando do Brasil num dos períodos de maior instabilidade econômica da nossa história.

Em 1989, houve a primeira eleição direta para presidente. No segundo turno, concorriam à vaga de presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo. Fernando Collor foi eleito, porém não terminou o seu mandato. Para não sofrer processo de *impeachment*, renunciou ao cargo, mas, como o processo já estava em andamento, foi cassado pelo Congresso, cabendo ao seu então vice-presidente, Itamar Franco, o comando da nação.

Itamar governou pelos dois anos seguintes. Durante o seu governo, mais uma moeda, mais um plano econômico foi lançado, em 1994: o Plano Real. Em vigor desde então, foi a principal bandeira política de Fernando Henrique Cardoso na corrida eleitoral desse mesmo ano – da qual saiu vencedor. Por isso, é o primeiro personagem a emprestar o seu discurso de posse para a análise.

3.2.1 Fernando Henrique Cardoso

Sociólogo de formação, dissidente do MDB e um dos fundadores do PSDB, Fernando Henrique Cardoso foi o 34º presidente da República Federativa do Brasil, eleito em primeiro turno em 1994 e reeleito, também em primeiro turno, em 1998. Em 1993, no entanto, foi Ministro da Fazenda no governo de Itamar Franco e coordenou a equipe que criou o Plano Real, sua maior bandeira para eleição de presidente.

Foi na sua gestão que o Congresso aprovou a emenda que permitiu a reeleição, inicialmente não prevista na Constitui-

ção de 1988. FHC, então, foi o primeiro presidente da história a ocupar dois mandatos consecutivos. Foi sucedido em 2003 por Luiz Inácio Lula da Silva, a quem entregou a faixa presidencial (Fundação FHC, 2018)²⁴.

Além de político, FHC tem reconhecimento acadêmico. Fez carreira na Universidade de São Paulo (USP) e chegou à livre docência. Durante o Regime Militar, licenciou-se da USP e lecionou em Sorbonne (França), Cambridge (Inglaterra) e outras instituições sul-americanas. É autor de vasto trabalho sobre mudança social e sobre a condição da América Latina.

3.2.2 Luiz Inácio Lula da Silva

Nascido em 1945, no sertão de Pernambuco, Lula imigrou com a família para São Paulo aos sete anos de idade, viajando em um pau-de-arara até a capital paulista. Foi vendedor ambulante e, durante a adolescência, formou-se torneiro mecânico pelo Senai. Logo depois de concluir o antigo ginásio, começou a trabalhar na indústria metalúrgica, onde teve contato com o movimento sindical, no qual iniciou sua carreira política.

Em 1980, com o agravamento da crise no setor trabalhista, Lula foi preso por conta das reivindicações as quais liderava. Quando solto, Lula atuou como um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), pelo qual se elegeu deputado constituinte mais votado do Brasil em 1986 (Instituto Lula, 2018)²⁵.

Assim que as eleições presidenciais diretas foram restabelecidas no Brasil, Lula iniciou sua jornada ao Palácio do Pla-

24. Disponível em: <http://fundacaofhc.org.br/ruth-e-fhc/fernando-henrique-cardoso>. Acesso em: 17 out. 2018.

25. Disponível em: <http://www.institutolula.org/biografia>. Acesso em: 1 ago. 2018.

nalto. Em 2002, após derrota em três eleições, Lula assumiu o posto de comando da República Federativa do Brasil como primeiro operário a chegar à presidência da república. Foi reeleito em 2006 e, ao final do mandato, deixou o governo com recorde de aprovação, conseguindo eleger Dilma Rousseff que, até então, nunca havia disputado eleição alguma, como presidenta do Brasil.

3.2.3 Dilma Rousseff

Formada em Economia, Dilma Rousseff militou contra a ditadura militar, foi presa e torturada entre 1970 e 1972. Ingressou na vida pública na década de 1980, em Porto Alegre, nas secretarias de Minas e Energia e Comunicação, indicada pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), ao qual foi filiada até 2001.

Filiou-se ao PT em 2001 e foi convidada, em 2002, para assumir o comando do setor energético nacional no governo do presidente Lula. Desde então, Dilma ocupou cargos no governo até chegar ao Ministério da Casa Civil em 2005, cargo que ocupou até o término do governo Lula, que a escolheu como sua sucessora (Câmara dos Deputados, 2018)²⁶.

Em 2010, Dilma Rousseff, que nunca havia disputado uma eleição em sua vida, assumiu o cargo de gestora da República e se tornou a primeira mulher presidenta do Brasil. É reeleita em 2014 em segundo turno apertado contra o candidato Aécio Neves (PSDB), que fez acusações de fraudes nas urnas. O TSE confirmou a confiabilidade das urnas, no entanto a oposição

26. Disponível em: <https://cd.jusbrasil.com.br/noticias/2523594/conheca-a-biografia-de-dilma-rousseff-a-primeira-presidenta-da-republica>. Acesso em: 1 jul. de 2018.

iniciou um movimento de cassação do seu mandato. Em 2016, Dilma sofreu processo de *impeachment* e foi substituída pelo seu vice-presidente, Michel Temer. Dilma, Lula, o PT e os demais partidos progressistas acusaram o movimento de golpe, mas as instituições legislativa e judiciária brasileiras legitimaram o processo.

3.2.4 Michel Temer

Filiado ao MDB²⁷ desde 1981, Michel Miguel Elias Temer Lulia foi eleito, ao lado de Dilma Rousseff, vice-presidente da República em 2010 e reeleito em 2016. Após processo de *impeachment* sofrido por Dilma, Temer assumiu a presidência no dia 31 de agosto de 2016.

Advogado de formação e professor da área de Direito, Temer foi presidente da Câmara dos Deputados por três vezes (Planalto, 2018)²⁸. Além disso, estava licenciado do cargo de presidente do seu partido por ocupar a cadeira de chefe do executivo da nação. Assim que foi empossado, Temer fez um pronunciamento com tons de improviso e esse pronunciamento compõe o *corpus* de análise.

27. O Movimento Democrático Brasileiro voltou a usar a sigla original do partido. Quando da assunção de Temer à presidência, a sigla do partido era PMDB.

28. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/conheca-a-presidencia>. Acesso em: 25 set. 2018.

4

**ANÁLISE DA MORAL E POLÍTICA NOS
DISCURSOS DOS PRESIDENTES DO BRASIL**

Neste capítulo, serão apresentados os blocos temáticos nos discursos dos presidentes do Brasil de cada período. Os blocos correspondem a *frames* com recorrência em todos (ou quase todos) os discursos. A ordem de apresentação corresponde à disposição desses *frames* no primeiro discurso de Fernando Henrique Cardoso. Esse critério foi escolhido para que não se possa estabelecer um grau hierárquico a cada bloco temático. No entanto, essa ordenação parece fazer parte de um roteiro seguido pelos quatro presidentes de 1995 até hoje.

Para que se cumpram os objetivos deste livro, serão analisados três blocos temáticos os quais elucidam *frames* complexos. São eles: o *frame* MUDANÇA, o *frame* ECONOMIA e o *frame* MOBILIDADE SOCIAL.

4.1 *Frame* MUDANÇA

O primeiro *frame* a aparecer nos discursos dos presidentes é o *frame* MUDANÇA. Isso é natural, haja vista que, quando se inicia um novo mandato, mesmo por meio de uma recondução ao cargo, é esperada, na realidade de um país em desenvolvimento, uma preocupação do presidente com mudanças. Essas mudanças representam a transição entre o atual momento e o momento de bem-estar desejado pelos maiores representantes da nação.

4.1.1 Mudança segundo Fernando Henrique Cardoso

FHC assumiu a presidência em 1995, após os primeiros anos conturbados na Nova República. Seu antecessor, Itamar Franco, ascendeu ao poder depois da renúncia do ex-presi-

dente Fernando Collor de Melo, que sofreu processo de *impeachment*. No governo Itamar, FHC ocupou cargo de Ministro da Fazenda e comandou a equipe que criou o Plano Real. Vejamos, a seguir, em seus dois discursos de posse, como a MUDANÇA APARECE.

FHC I

Em seu primeiro discurso, FHC relembra os seus feitos no governo Itamar, os quais contribuiriam sobremaneira para a sua eleição em primeiro turno. Vejamos as suas palavras sobre a mudança:

Recuperamos a confiança no desenvolvimento. Não é mais uma questão de esperança, apenas. Nem é euforia passageira pelos dois bons anos que acabamos de ter. Este ano será melhor. O ano que vem, melhor ainda.

Hoje não há especialista sério que preveja para o Brasil outra coisa que não um longo período de crescimento.

As condições internacionais são favoráveis. O peso da dívida externa já não nos sufoca.

Aqui dentro, nossa economia é como uma planta sadia depois da longa estiagem. As raízes - as pessoas e as empresas que produzem riqueza - resistiram aos rigores da estagnação e da inflação. Sobreviveram. Saíram fortes da provação.

Nossos empresários souberam inovar, souberam refazer suas fábricas e escritórios, souberam vencer as dificuldades.

Os trabalhadores brasileiros souberam enfrentar as agruras do arbítrio e da recessão e os desafios das novas tecnologias. Reorganizaram seus sindicatos para serem capazes, como hoje são, de reivindicar seus direitos e sua parte no bolo do crescimento econômico.

Chegou o tempo de crescer e florescer.

Mais importante: hoje nós sabemos o que o Governo tem que fazer para sustentar o crescimento da economia. E vamos fazer. Aliás, já estamos fazendo.

Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos.

Sem ceder um milímetro da nossa liberdade, sem quebrar contratos nem lesar direitos, acabamos com a superinflação (Discurso de posse..., 2010, p. 11).

Em primeiro lugar, vejamos os *frames conceptuais básicos* mais recorrentes no texto. Temos a presença dos termos “ano” e “crescimento”. Esses elementos são acompanhados por “Hoje” e “Nossa”. Ademais, apesar deste bloco ter relação com o *frame* mudança, a palavra “mudança” não aparece no trecho.

Na verdade, em todo esse discurso, a palavra “mudança” tem apenas três recorrências, das quais duas surgem ainda nas saudações. Isso acontece, porque FHC era o candidato da situação e ajudou a governar o país durante dois anos como Ministro da Fazenda do ex-presidente Itamar Franco. Assim, esse discurso tem mais um tom de continuidade.

MUDANÇA segue como tema nos primeiros parágrafos do discurso em FHC I. A presença da metáfora ECONOMIA É PLANTA garante a melhor compreensão de um tema abstrato à maioria da população, como a economia de um país. Antes disso, vemos a presença de dois conceitos muito caros na construção do sentido desse trecho: “desenvolvimento” e “esperança”.

Ao trazer “desenvolvimento” para a construção do sentido de mudança, FHC deixa claro que essa mudança é positiva, para melhor. Além disso, “esperança” traz toda uma cadeia de significações positivas ao discurso. Esses dois conceitos, associados, criam um bom clima, uma confiança naqueles para quem o discurso é direcionado. Além desses termos, FHC traz dois elementos complicadores em seu discurso: “euforia passageira” e “dívida externa”, medos os quais os brasileiros encaravam no contexto da época.

Em menos de dez anos, os brasileiros perderam Tancredo Neves, presidente eleito indiretamente que não chegou a assumir o seu mandato e não viu Fernando Collor de Melo, primeiro presidente eleito pelo voto direto após o Regime Militar, concluir seu mandato. FHC traz toda a lembrança de quando o brasileiro comemorou algo positivo muito cedo. Segundo Lakoff (2004), não se nega um *frame*, todas as vezes que tentamos negar uma ideia, essa ideia é construída na mente de quem recebe o discurso. Mesmo tentando afastar a negatividade do seu governo, ao elucidar a “euforia passageira”, FHC acaba associando as ideias emersas por esse elemento ao seu discurso, uma vez que não rompe, linguisticamente, a cadeia de tempo ou espaço entre o seu mandato e os governos anteriores.

Outra expressão que traz uma carga semântica negativa ao discurso é “dívida externa”. Novamente, mesmo que para

amenizá-la, ao fazê-la emergir, FHC ativa uma série de lembranças ruins associadas à dívida externa brasileira adquirida ainda antes da Ditadura Militar e que foi, sobremaneira, aumentada pelos militares. Sem contar que, também por conta dessa dívida, o Brasil vivia, desde a redemocratização, uma crise econômica e uma recessão gravíssimas, com diversos planos econômicos até então fracassados.

Nesse contexto, em meio à “esperança” e ao “desenvolvimento”, FHC traz ao público a metáfora *ECONOMIA É PLANTA*. Como afirmam Lakoff e Johnson (2002), metáforas são usadas para transformar em concreto algo abstrato. Explicar a economia de um país ainda em grave recessão aos brasileiros é complicado. Assim, o uso de um *input* tão familiar quanto o desenvolvimento de uma planta facilita a compreensão desse tema pelos leigos. Além de trazer a metáfora, FHC ainda explica, em seu cerne, os caminhos que a economia ainda tem de percorrer para se estabilizar. Assim, empresas e trabalhadores são ilustrados como “raiz”, ou seja, os que sustentam a saúde da planta. Empresários e trabalhadores são os produtores da riqueza, cada um em seu papel, cada um com uma atribuição.

Observemos os verbos empregados em relação a ambos: trabalhadores e empresários:

Empresários – ‘Inovar’ Trabalhadores – ‘Enfrentar’

Segundo o Houaiss (2017), os principais sentidos dessas palavras são:

Inovar

verbo

1 t.d. tornar novo; renovar, restaurar <inovou a pintura de sua casa>

2 t.d.int. introduzir novidade; fazer algo como não era feito antes <inovou a pintura de sua época> <um jornal que está sempre inovando em matéria de diagramação> (Houaiss, 2017).

Enfrentar

verbo

1 t.d.int. e pron. estar ou colocar(-se) de frente a; defrontar <enfrentava-lhe a escrivãzinha um armário antigo> <enfrentavam(-se), no jardim, duas enormes paineiras>

2 t.d., t.i. e pron. (prep.:com) encarar frente a frente, arrostar <enfrentou (com) o adversário sem medo> <enfrenta-se com o perigo diariamente>

3 t.d. e pron. bater-se contra; atacar de frente <enfrentaram o inimigo até a derrocada final> <as gangues enfrentam-se nos bairros> (Houaiss, 2017).

Como é possível perceber, há claramente duas funções marcadas entre empresários e trabalhadores. Aos empresários, cabe pensar, indicar o caminho, renovar; aos trabalhadores, cabe o confronto, cabe encarar o que foi indicado pelo empresário. Aqui, há a construção de um empresário ativo e a construção de um trabalhador passivo, aquele que tem de fazer o que foi mandado.

Ora, na metáfora da contabilidade moral (Lakoff, 1995, 2002), temos aqui um exemplo de **Ordem Moral**. Cabe ao trabalhador reconhecer o seu papel de executor das regras criadas pelos empresários. Nesse contexto, temos um indício de conservadorismo no discurso em análise, pois não há perspectiva de diálogo, de uma troca de experiências, ideias. Para FHC, empresário inova e trabalhador enfrenta. Essa é a ordem natural, os pais orientam e os filhos obedecem. Se o filho transcende a **Ordem moral**, está agindo imoralmente.

Ainda, além de “inovar”, a presença de “refazer” e “vencer” é associada aos empresários; ao passo que, aos trabalhadores, coube “reorganizar seus sindicatos” para “reivindicar” direitos. Essa estrutura reforça a **Ordem moral** e a **Força moral** dos empresários. VENCER É FORÇA, os empresários venceram as dificuldades; já os trabalhadores “reivindicam” direitos aos empresários. Desse modo, o discurso indica que quem detém toda força e, conseqüentemente, é mais moral são os empresários. Os trabalhadores precisaram “reorganizar-se” para “reivindicar”. Não seria diferente essa representação discursiva dada a estrutura econômica e trabalhista do Brasil. Empresas e trabalhadores têm papéis bem delimitados no processo de mudança comandado por FHC desde o governo Itamar.

Além do que já foi exposto, um esquema básico que pode ser observado nesse recorte temático é o ORIGEM-CAMINHO-META. Fica claro que a mudança começou nos “dois anos anteriores”, no governo Itamar Franco, do qual FHC fez parte. Assim, a assunção de Itamar no final de 1992 é dada como origem da mudança. Durante o discurso, fica claro que a eleição de FHC era um reconhecimento de que as medidas tomadas por Itamar, sobretudo a construção do Plano Real, foram aprovadas pela

população. O caminho é marcado: “Este ano será melhor. O ano que vem, melhor ainda”, tendo, além de ORIGEM-CAMINHO-META, a presença da dimensão imagética de ESCALA.

Figura 6 – FHC I: Mudança – Esquema-I

Governo Itamar Franco – – – Governo FHC – – – País desenvolvido
origem caminho meta

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Nesse contexto, ainda, governo/país é caracterizado como “casa”. No excerto: “Quando muitos duvidaram se seríamos capazes de colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos”, é observada a tendência conservadora, de acordo com Lakoff (1995, 2002). Inicialmente, temos a metáfora BRASIL É UMA CASA, e quem coloca essa casa em ordem, segundo o discurso, é o próprio FHC que, nos dois anos anteriores, foi ministro da fazenda do governo Itamar. Ao se colocar nesse papel, FHC evidencia o modelo de família do pai severo, mais conservador. Ou seja, FHC é o pai que coloca a casa em ordem.

FHC II

Aqui, veremos o bloco discursivo que trata de MUDANÇA no segundo discurso de posse de Fernando Henrique Cardoso, em 1999:

Nos últimos anos o Brasil renovou sua fisionomia, com a construção de estradas de relevância estratégica, quatro hidrovias, um sem-número de portos e aeroportos. Promoveu um salto na

produção de energia e uma revolução nas telecomunicações. Mudou muito.

Mas quando falo em mudança penso em algo mais profundo, abrangente e capilar, que toca o cotidiano de cada um dos brasileiros e melhora suas vidas.

Milhões puderam alimentar melhor seus filhos e dar-se conta de que onde há democracia, estabilidade na economia e seriedade de governo não há razão de ser para o flagelo da fome. Milhares tiveram acesso a bens que antes estavam reservados a uma pequena elite, que sempre pôde tudo. Milhares realizaram a aspiração tão antiga quanto legítima de comprar a casa própria ou morar com mais conforto.

Outros perceberam que a ação solidária dos governos e das prefeituras, de pais e de mestres, está promovendo uma transformação profunda nas escolas e uma esperança fundada de melhor qualidade no ensino. É a professora das áreas pobres do Brasil que ganha mais e tem a oportunidade de reciclar-se. É o livro que chega a tempo ou a medida que é mais nutritiva. É a evasão que diminui, enquanto a matrícula no segundo grau aumenta. Na saúde - o pesadelo de todos os brasileiros - mais recursos, melhor gerenciamento, mais atenção à saúde da família e um combate obstinado à fraude estão mostrando o caminho que levará no futuro a um efetivo atendimento universal, gratuito e de qualidade, como prescreve a Constitui-

ção, mas que poucos países, mesmo entre os mais desenvolvidos, conseguiram assegurar.

E assim ocorrem mudanças em várias outras áreas sociais (Brasil, 1999, p. 23-24).

Em primeiro lugar, é perceptível que a palavra “mudança” tem mais recorrência do que no discurso anterior, o qual apresentava o bloco de mudanças de uma forma não tão direta, tão clara, mas com outras palavras que ativavam esse *frame*.

Figura 7 – FHC II: Mudança – Frames conceituais básicos

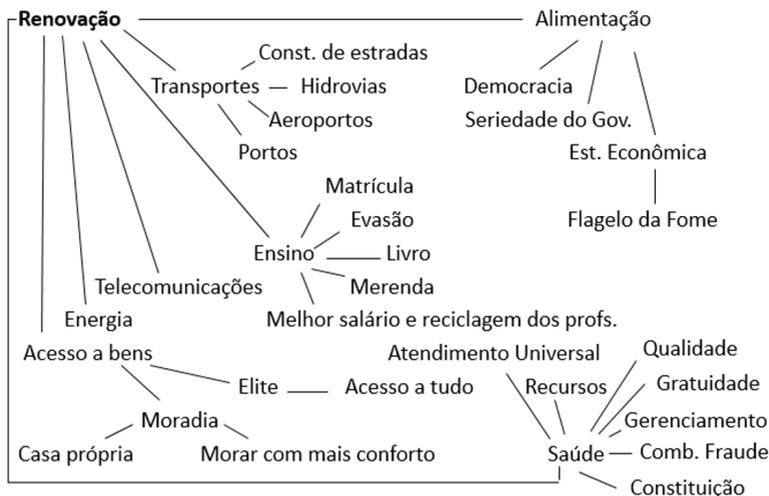


Fonte: Plataforma da Wordart.com.

A figura dos *frames conceituais básicos* evidencia, claramente, as palavras “mais”, “melhor” e “Brasil”, além, claro, de “mudança”. Além dessas, temos os elementos “mais” e “melhor” que, por si só, já trazem conotações positivas e indicam intensidade. Arelado a isso, Brasil também se presentifica nesse bloco temático, envolto por outros termos como “salto”, “renovou” e “mudou”.

Por meio dos *frames conceptuais*, é perceptível, detalhadamente, como o discurso encara MUDANÇA, por intermédio do elemento linguístico “renovação” e a representação em grafo que se desenvolve a partir desses *frames*.

Figura 8 – FHC II: Mudança – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

A representação em grafo formada pelos *frames conceptuais* básicos indica um posicionamento moral mais progressista no segundo discurso de posse. A preocupação, aqui, é transmitir que o acesso aos bens, à saúde e à educação de qualidade não devem ser apenas direitos da “elite”, mas um benefício de todos. “Fome” é tratada como um “flagelo”. A maior parte dos *hubs*²⁹ nesse grafo traz uma cadeia

29. Chamo *hubs* os espaços criados dentro do *frame* principal. *Hubs* são, nas representações em grafo, grosso modo, *frames* menos complexos.

de elementos que indicam maior tendência progressista.

Esses *frames* que, juntos, formam bloco da MUDANÇA, indicam a presença da **Moralidade como proteção social**. De acordo com Lakoff (2002), agentes morais são pais protetores, e, ainda, ação moral é proteção como laço social. Falar da fome e da negação dos privilégios da elite aparece como preocupação social além da preocupação econômica, do desenvolvimento, elucidado por meio do *hub* ligado ao transporte, bem como às telecomunicações e à energia.

Se focalizarmos o trecho tocante ao ensino como exemplificação, veremos que a tendência progressista aparece com mais objetividade. Vejamos: “É a professora das áreas pobres do Brasil que ganha mais e tem a oportunidade de reciclar-se” (Brasil, 1999, p. 24). Ora, além de ganhar mais, a professora das áreas pobres – está subentendido que são os professores em condições mais precárias e, conseqüentemente, com menos formação – agora tem oportunidade de “reciclar-se”. Apesar de “reciclar” trazer a ideia de que, o que agora é útil, não tinha utilidade, também remete a processos de mudança, modificações da forma original para melhorar.

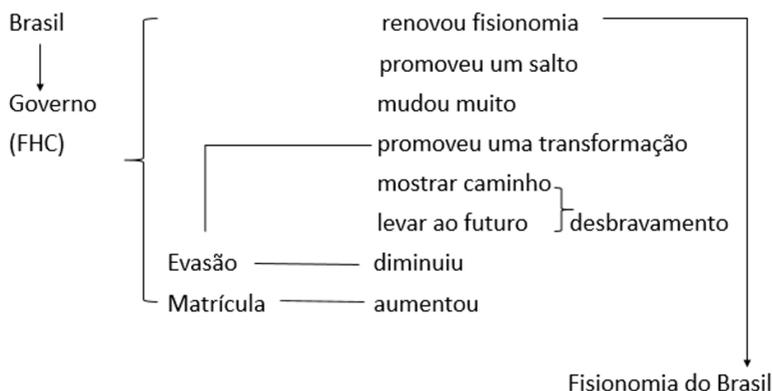
Ao dizer que propiciou, direta ou indiretamente, a reciclagem da professora das áreas pobres, FHC traz à tona a **Moralidade como autodesenvolvimento**, um conjunto de traços morais que pertence, nesse cenário, ao escopo do Modelo moral dos pais protetores.

Além desse trecho, todo o conjunto do bloco, grosso modo, é para criar o sentido de que, agora, a distribuição de direitos está menos injusta no Brasil. Portanto, ao falar das melhorias, principalmente na “Educação”, na “Saúde”, na “Alimentação” e no “Acesso aos bens”, o conceito que está sendo reproduzi-

do, o *frame* que está sendo ativado é o da **Moralidade como distribuição justa**.

Quanto aos eventos do tema em questão, o maior que acontece neste bloco é, evidentemente, MUDANÇA. A seguir, os *frames* descritores de evento também nos ajudam a compreender a construção de sentido nesse discurso:

Figura 9 – FHC II: Mudança – *Frames* descritores de evento



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

“Brasil”, aqui, é personificado por meio do elemento “fisionomia”. De acordo com o *Dicionário Houaiss* (2017),

Fisionomia

substantivo feminino

1 conjunto de traços do rosto humano; feição, semblante

2 expressão singular desses traços; ar, aparência

3 *fig.* aspecto particular, próprio de (objeto, situação, lugar etc.)

A partir do grafo anterior, é possível chegar à seguinte metáfora: O BRASIL É UMA PESSOA. País é algo abstrato, não se restringe apenas ao seu território, mas a uma série de especificações como cultura, povo, estrutura política etc. Essa metáfora, portanto, acontece também por um processo metonímico, uma vez que “Brasil” representa, na verdade, o próprio governo ou o próprio presidente.

Nesse contexto, quem mudou a fisionomia do Brasil, quem “promoveu um salto” foi o governo, foi o presidente. O que ajuda a chegar a essa hipótese é o fato de os verbos serem, todos, de ação. Brasil ou qualquer país não pode ser agente de ação nenhuma, mas, sim, o seu governo ou, por metonímia, seu presidente.

Aqui, quanto à metáfora da contabilidade moral, é possível identificar a presença da **Força moral**: ser forte é estar acima, moralidade é força. Embora esse conceito apareça forte no campo conservador, Lakoff (2002) compreende que progressistas também se valem da **Força moral** para o processo de construção e entendimento do seu bem-estar.

Desse modo, levando-se em consideração as recorrências observadas no desenvolvimento do trecho, é possível compreender que, no seu segundo discurso de posse, Fernando Henrique Cardoso apresenta uma tendência, no bloco temático relacionado à MUDANÇA, mais progressista do que em sua primeira posse. Houve, portanto, uma mudança de postura e, conseqüentemente, de construção de sentido em seu discurso. O FHC do segundo mandato, por ora, apresenta-se mais progressista, mais focado em questões sociais do que em questões puramente econômicas.

4.1.2 Mudança segundo Luís Inácio Lula da Silva

Lula assumiu o seu primeiro mandato em 2003, após uma vitória vantajosa no segundo turno contra o candidato à sucessão

de FHC, José Serra, também do PSDB. Após concorrer por anos ao cargo de presidente da república, o PT consegue eleger, na quarta tentativa, o primeiro presidente do Brasil de origem popular.

Nordestino e torneiro mecânico de profissão, Lula assume o cargo de presidente em um cenário econômico desfavorável, uma vez que, no segundo mandato, FHC contraiu empréstimos ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e deixou como legado 14 milhões de desempregados, além das 40 milhões de pessoas em situação de pobreza extrema.

Lula I

Lula, em seu primeiro discurso de posse, estabelece dois Brasis: um de antes e um novo, que se inicia naquele momento. Como esperado por um candidato de oposição ao governo que se encerrava, Lula inicia, por meio da primeira palavra após as saudações, a estabelecer linguisticamente o que será o processo de mudança pelo qual o país passará. Vejamos:

“Mudança”: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades, diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassala-

dora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu país o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela Nação com a qual a gente sempre sonhou: uma Nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro (Brasil, 2003, p. 1-2).

Figura 11 – Lula I: Mudança – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Da mesma forma que FHC II tentou desassociar o seu discurso de questões negativas, como a “dívida externa”, Lula I também acabou por acionar *frames* com peso negativo durante o seu discurso de posse, mas valendo-se de uma tática diferente. A necessidade de marcar uma ruptura com o governo anterior foi tão latente que, ao descrever o modelo anterior como “esgotado”, Lula fez emergir ao bloco de mudança *frames* COMO FOME, AMEAÇAS E DESRESPEITO.

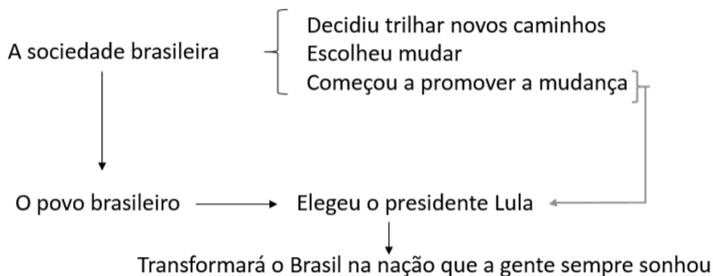
Lula cria, com essa estratégia, dois contêineres: um com tudo de ruim que havia, devido aos governantes anteriores, que se valiam de um “modelo esgotado”; e outro contêiner com as coisas boas que aconteceriam a partir da sua posse e

que iriam garantir a transformação do Brasil naquela “Nação com a qual a gente sempre sonhou”.

Durante toda sua história política até aquele momento, Lula colocou-se como um candidato progressista, um homem do povo³⁰. Dessa maneira, ao destacar dois períodos, Lula associa ao seu governo apenas *frames* com peso positivo, legando ao seu antecessor todas as mazelas do país.

O sentido da mudança nesse discurso é mais sólido, mais consistente. Lula rompe completamente com os governantes passados. “Esperança” e “novo caminhos” conduzem esse discurso de renovação. Ao analisar os *frames descritores de evento*, podemos perceber os agentes dessa mudança que aparecem, inicialmente, como a “sociedade brasileira”.

Figura 12 – Lula I: Mudança – *Frames* descritores de evento



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

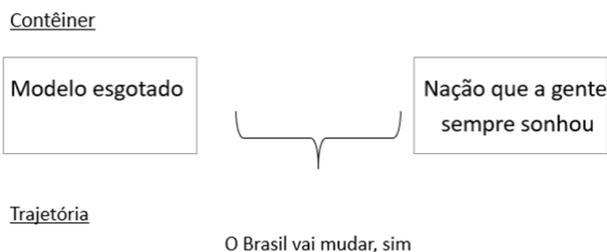
Como é possível identificar, o caminho da mudança passa pela “sociedade brasileira”, mas é Lula o seu agente. É Lula quem vai “transformar o Brasil na Nação com a qual a gente sempre

30. A foto oficial do primeiro mandato de Lula trouxe o presidente sem a faixa presidencial. O conceito da equipe era que um homem do povo não precisava de faixa para legitimá-lo no poder.

sonhou”, porque “chegou a hora”. Ao dizer isso, o discurso, novamente, estabelece a posse, o novo governo como um marco.

Desse modo, conseguimos identificar a criação de um novo CONTÊINER, além de o Brasil aparecer em TRAJETÓRIA, como podemos notar nos seguintes *esquemas-I*:

Figura 13 – Lula I: Mudança – Esquemas-I



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Como é possível perceber, o discurso, neste bloco temático, se sustenta na ideia de que há um modelo esgotado, representando o modelo de governo do FHC, o qual traz em si, segundo o discurso, o peso de inúmeras questões negativas que prejudicaram o bem-estar do povo brasileiro. Ao mesmo tempo, aquele está ancorado na esperança de ver o Brasil como “a Nação que a gente sempre sonhou”.

Passado e futuro estão bem marcados linguisticamente. O governo que ora se inicia, na figura do presidente Lula, se apresenta, portanto, como TRAJETÓRIA para essa mudança que é caracterizada como “um processo gradativo e continuado”, uma vez que também se sustenta no esquema-I ESCALA.

Quanto à metáfora da contabilidade moral, a **Força Moral**, comum tanto ao modelo do pai severo quanto ao modelo dos pais protetores, aparece. É possível perceber nos discursos já vistos que há uma tendência à aparição dessa metáfora, e

não podia deixar de ser diferente, afinal, quaisquer que sejam as nossas inclinações ideológicas, é preciso que confiemos em nossos governantes. Ademais, o sistema político em vigor, até então, o presidencialismo, faz com que, naturalmente, atente-mos à importância da figura do presidente.

Além disso, há a presença da **Moralidade como felicidade** em

chegou a hora de transformar o Brasil naquela Nação com a qual a gente sempre sonhou: uma Nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos (Brasil, 2003, p. 1) (Lula I).

Segundo Lakoff (2002), a felicidade vem depois do sacrifício. E o trecho anterior faz parte, justamente, do parágrafo seguinte ao encadeamento dos elementos negativos que tentavam caracterizar o “modelo esgotado” do governo predecessor. Ou seja, após o sofrimento, chegou a recompensa, a felicidade.

Ademais, é possível identificar, também, o **Crescimento moral**, porque o Brasil se tornará uma “nação soberana”, “consciente da própria importância no cenário internacional”, além de propiciar a felicidade. E esse **Crescimento moral**, por sua vez, de acordo com o trecho, é acompanhado da **Força moral para nutrir** dentro do escopo progressista, pois, independentemente dos valores dos filhos, a **Força moral** não visa a compensar apenas os que são bons aos olhos do pai, mas a nação será “capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos”.

Dessa maneira, por ora, o primeiro discurso de posse do Lula comporta-se de forma mais progressista, pertencendo,

assim, ao modelo de família dos pais protetores. Ao terminar o bloco afirmando que a mudança será “por meio do diálogo e da negociação”, o discurso indica que o governo não será feito apenas por e para aliados, mas para todos. Ninguém precisa negociar com aliados, mas com opositores. Essa é uma característica bem marcante no modelo progressista, pois, segundo Lakoff (2002), pais conservadores só se preocupam com o bem-estar da sua família, num modelo restrito, ao passo que pais progressistas têm um conceito amplo de família e não deixam de nutrir os filhos que não consideram dignos. Se conservadores restringem, os progressistas ampliam o seu raio de ação.

Lula II

O segundo discurso de posse de Lula, em 2007, começa fazendo uma relação entre o velho e o novo, tendo na figura do próprio presidente o mote das mudanças. Esse primeiro bloco, cujo tema é mudança, está mais direcionada à mudança do *selfie* de Lula durante os quatro primeiros anos do seu mandato. Aqui, no entanto, analiso o segundo bloco que aparece nesse discurso, pois apresenta as mudanças relacionadas ao país³¹. Vejamos:

Quatro anos depois, o Brasil é igual na sua energia produtiva e criadora.

Mas é diferente – para melhor – na força da sua economia, na consistência de suas instituições e no seu equilíbrio social.

Em que momento de nossa história tivemos

31. Também foi retirado, para esta análise, o trecho do bloco que falava sobre as mudanças ocorridas no mundo.

uma conjugação tão favorável e auspiciosa: de inflação baixa; crescimento das exportações; expansão do mercado interno, com aumento do consumo popular e do crédito; e ampliação do emprego e da renda dos trabalhadores?

O Brasil ainda é igual, infelizmente, na permanência de injustiças contra as camadas mais pobres. Porém é diferente, para melhor, na erradicação da fome, na diminuição da desigualdade e do desemprego.

É melhor na distribuição de renda, no acesso à educação, à saúde e à moradia. Muito já fizemos nessas áreas, mas precisamos fazer muito mais. O Brasil ainda possui sérias travas ao seu crescimento e fragilidades nos seus instrumentos de gestão. Mas nosso país é diferente - para melhor: na estabilidade monetária; na robustez fiscal; na qualidade da sua dívida; no acesso a novos mercados e a novas tecnologias; e na redução da vulnerabilidade externa.

O trabalhador brasileiro ainda não ganha o que realmente merece, mas temos hoje um dos mais altos salários mínimos das últimas décadas, e os trabalhadores obtiveram ganhos reais em 90% das negociações salariais nestes últimos quatro anos. Criamos mais de 100 mil empregos por mês com carteira assinada, sem falar das ocupações informais e daquelas geradas pela agricultura familiar, totalizando mais de 7 milhões de novos postos de trabalho.

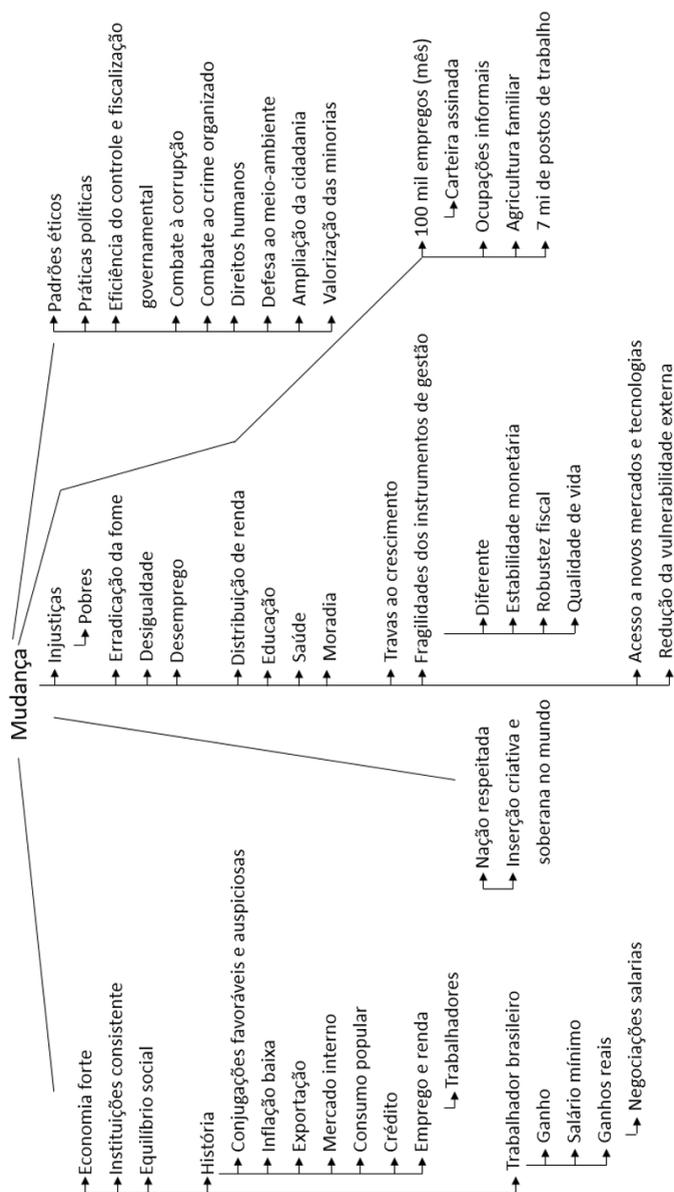
O Brasil ainda precisa avançar em padrões éti-

Assim, segundo esse discurso, os que mais mudaram foram o Brasil e os trabalhadores. Como é possível perceber, Lula não fala apenas de mudanças positivas, as que foram realizadas, segundo ele, durante os seus quatro anos de mandato, mas também fala das mudanças que ainda precisam ser feitas.

Tal qual o primeiro, o discurso do segundo mandato de Lula estabelece dois momentos. Primeiramente, destaca as mudanças positivas que conseguiu fazer como, por exemplo, o aumento do emprego e a ampliação da cidadania; e, em seguida, aponta os problemas que não foram possíveis “ainda” sanar, como as fragilidades dos instrumentos de gestão e as travas ao crescimento.

Novamente, ao tentar negar a existência de alguns problemas, Lula acaba ativando *frames* de peso negativo, como FOME, DESEMPREGO e CORRUPÇÃO ao tratar das mudanças que ocorreram no Brasil durante o seu primeiro mandato. No entanto, apesar de acionar esses *frames*, eles não estão associados ao seu mandato, mas aos problemas deixados pelos presidentes anteriores. Vejamos, a seguir, na figura relativa à representação em grafo deste bloco, como esses *frames* aparecem e se relacionam:

Figura 15 – Lula II: Mudança – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Para construir o sentido de Brasil no tocante ao *frame* MUDANÇA após o seu primeiro mandato, Lula recorre à ativação de inúmeros *frames conceptuais básicos* que tratam desde a questão do emprego até o trato ao meio ambiente. Em poucos parágrafos, inúmeros *frames* são ativados e o interlocutor é levado a pensar na diversidade complexa do que é gerir um país.

A noção de Brasil, como é possível perceber, é construída sobre a dimensão imagética de ESCALA. Havia, no primeiro discurso, a ideia de dois Brasis: um, “um modelo esgotado”; e o outro, “uma Nação com a qual a gente sempre sonhou”. Aqui, quatro anos depois, o Brasil é descrito, muitas vezes, como “diferente” e “melhor”, mas que “ainda” “precisa” resolver muita coisa. “Brasil possui” representa as conquistas que já foram alcançadas, mas “Brasil precisa” indica que ele ainda não se configura como “a Nação com a qual a gente sempre sonhou” (Lula I).

Segundo Duque e Costa (2012), a ESCALA não aparece de forma isolada. Neste caso, em Lula II, a *escala* aparece associada à imagética de ORIGEM-CAMINHO-META. O Brasil, TRAJETOR, está mais próximo de atingir a sua meta, no entanto, de acordo com a construção do sentido, não a atingiu “ainda” apesar de se encontrar numa situação “melhor” do que quando Lula assumiu o seu primeiro mandato.

Se o que prevalecia no primeiro discurso era a ideia de dois momentos, agora, depois de quatro anos, o *frame* MUDANÇA indica que, de fato, o Brasil do “modelo esgotado” ficou para trás. Se no primeiro discurso o CONTÊINER indicava dois Brasis, agora temos apenas um Brasil em TRAJETÓRIA, ao mesmo tempo numa ESCALA ascendente, aberta. O Brasil do “modelo esgotado” (Lula I) vai ficando para trás – mas ainda não foi aban-

donado completamente, como indica o já discutido “ainda” –, e deslocando-se para se tornar “aquela Nação com a qual a gente sempre sonhou” (Lula I).

Do ponto de vista da metáfora da contabilidade moral, o *frame* que mais salta aos olhos é o **Crescimento moral**. Durante todo o bloco temático que constrói o *frame* MUDANÇA, o Brasil é descrito em ascensão. No entanto, como sabemos, isso não é suficiente para se concluir qual o modelo de família o discurso evidencia, uma vez que a **Força moral** é presente em ambos os modelos.

Dessa maneira, precisamos atentar para o que está sendo privilegiado na questão do crescimento. Apesar de tratar de inúmeros fatores ligados ao governo, Lula, em seu segundo discurso de posse, privilegia os trabalhadores. Nesse bloco de mudanças, os *frames* mais acionados foram os que se relacionam ao trabalhador, por exemplo, EMPREGO, NEGOCIAÇÕES SALARIAIS, AGRICULTURA FAMILIAR E EQUILÍBRIO SOCIAL. Ou seja, o **Crescimento moral**, aqui, não é só do país ou do seu governante, mas, sim, dos trabalhadores. Portanto, baseado nesses *frames*, é possível afirmar que esse bloco temático tem um caráter mais progressista.

Contando os *frames conceptuais básicos* relacionados ao *hub* trabalhador no bloco de mudança no primeiro e no segundo discurso, veremos que este tem um número de pelo menos doze *frames* enquanto aquele tem apenas um *frame*. Logo, seguindo esse critério de recorrência, é possível afirmar-se que o segundo discurso apresenta mais elementos progressistas do que o primeiro.

Por essa mesma questão, da recorrência dos *frames* ligados aos trabalhadores, as metáforas da **Moralidade como**

distribuição justa e Moralidade como proteção social são marcadas quando Lula fala em EQUILÍBRIO SOCIAL, AMPLIAÇÃO DA CIDADANIA, VALORIZAÇÃO DAS MINORIAS e, claro, NEGOCIAÇÃO SALARIAL. Assim, há mais um indicativo de que esse discurso se enquadra no modelo dos pais progressistas, uma vez que amplia, de acordo com Lakoff (2002), o seu conceito de família e atende aos mais necessitados.

4.1.3 Mudança segundo Dilma Rousseff

Dilma Vana Rousseff foi eleita em 2010 como a primeira mulher presidenta da República Federativa do Brasil. Um fato curioso é que o pleito ao maior cargo executivo da nação foi a sua primeira experiência como candidata. Até então, Dilma Rousseff atuou como Ministra de Estado no Governo Lula, sendo, inclusive, Ministra-chefe da Casa Civil. No entanto, apesar de nunca ter disputado um cargo público por meio de eleições diretas, Dilma tinha como maior cabo eleitoral o presidente Lula, que deixava o governo com recordes de aprovação.

Dilma I

No dia primeiro de janeiro de 2011, ao assumir o seu primeiro mandato, Dilma Rousseff também dedicou um espaço do seu discurso para tratar do *frame* MUDANÇA, ainda que, paradoxalmente, num tom de continuidade, tal qual o primeiro discurso de posse de FHC, quando ele dava continuidade ao governo de Itamar Franco. Vejamos:

Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será,

ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo Presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje.

Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional, ao mesmo tempo em que superamos a nossa dívida externa. Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média.

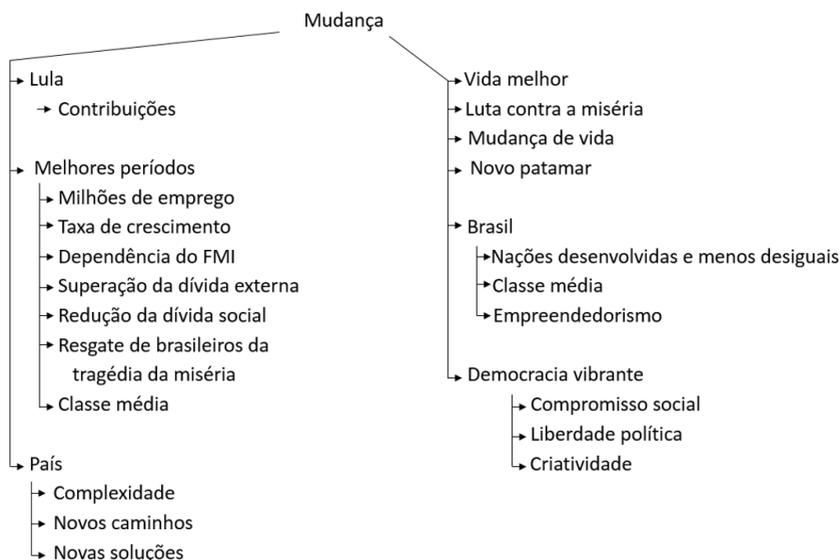
Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar sempre novas soluções.

Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com a ajuda do governo e de toda a sociedade, mudar de vida e de patamar.

Que podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo – um país de classe média sólida e empreendedora. Uma democracia vibrante e moderna, plena de compromisso social, liberdade política e criatividade (Brasil, 2011, p.1).

Pelo discurso da Dilma, companheira de partido de Lula, podemos entender que o “modelo esgotado” o qual, segundo Lula I, trouxe inúmeros problemas ao país, está cada vez mais distante. A própria representação em grafo do discurso de Dilma traz mais *frames* de valor positivo do que negativo. Vejamos a representação em grafo:

Figura 17 – Dilma I: Mudança – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Se o primeiro discurso de Lula caracterizava dois Brasis em contêineres diferentes, o primeiro discurso de Dilma, por meio da escala, reforça a noção de trajetória como um esquema-I do frame mudança, mas já está mais próximo do contêiner ideal descrito por Lula em seu primeiro mandato. Isso é um indício de que não só o governo de Dilma representa a con-

tinuidade do governo de Lula, como o discurso de Dilma se apresenta como continuidade do discurso do seu antecessor.

Assim, ao menos neste bloco temático, é como se tivéssemos o mesmo discurso fragmentado em três marcações temporais distintas: primeiro e segundo discursos de Lula; e primeiro discurso de Dilma. Conseguimos, assim, encontrar a mesma base do discurso do primeiro mandato de Lula no discurso do primeiro mandato de Dilma.

Em “por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo Presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje”, é possível identificar um novo contêiner representado por “Brasil de hoje”. O trajetor, por sua vez, é indexado por meio de “extraordinários avanços recentes”. “Avanço”, segundo o Houaiss (2017), é:

substantivo masculino

ato ou efeito de avançar; avançada, avançamento

1 vantagem em relação a algo ou alguém; dianteira, adiantamento <o corredor leva um a. de 20 m sobre os demais> <qual dos operários apresentou mais a. na produção? >

ascensão profissional ou acadêmica <o novo posto é um a. na sua carreira>

3 melhora de estado ou qualidade <o boletim médico revela um a. em seu estado de saúde>

4 abertura de uma nova perspectiva para a solução de um problema, ou para o progres-

so de um conhecimento <esse medicamento é um a. para a cura do câncer> <o novo programa é um a. contra o analfabetismo>

Dessa maneira, de acordo com Dilma, o Brasil, *TRAJETOR*, está avançando, ou seja, melhorando, ascendendo a um patamar até então não conquistado. Se o Brasil é, ainda, um *TRAJETOR*, evidentemente, ainda não se tornou “aquela Nação com a qual a gente sempre sonhou” (Lula I).

Ao voltar nosso olhar sobre os *frames descritores de evento*, observamos, como exemplo neste bloco, as seguintes construções:

Figura 18 – Dilma I: Mudança – Frames descritores de evento

Empregos	sendo criados	
Taxa de crescimento	dobrou	
	Reduzimos	as dívidas
	Encerramos	a dependência do FMI

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Aqui, mesmo que a taxa de crescimento tenha dobrado, textualmente, sozinha, o agente das ações é o governo do PT. Ao utilizar os verbos desinenciais em primeira pessoa do plural, em “reduzimos” e “encerramos”, Dilma, mais uma vez, trata da continuidade, referindo-se ao governo de Lula e ao seu, que se inicia naquele momento, como um. Assim, se o bloco trata das mudanças positivas do Brasil, o agente dessa mudança é o governo do PT, sendo Lula, segundo Dilma, o líder desse avanço.

Por essa razão, a **Força moral** é presentificada no discurso da Dilma. País/governo forte é o que cria empregos, reduz dívidas, dobra taxas de crescimento. Por ora, todos os discursos analisados dentro do bloco de mudança apresentaram essa metáfora moral, comprovando, assim, o postulado de Lakoff (2002). Essa **Força moral** é acompanhada do **Crescimento moral**, uma vez que tal força, segundo o discurso em voga, só chegou a esse nível devido aos “avanços” do governo. O país estava debilitado, mas agora está crescendo moralmente.

Quando a presidenta fala da “luta contra a miséria” e da “redução da dívida social”, a metáfora da contabilidade moral aponta, respectivamente, a **Moral como distribuição justa** e **Moral como proteção social**. Nesse cenário, significa dizer que o Brasil se preocupou mais com os menos abastados, dando melhores condições de vida a “milhões de pessoas”.

Nessa conjuntura, de acordo com o que a linguagem elucidou, desde os *esquemas-I*, passando pelos *frames* mais básicos, até a metáfora da contabilidade moral, propriamente dita, é possível afirmar que o primeiro discurso de posse da Dilma se configura como progressista, uma vez que se insere no modelo de família dos pais protetores.

Dilma II

Após uma campanha acirrada, em que a vitória se deu por uma relativa pequena diferença de votos, Dilma Rousseff foi reconduzida, em 2015, ao cargo de presidenta da república. Durante a campanha e nos últimos anos de seu primeiro mandato, Dilma enfrentou o início de uma crise política que culminaria na sua cassação apenas um ano e meio depois da posse. Devido a essa crise, o segundo discurso de Dilma traz

um tom firme. Assim, no bloco que elucida o *frame* mudança, a preocupação em garantir a retomada do crescimento é latente:

Por isso, a palavra mais repetida na campanha foi mudança e o tema mais invocado foi reforma. Por isso, eu repito hoje, nesta solenidade de posse, perante as senhoras e os senhores: fui reconduzida à Presidência para continuar as grandes mudanças do país e não trairei este chamado. O povo brasileiro quer mudanças, quer avançar e quer mais. É isso que também eu quero. É isso que vou fazer, com destemor mas com humildade, contando com o apoio desta Casa e com a força do povo brasileiro.

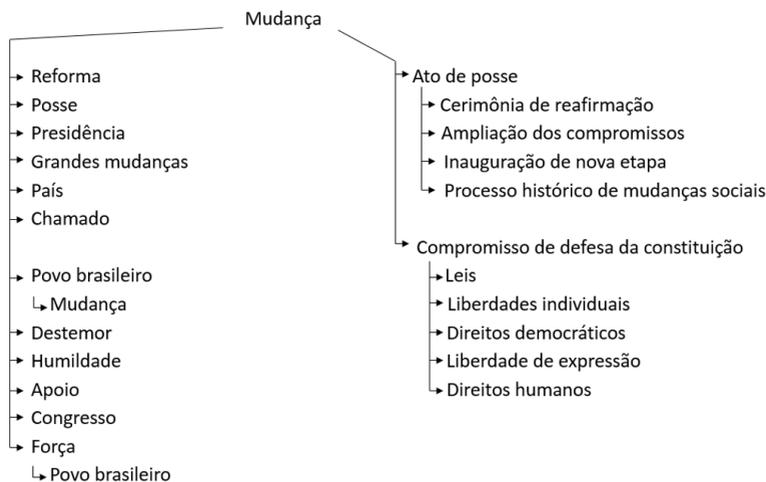
Este ato de posse é, antes de tudo, uma cerimônia de reafirmação e ampliação de compromissos. É a inauguração de uma nova etapa neste processo histórico de mudanças sociais do Brasil.

Faço questão, também, de renovar, nesta Casa, meu compromisso de defesa permanente e obstinada da Constituição, das leis, das liberdades individuais, dos direitos democráticos, da mais ampla liberdade de expressão e dos direitos humanos (Brasil, 2015, p. 1).

“Mudança” foi, de fato, a palavra significativa mais recorrente no bloco. Apesar do governo do PT, no discurso anterior, ter sido categorizado como um contínuo, havia, nesse momento, a necessidade de garantir que o Brasil iria retomar o crescimento e o governo iria “continuar as grandes mudanças do país”.

Tais garantias perpassam o “compromisso de defesa da Constituição”, passando pela “liberdade de expressão” e pelos “direitos democráticos”.

Figura 20 – Dilma II: Mudança – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Nesse segundo discurso de posse, a preocupação maior, como percebemos, é garantir a **Força moral** de seu governo. Quando fala do “processo histórico de mudanças sociais”, Dilma resgata a ascensão do pobre, a erradicação da miséria. No entanto, já não pode mais, a exemplo do primeiro discurso, falar em ampliação do emprego ou da renda, uma vez que o Brasil se encontrava em crise devido ao boqueio que o Congresso fez às ações da presidenta, sobretudo por meio das chamadas pautas-bomba, uma série de votações polêmicas com a intenção de atrasar as ações do governo federal ou fazê-lo assumir compromissos além do planejado, como aumentos salariais desproporcionais.

Contudo, ao afirmar seu compromisso, ou melhor, ao afirmar a “ampliação dos compromissos”, num discurso que é voltado ao povo brasileiro, evidencia-se a aparição do *frame* **Moralidade como distribuição justa**. Apesar de oferecer poucos recursos para que possa ser classificado como progressista ou conservador, o discurso tende mais ao modelo da família dos pais protetores, embora a preocupação mais evidente seja com a **Força moral**. Não fosse a pequena citação às mudanças sociais e o espaço dado discursivamente ao povo brasileiro, talvez a leitura pudesse ter sido outra. Porém, é possível afirmar com esses dados que o segundo discurso de Dilma, no tocante ao bloco que ativa o *frame* mudança, se comporta, no contínuo, de forma menos progressista que o primeiro.

Em relação ao povo brasileiro, os *frames* *descritores de evento* dão uma pista importante para a compreensão do seu papel no processo de mudança e como autêntico interlocutor do discurso. No excerto “O povo brasileiro quer mudanças, quer avançar e quer mais. É isso que também eu quero”, o elemento “quer” aparece num tom de exigência. O brasileiro “quer avançar”. Avançar é uma ação a ser realizada pelo povo. Segundo o discurso, o povo é o agente da mudança, não um expectador passivo. Essa noção é reforçada pelo excerto em que Dilma afirma que está “contando com o apoio desta Casa [Congresso] e com a força do povo brasileiro”. Ou seja, para as mudanças acontecerem, os parlamentares precisariam apoiar a presidenta e o povo brasileiro protagonizar esse processo com sua força.

Esse período, portanto, traz uma informação importante que é a divisão dessas figuras. Nesse contexto, Dilma não se inclui no grupo do povo, uma vez que afirma “o povo quer mu-

danças [...] é isso que eu também quero”. Desse modo, voltando à comparação com o primeiro discurso de posse de Lula, há uma separação entre Governo e Povo, e, dada às dificuldades, a ausência de citação de avanços, é possível concluir que ainda não é “aquela Nação com a qual a gente sempre sonhou” (Lula I).

4.1.4 Mudança segundo Michel Temer

Com o governo desgastado, devido à desaceleração da economia e à pressão do empresariado brasileiro, Dilma Rousseff sofreu processo de *impeachment*. Nesse processo, a presidenta foi acusada de cometer crimes de responsabilidade fiscal durante o seu primeiro mandato.

Com o processo terminado e a cassação consolidada, assumiu a presidência da República Michel Temer, vice-presidente da Dilma. Como discurso de posse, foi considerado o pronunciamento daquele à imprensa, o que se deu após a sua posse como presidente de fato (até então desempenhava esse papel interinamente) e a posse dos seus Ministros de Estado.

Pelas particularidades de sua posse, o discurso de Michel Temer tem um tom mais oral, uma vez que ele não lê nenhum discurso pronto. O discurso, em relação a tamanho, também é diferente dos demais, uma vez que é mais curto. No entanto, há características comuns aos discursos analisados até então, sobretudo, na presença do bloco temático que elucida o *frame* MUDANÇA. Vejamos

E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança. Confiança nos valores que formam o caráter de nossa gente, na vitalidade da nossa democracia; confiança na recuperação

da economia nacional, nos potenciais do nosso país, em suas instituições sociais e políticas e na capacidade de que, unidos, poderemos enfrentar os desafios deste momento que é de grande dificuldade.

Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que é urgente pacificar a Nação e unificar o Brasil. É urgente fazermos um governo de salvação nacional. Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro hão de emprestar sua colaboração para tirar o país dessa grave crise em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para enfrentarmos os desafios para avançar e garantir a retomada do crescimento. Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, tem as melhores receitas para as reformas que precisamos realizar. Mas nós, governo, parlamento e sociedade, juntos, vamos encontrá-las.

Eu conservo a absoluta convicção de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas se entusiasmem e retomem, em segurança, com seus investimentos. Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no país (Temer pede..., 2016, p. 1).

Apesar da ocorrência de “povo”, o discurso de Temer indica um maior acionamento de *frames* ligados à economia e, principalmente, aos empresários, como evidencia a representação em grafo do bloco.

Figura 22 – Temer: Mudança – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Os trabalhadores aparecem por meio dos indexadores “trabalhadores” e “emprego”. Isso indica que a preocupação do presidente não é construir sentido para essa categoria, uma vez que são os empresários, principalmente, quem recebem mais atenção durante o pronunciamento.

“Parcerias público-privadas”, “empresários dos setores industriais”, “de serviços” e “do agronegócio”, além de “áreas produtivas”, ajudam a ativar um *frame* de maior complexidade do que o *frame* TRABALHADORES: o *frame* EMPRESÁRIOS. Por isso, este *frame* recebe maior atenção e, na “cabeça” do receptor

do texto, os espaços mentais relacionados a esse modelo são preenchidos com mais informações a seu respeito.

Quanto aos *frames* descritores de evento, temos:

Figura 23 – Temer: Mudança – Dimensão de evento do frame

Empresários	retomem	seus investimento
Trabalhadores		

Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Na mesma ocorrência, empresários e trabalhadores são conclamados, após a “confiança” transmitida pelo governo, a retomarem os seus investimentos. Os empresários, de diversos setores, segundo o discurso, desacreditaram no país e pararam de investir. Isso é facilmente compreensível. No entanto, Temer traz “trabalhadores” a essa construção, mas não deixa claro que investimentos o trabalhador deixou de fazer durante a descrença no governo anterior. Talvez seja uma antecipação do seu *outdoor* que dizia “Não pense em crise. Trabalhe”. O papel do trabalhador na retomada da economia é, portanto, não pensar.

Claramente, o papel de “trabalhador” no discurso de Temer não é, como textualmente foi tentado colocar, igual ao papel do empresariado. No segundo discurso de Lula, por exemplo, vimos que a “agricultura familiar” foi um *frame* ativado ao se falar na mudança da economia. Na contramão dessa ideia, Temer, por sua vez, pede a confiança dos empresários “do agronegócio”. Há, de fato, uma disparidade no papel de empresários e trabalhadores durante a construção do sentido no discurso em questão.

Temer inicia o seu discurso dirigindo-se ao povo brasileiro, no entanto, como se pode perceber, de acordo com os *frames* ativados neste bloco temático, não há representatividade. Evidentemente, esse é apenas o primeiro bloco temático analisado e é possível adiantar que o povo, os trabalhadores, os não empresários aparecem em seu discurso.

A aparição de “parceria público-privada” e a valorização do segmento empresarial nesse discurso faz lembrar o papel de empresários e trabalhadores no discurso do primeiro mandato de FHC, quando aos empresários cabia “inovar” e aos trabalhadores cabia “enfrentar”. O papel dos empresários, para Temer, é o mesmo papel a eles atribuído por FHC. Tanto o pmdbista quanto o tucano, em seu primeiro discurso, legaram aos trabalhadores um papel secundário na recuperação da economia. Dilma e Lula, em ambos os discursos, deram mais importância aos trabalhadores.

Temer fala em fazer “um governo de salvação nacional”. Segundo o *Houaiss* (2007), “salvação” é:

substantivo feminino

1 ação ou efeito de salvar(-se), de libertar(-se)

2 pessoa ou coisa que salva (de perigo, situação difícil etc.) <a mulher foi sua s.> <a moratória é a única s.>

3 passagem de uma situação difícil para outra confortável; triunfo, vitória, independência

4 redenção, resgate, remissão.

Nesse sentido, Temer vai na direção oposta dos discursos de Lula e Dilma, em ambas as posses, pois considera que

o rumo do Brasil não está certo. O pmdbista retrata o Brasil dentro de um **CONTÊINER** ao dizer que o país precisa sair “dessa crise em que nos encontramos”. Neste bloco temático, o discurso promete “garantir a retomada do crescimento”. Essas construções indicam que, além do **CONTÊINER**, o discurso recorre à dimensão imagética de **ORIGEM-CAMINHO-META** para embasar a construção do sentido de Brasil.

“Resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e externo” também é outro indicativo de que a mudança proposta por Temer só diz respeito às questões econômicas. Ao menos, neste bloco, o presidente não traz ao discurso *hubs* que evidenciem questões sociais, mas, sim, elementos que retratam a economia³².

De acordo com as questões observadas, dentro da **metáfora da contabilidade moral**, Temer, ao privilegiar a economia como bem-estar, indica um posicionamento mais conservador, pelo incisivo aparecimento da **Força moral**, sobretudo pelo **Crescimento moral**. A proteção, aqui, é a proteção da economia, não do povo, que aparece pouco, e apenas como um coadjuvante no processo de mudança.

4.2 Frame economia

O bloco temático que ativa o circuito neural responsável pelo conceito de mudança é, como visto, uma apresentação do governo que se dá naquele momento da posse. O *frame* **ECONOMIA**, presente em todos os discursos, aparece não só no bloco da mudança, mas durante todo o texto.

32. Vide a representação em grafo na página anterior.

Desse modo, para o desenvolvimento desta parte da análise, foram recolhidas as ocorrências que mais expandiram o conceito da economia e possibilitaram identificar quão progressista ou conservadora é a visão do presidente. Em alguns casos, será possível apresentar um bloco maior, uno, como no caso do bloco que elucidou o *frame* MUDANÇA; outras vezes, no entanto, parágrafos distintos do texto serão analisados, justamente por conta da diluição do tema.

4.2.1 Economia segundo Fernando Henrique Cardoso

FHC governou o país entre 1995 e 2002, em meio a crises econômicas, crise energética e demais problemas que afetaram a vida de milhões de brasileiros. Sociólogo de formação, FHC coordenou, como ministro da Fazenda no governo Itamar Franco, a equipe que desenvolveu o Plano Real, que acabou sendo a principal proposta durante a sua primeira campanha presidencial. Desse modo, FHC assume o seu primeiro mandato com prestígio do mercado.

FHC I

Ainda no bloco relacionado ao *frame* MUDANÇA, FHC traz a METÁFORA economia é planta. Além deste trecho, há outros acionamentos desse conceito durante o seu discurso. Essas ocorrências acontecem em meio aos assuntos mais variados, como a própria mudança ou a mobilidade social. No entanto, há um bloco em que a discussão em torno da ideia da economia se concentra no primeiro discurso de posse de FHC. Vejamos:

Também vemos com satisfação que aumenta o interesse de outros países pelo Brasil. Nossos esforços

para consolidar a democracia, ajustar a economia e atacar os problemas sociais são acompanhados com expectativa muito positiva do exterior.

Todos percebem hoje por que a nossa transição foi mais lenta e, por vezes, mais difícil do que em outros países. É porque ela foi mais ampla e mais profunda. A um só tempo, restauramos as liberdades democráticas e iniciamos a reforma da economia. Por isso mesmo, construímos base mais sólida para seguir adiante. Temos o apoio da sociedade para mudar. Ela sabe o que quer e para onde devemos ir. Rapidamente, no ritmo veloz das comunicações e da abertura da economia brasileira, estamos deixando para trás atitudes xenófobas, que foram mais efeito do que causa do nosso relativo fechamento no passado.

Nada disso implica renunciar a uma fração que seja da nossa soberania, nem descuidar dos meios para garanti-la (Discurso de posse..., 2010, p. 13).

Se nos atentarmos à dimensão conceptual básica do *frame*, observaremos que, de fato, o termo “economia” é um dos mais recorrentes. Outras palavras significativas que têm grande destaque nesse discurso são “mais” e “outros”, que dão ideia de avanço, soma e, também, carregam significados que indicam mudança. Os vocábulos “nosso” e “nossa” também são recorrentes no excerto, seguidos de “países”. Isso pode indicar, por alto, que o foco dado no tocante à economia tem, em primeiro lugar, um foco no próprio Brasil e, seguidamente, uma abordagem que considera também outras nações.

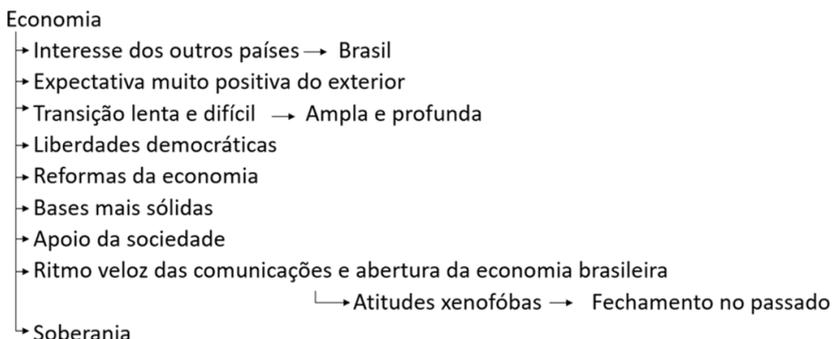
Figura 24 – FHC I: Economia – Dimensão conceptual básica dos *frames*



Fonte: Plataforma da *Wordart.com*.

Além do gráfico em nuvem, que traz à luz as principais recorrências do trecho do discurso, por meio da representação em grafo a seguir, é possível identificar como se dá a ligação entre um frame e outro dentro da complexidade da construção do sentido do frame economia. Vejamos:

Figura 25 – FHC I: Economia – Representação em grafo



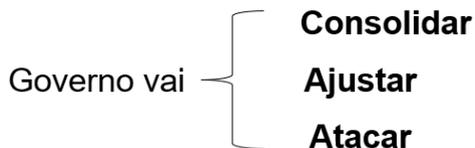
Fonte: elaborado pelo autor (2018).

É possível observar, de acordo com o gráfico anterior, que a preocupação de FHC nesse primeiro discurso de posse é falar para o mercado internacional. “Interesses dos outros países” e “Expectativa muito positiva do exterior” deixam clara a sua preocupação em “pintar” a economia brasileira como algo positivo. Ademais, ao falar em “Bases mais sólidas”, FHC aciona, baseado na metáfora da contabilidade moral, o *frame* **Força moral**. Ou seja, ser bom é ser reto, ser sólido, gerar boas expectativas.

FHC também fala em soberania, novamente fortalecendo a moral que se quer construir. No bloco, também aparece a construção “Apoio da sociedade” que é a única ocorrência, ainda que discreta, da participação popular nessa economia. A preocupação, aqui, é mostrar **autoridade moral** frente às demais economias, frente aos outros países.

No excerto “Nossos esforços para consolidar a democracia, ajustar a economia e atacar os problemas sociais são acompanhados com expectativa muito positiva do exterior (Discurso de posse..., 2010, p. 13, grifo meu)”, a dimensão de evento do *frame*, os termos destacados evidenciam o papel do governo como agente da economia. Em momento algum, as classes de trabalhadores são citadas nesse trecho. A responsabilidade, aqui, é centrada exclusivamente na figura do governo, cujo líder discursiva. É uma organização que se assemelha ao modelo de família do pai severo, em que tudo é centralizado na figura do pai, haja vista que as três ações destacadas no excerto anterior mostram o governo como promotor desses eventos.

Figura 26 – FHC I: Economia – Dimensão de evento do *frame*



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Ao tratar da abertura da economia brasileira, FHC, nesse excerto, fala em deixar para trás “atitudes xenóforas” e seus efeitos que sobressaltam mais do que as causas. Sem sair do discurso do presidente ora analisado, é evidente uma alusão à economia liberal, que presa, grosso modo, mais as questões de mercado do que o bem-estar. Ao abrir a economia e iniciar relacionamentos com países que não têm, por exemplo, compromisso com o meu ambiente, é uma evidência do **Autointeresse moral**, ou seja, a busca pela economia para atingir o seu próprio bem-estar, rejeitando o bem-estar alheio.

Tratar de soberania, reforma, abertura de mercado e negligenciar a presença do trabalhador nesse processo é uma forma, também, de enfatizar a **Moralidade como nutrição** baseada na autoridade do governo. É importante lembrar que as mesmas metáforas são compartilhadas por conservadores e progressistas, no entanto, neste caso, essa nutrição, que representa o bem-estar da economia brasileira, está subordinada apenas à autoridade do presidente, do governo. Um indício linguisticamente marcado de um posicionamento conservador devido à omissão da importância do trabalhador. Assim, o discurso denota que o presidente traz para si e para o governo a responsabilidade pela economia.

Esse posicionamento já havia aparecido na análise da ocorrência da dimensão de evento do *frame* no bloco de mudança, em que se afirma que cabe ao empresário “inovar” e ao trabalhador “enfrentar”. Diante desses dois blocos até agora analisados, é possível afirmar previamente que o primeiro discurso de posse do presidente FHC se comporta, acentuadamente, de forma conservadora.

FHC II

A temática relacionada à economia encontra-se diluída no segundo discurso de posse de FHC. Isso acontece, provavelmente, porque o país enfrentava uma crise e, durante a fala, o presidente FHC direcionava-se aos congressistas para explicitar a importância das reformas necessárias para controlá-la. Há, entretanto, dois blocos que oferecem subsídios para o desenvolvimento das análises:

Reunimos hoje as condições para construir um Brasil efetivamente solidário e mais justo. O objetivo central do governo que ora se inicia será o de radicalizar a democracia, democratizar o mercado, aumentando a competição, e promover mais ampla oportunidade para todos os brasileiros. Isso requer determinação política e crescimento econômico continuado (Brasil, 1999, p. 26).

Senhores Congressistas, não fui eleito para ser o gerente da crise. Fui escolhido pelo povo para

superá-la e para cumprir minhas promessas de campanha. Para continuar a construir uma economia estável, moderna, aberta e competitiva. Para prosseguir com firmeza na privatização. Para apoiar os que produzem e geram empregos. E assim recolocar o País na trajetória de um crescimento sustentado, sustentável e com melhor distribuição de riquezas entre os brasileiros.

Nesses últimos quatro anos enfrentamos um quadro internacional adverso. A economia brasileira sofreu o abalo de três crises internacionais de graves proporções. Ainda vivemos os reflexos negativos do colapso da moeda russa. Nossa economia enfrenta o pesado ônus de elevadas taxas de juros, que arrefeceram o crescimento e diminuíram o emprego.

O Brasil continuará a desempenhar papel ativo na revisão do sistema financeiro internacional. Não podemos aceitar que aplicações especulativas, por não estarem submetidas a qualquer tipo de supervisão ou ordenamento, desarticulem o processo produtivo e constituam ameaça recorrente às economias nacionais.

Mas também é forçoso reconhecer que temos as nossas vulnerabilidades, entre elas, o déficit público. Gastamos mais do que arrecadamos. Enquanto não equilibrarmos nossas contas, a cada turbulência da economia internacional pagaremos, como temos pagado, preço elevado.

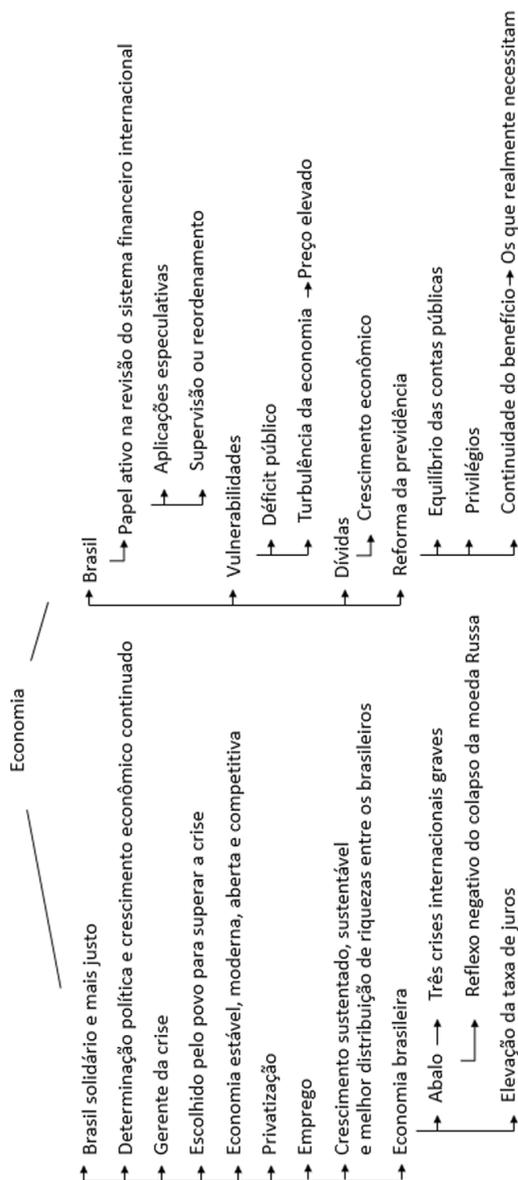
Assim como não hesitei em tomar as medidas necessárias para defender o Real, não hesitarei em fazer o que for preciso para pôr fim ao tormento do déficit público. É melhor o remédio amargo que cura a doença, do que a febre crônica que debilita as forças e compromete a saúde do organismo.

Não tenham dúvidas, Senhores. Marcharei com determinação para obter do Congresso o ajuste fiscal e para livrarmos o Brasil da armadilha dos juros altos, que aguilhoam nosso ímpeto de crescimento econômico.

A reforma da Previdência, embora incompleta, abre perspectivas melhores para o equilíbrio das contas públicas. Vamos prosseguir com ela, eliminando privilégios e assegurando a continuidade dos benefícios em favor dos que realmente necessitam (Brasil, 1999, p. 28-29).

Os elementos que elucidam a dimensão conceptual básica do *frame* nesse excerto são “economia”, “Brasil” e “crescimento”. A partir dessas palavras, é possível identificar qual a tônica deste bloco ora analisado. O *frame* CRESCIMENTO é associado maciçamente ao *frame* ECONOMIA nesse segundo discurso. Além desses elementos, aparecem com destaque as palavras “melhor” e “mais”, que fortalecem a ideia de crescimento, e a palavra nossa, que remete à nação e às pessoas para as quais o discurso está sendo dirigido. Segue o gráfico em nuvem:

Figura 28 – FHC II: Economia – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

A exemplo do primeiro discurso, FHC, em seu segundo pronunciamento, abre mais *hubs*, ativa mais espaços mentais relacionados aos empresários e ao próprio governo. A palavra “povo”, quando aparece, é para legitimar o seu cargo de presidente eleito. Ao ativar a ideia de um “Brasil solidário e mais justo”, o discurso não esmiúça o que seria essa justiça, não delimita a quem o país será mais solidário. Quanto ao *frame* *CRISE*, que aparece com certa recorrência no *frame* *ECONOMIA*, de maior complexidade, é um reflexo do período em que o país estava vivendo. Ao trazer esse campo semântico associado ao papel do governo frente a este problema, FHC reforça a sua **Autoridade Moral** por meio da **Força Moral**, o que passa, também, pela noção de **Integridade Moral**, pois é o governo quem vai superar a crise.

Dentro do escopo econômico, o Brasil aparece desempenhando “papel ativo na revisão do sistema financeiro internacional”. Essa construção aciona o conceito de **Autoridade moral**. E se quem desempenha esse papel é o governo, uma vez que Brasil não é o verdadeiro agente, e se o papel não é dividido entre os demais componentes da família – que, nesse caso, são os brasileiros –, este *frame* se aproxima do modelo de família do pai severo, em que o poder é centrado no presidente, que desempenha papel figurativo de pai.

O excerto fala em “melhor distribuição de riquezas entre os brasileiros” e, novamente, o governo aparece como único agente. Aqui, é ativado o *frame* da **Moralidade como nutrição**, a qual, no modelo conservador de governo, é associada à **Autoridade moral** que, no caso do FHC, em seu segundo discurso, é marcada pela eleição no pleito.

Apesar de o discurso se comportar de forma mais conservadora, é importante destacar que a noção de distribuição de

riquezas ao povo brasileiro e a ativação da ideia de eliminação dos privilégios levam FHC em direção a um pensamento progressista e traz à luz o *frame* de **Moralidade como proteção social**. De acordo com Lakoff (2002), é papel dos pais protetores, lido aqui como governantes progressistas, proteger os laços sociais, agir moralmente, o que, nesse caso, é fazer com que as crianças, o povo, sejam protegidos, amparados.

Evidentemente, o espaço destinado às questões burocráticas, ao mercado, à crise é maior do que o espaço destinado à seguridade social. Mas, no caso desse segundo discurso de posse, espaços mentais ocupados pelo povo são ativados em maior ocorrência do que no primeiro discurso. O *frame* ECONOMIA, em FHC II, traz maior número de *frames* progressistas subordinados ao *frame* principal.

Quanto à dimensão de evento do *frame*, FHC faz uso da forma linguística “marcharei” para indicar o diálogo com o Congresso, para aprovação dos ajustes que garantirão o crescimento da economia. De acordo com o Houaiss (2018), “marchar” significa, basicamente, seguir em ritmo de marcha, como um militar em direção ao confronto.

marchar (1613 cf. CJoá)

verbo

1 t.i.int. (prep.: a, para) seguir caminho em ritmo de marcha <marchou ao encontro do pai> <nas festividades, os soldados marcharam com garbo>

2 t.i.int. (prep.: para); p.ana. caminhar processionalmente <os fiéis marcharam (para a capela), entoando hinos> 3 int. andar, caminhar; deslocar-se

<os bandeirantes marcharam pelas matas adentro>

4 t.i.int. (prep.: sobre) avançar, investir sobre <o exército inimigo marchou (sobre a cidade) >

5 t.i.int. (prep.: para) fazer progresso; evoluir, progredir <m. para uma solução sensata> <as negociações marcham satisfatoriamente>

Com essa escolha lexical, FHC se posiciona, enquanto figura central do governo, como aquele que vai enfrentar os problemas pelos e para os brasileiros. Ele, com isso, fortalece sua **Força moral** e sua **Autoridade moral**. FHC, marcado pela desinência de primeira pessoa do singular, assume a responsabilidade pela solução do problema frente ao Congresso. A autoridade é centrada nele e, portanto, a visão de mundo que cria de si mesmo é conservadora.

4.2.2 Economia segundo Luiz Inácio Lula da Silva

Lula assumiu a presidência em 2003 junto ao seu então vice-presidente, José de Alencar. Sua chapa incluiu o nome de Alencar, empresário respeitado, para acalmar o mercado que temia os caminhos que um governo autodenominado de esquerda pudesse traçar.

Lula assumiu após eleição contra José Serra no segundo turno e, como fizeram FHC e os presidentes que o sucederam, abordou o tema da economia durante a sua posse. A seguir, há o trecho colhido para análise:

Lula I

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que

querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado, para a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais. Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado. Da mesma forma, é necessário incrementar, e muito, o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infra-estrutura voltada para o escoamento da produção. Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da Nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual e volte a navegar no mar aberto do desenvolvi-

mento econômico e social. O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, a reforma tributária, a reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional. Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil (Brasil, 2003, p. 5-6).

Na sua dimensão conceptual básica, o *frame* ECONOMIA, construído por Lula em seu primeiro discurso, traz os termos “trabalho”, “reforma” e “social”, este, em algumas ocorrências, acompanhado de “pacto”. Apenas por essas três maiores recorrências, é possível perceber que Lula lega ao trabalho uma grande importância no que concerne ao desenvolvimento econômico do país.

dãos de um país; coletivo <fundo s.> <tendência s.>

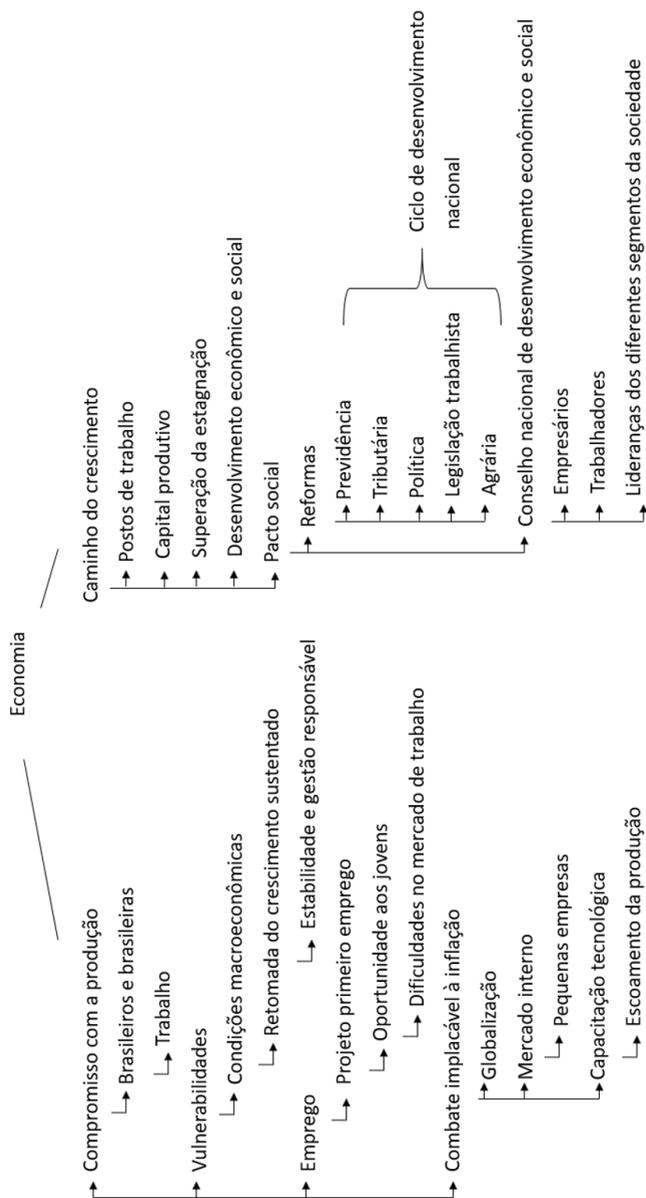
5 que tende ou é dado a viver em grupos, em sociedade; sociável, gregário <o Homem é um ser s.>

6 conveniente à sociedade ou próprio dela <pacto s.>

“Social”, de acordo com o Houaiss (2018), é um qualificador concernente à sociedade, relativo à comunidade, ao conjunto de cidadãos do país. Por essa perspectiva, a economia, segundo Lula I, não é algo de responsabilidade apenas do governo, mas um tema caro a todos que fazem parte da família, nesse caso, a sociedade. Quando o presidente, que seria o pai, de acordo com a metáfora da contabilidade moral, expande a importância dos demais componentes da família numa questão importante, configura, de acordo com os postulados de Lakoff (2002), uma tendência a um discurso mais progressista. Em outras palavras, dar voz, pedir opinião e o diálogo com os outros, é uma tendência progressista,

Além dos termos significativos mais recorrentes neste bloco semântico, é possível verificar a presença de mais espaço às classes trabalhadoras por meio da representação em grafo, que mostra os *frames* que são subordinados ao *frame* ECONOMIA, mais complexo nesse trecho:

Figura 30 – Lula I: Economia – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Assim, a economia, segundo Lula I, passa por caminhos que vão desde o “compromisso com a produção”, que lega importância ao trabalho de brasileiros e de brasileiras, até o “caminho do crescimento”, que passa pelo pacto social e seus *frames* subordinados, como as reformas e a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Ao invés de focar sobremaneira no mercado, Lula I fala em criação de empregos associada às oportunidades aos jovens e às necessidades do mercado de trabalho, o que indica uma preocupação com o trabalhador, com o sustento das famílias, tão importante ou maior do que, simplesmente, a movimentação da economia.

Ao tratar do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Lula I lega a mesma importância dos empresários aos trabalhadores, além de lideranças de diversos segmentos da sociedade. Esse modelo de gestão, que não está centrado na figura de apenas uma pessoa, é marca do modelo de família dos pais protetores e indica uma aproximação com o campo progressista.

Dessa maneira, dividindo as responsabilidades, a **Autoridade moral** é conquistada, não imposta. Isso mostra, também, o aparecimento da **Moral como empatia**. Mesmo não sendo operário há muitos anos na ocasião do discurso, Lula protagoniza a figura do trabalhador ao tratar da economia.

Como *hub* de ECONOMIA, o pacto social, as reformas e o desenvolvimento social são elucidados. Nas metáforas progressistas, os laços sociais são crianças precisando de apoio e os agentes morais são os pais protetores (Lakoff, 2002). Dessa maneira, Lula I caminha, no contínuo da moralidade, no sentido progressista.

Lula II

Durante o segundo discurso de Lula, a ocorrência do termo “economia” é escassa e o tamanho do excerto do bloco dedicado ao assunto é menor do que no primeiro mandato. Na eleição do segundo mandato, Lula enfrentou críticas por conta dos escândalos de corrupção associados ao PT. No bloco do *frame* ECONOMIA, a análise indicou que Lula foi mais progressista em relação ao primeiro discurso. Vejamos o trecho, então, para verificar se esse posicionamento é recorrente no segundo mandato:

É necessário, igualmente, que este crescimento esteja inserido em uma visão estratégica de desenvolvimento que nosso país havia perdido. É preciso uma combinação ampla e equilibrada do investimento público e do investimento privado.

Para lograr este equilíbrio, temos de desobstruir os gargalos e de romper as amarras que travam cada um destes setores.

Isso significa ampliar e agilizar o investimento público, desonerar e incentivar o investimento privado.

Sei que o investimento público não pode, sozinho, garantir o crescimento. Porém, ele é decisivo para estimular e mesmo ordenar o investimento privado. Estas duas colunas, articuladas, são capazes de dar grande impulso a qualquer projeto de crescimento (A íntegra..., 2007, p.1).

À primeira vista, as palavras mais recorrentes são “crescimento”, “público”, “visão”, “investimento” e “privado”. Essas palavras, que acionam a dimensão conceptual do *frame*, indicam que, no escopo da economia, de acordo com Lula II, há uma paridade entre investimento público e privado, e isso influencia, de alguma forma, o crescimento. Assim, considerando apenas a presença dessas palavras, apenas a análise dessa dimensão, por ora, é possível afirmar que o discurso não abre tantos *hubs* que vão além de questões de mercado.

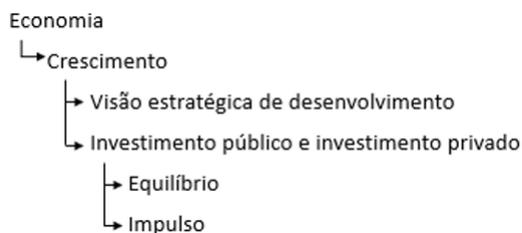
Figura 31 – Lula I: Economia – Dimensão conceptual do frame



Fonte: Plataforma da *Wordart.com*.

Evidentemente, a análise de um *frame* não pode se restringir a apenas uma dimensão. É importante se ater à representação em grafo para que os *frames* subjacentes ao *frame* ECONOMIA possam ser melhor observados.

Figura 32 – Lula II: Economia – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

As diferenças na complexidade do *frame* ECONOMIA em Lula II são, de fato, observadas quando percebemos a limitação de *hubs* acionados aqui. A economia, como podemos ver, só é tratada para falar do crescimento. Apenas isso é postulado nesse trecho do segundo discurso de Lula.

Em Lula I, havia inúmeros conceitos associados à questão econômica, já em Lula II, no entanto, é tão pouco o que é acionado que fica difícil até se fazer uma análise do *Frame* moral. Ora, se moral é bem-estar, aqui só se formula o bem-estar da própria economia. Dessa forma, é trazida a ideia de **Força moral**, uma vez que a ideia de economia em crescimento é um valor positivo que se atribui. No entanto, a **Força moral** é uma metáfora presente tanto em discursos conservadores quanto em progressistas.

4.2.3 Economia segundo Dilma Rousseff

Dilma I

Dilma Rousseff é economista de formação. Antes de disputar a sua primeira eleição, ocupou cargos de Presidenta do Conselho Administrativo da Petrobrás, Ministra de Minas e

Energia e Ministra-Chefe da Casa Civil. Dilma, até ocupar a presidência, nunca tinha concorrido a um mandato eletivo, portanto, pode-se dizer que ela é uma administradora e, não, política.

Vejamos o excerto do seu primeiro discurso de posse que trata da economia:

Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade, especialmente a estabilidade de preços, e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo da nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar.

É, portanto, inadiável a implementação de um conjunto de medidas que modernize o sistema tributário, orientado pelo princípio da simplificação e da racionalidade. O uso intensivo da tecnologia da informação deve estar a serviço de um sistema de progressiva eficiência e elevado respeito ao contribuinte.

Valorizar nosso parque industrial e ampliar sua força exportadora será meta permanente. A competitividade de nossa agricultura e da nossa pecuária, que faz do Brasil grande exportador de produtos de qualidade para todos os continentes, merecerá toda a nossa atenção. Nos setores mais produtivos a internacionalização de

nossas empresas já é uma realidade.

O apoio aos grandes exportadores não é incompatível com o incentivo, o desenvolvimento e o apoio à agricultura familiar e ao microempreendedor. As pequenas empresas são responsáveis pela maior parcela dos empregos permanentes em nosso país. Merecerão políticas tributárias e de crédito perenes.

Valorizar o desenvolvimento regional é outro imperativo de um país continental, sustentando a vibrante economia do Nordeste, preservando e respeitando a biodiversidade da Amazônia, no Norte, dando condições à extraordinária produção agrícola do Centro-Oeste, à força industrial do Sudeste e à pujança e ao espírito de pioneirismo do Sul.

É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar, ainda mais e melhor, a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro.

[...]

É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade de renda e do desenvolvimento regional.

Isso significa – reitero – manter a estabilidade econômica como valor. Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que essa praga volte a corroer

nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.

Continuaremos fortalecendo nossas reservas externas para garantir o equilíbrio das contas externas e bloquear e impedir a vulnerabilidade externa. Atuaremos decididamente nos fóruns multilaterais na defesa de políticas econômicas saudáveis e equilibradas, protegendo o país da concorrência desleal e do fluxo indiscriminado de capitais especulativos.

Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção.

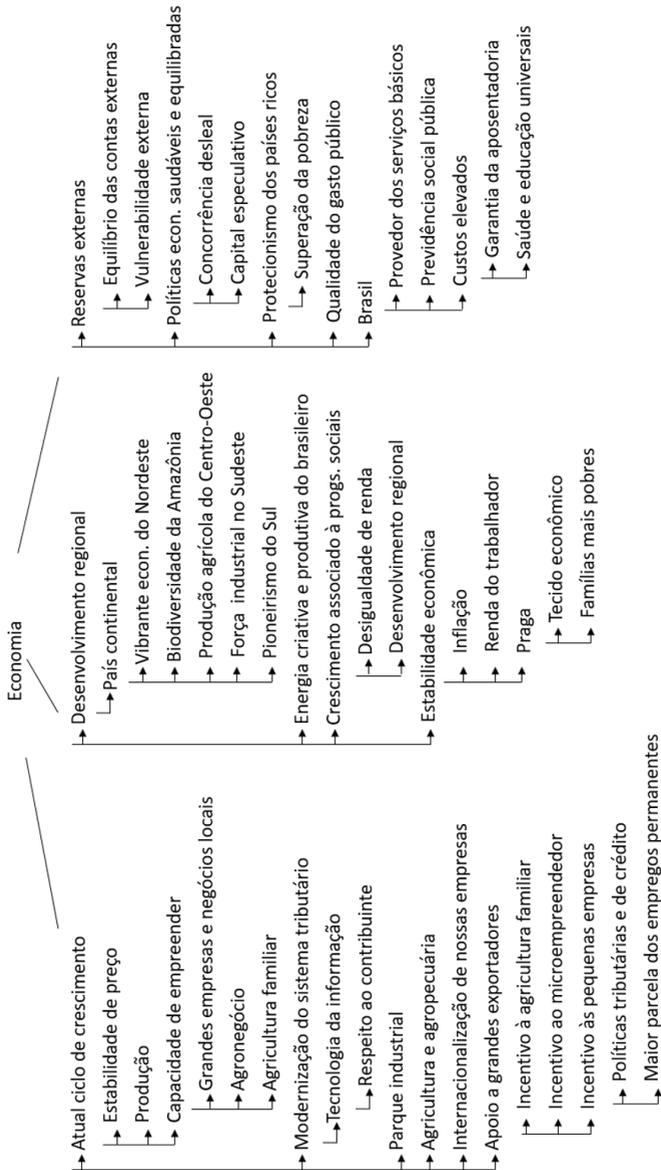
Faremos um trabalho permanente e continuado para melhorar a qualidade do gasto público.

O Brasil optou, ao longo de sua história, por construir um Estado provedor de serviços básicos e de Previdência Social pública.

Isso significa custos elevados para toda a sociedade, mas significa também a garantia do alento da aposentadoria para todos e serviços de saúde e educação universais. Portanto, a melhoria dos serviços públicos é também um imperativo de qualificação dos gastos governamentais (Brasil, 2011, p.1).

À primeira vista, devido às palavras significativas mais recorrentes, é possível notar a presença de “nosso” e “nossa”. Esse recurso pode indicar, numa abordagem prévia, que

Figura 34 – Dilema I: Economia – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Como se pode observar, a representação em grafo do ex-certo do primeiro discurso de posse de Dilma Rousseff que aciona o conceito de ECONOMIA traz uma série de *frames* que dão suporte ao *frame* principal. Atual ciclo de crescimento, estabilidade econômica e qualidade do gasto público são alguns dos elementos que embasam este bloco temático.

A quantidade de elementos presentes nesse discurso, quando comparada ao que fora apresentado nos outros discursos em análise aqui, se dá pela própria característica da presidenta de explicar detalhadamente o que faz. Além disso, os *hubs* ajudam a compreender a complexidade por trás da gestão econômica de um país, como, por exemplo, quando a ideia de modernização do sistema tributário é trazida.

Essa complexidade é marcada. Ao tratar do desenvolvimento das regiões do país, Dilma elenca áreas que dão base para a construção da ideia de economia e passa pela “vibrante economia do Nordeste” até o “pioneirismo do Sul”. Sobre crescimento, o discurso o associa aos programas sociais, o que mostra que a preocupação não é meramente com os dados econômicos, mas em como a economia beneficiará os cidadãos, um indício da **Moral como distribuição justa**, pertencente ao escopo metafórico progressista.

Dilma fala em longevidade do atual ciclo de movimento e, de acordo com a dimensão esquemática do *frame*, enquadra o seu discurso no *contêiner* do governo iniciado com Lula em 2003. A exemplo do *frame* MUDANÇA, o *frame* ECONOMIA vale-se desse recurso para mostrar continuidade, como também para indicar uma estratégia de usar a imagem do presidente Lula para legitimar o discurso da Dilma.

Dilma II

Ao final do seu primeiro mandato, Dilma Rousseff enfrentava o início de uma crise. A estagnação da economia do país não agradava ao mercado e a mídia, após a reeleição da presidenta, atacou fortemente os problemas do país. Ao longo do discurso da segunda posse de Dilma, portanto, o termo “economia” é mais recorrente do que no discurso anterior, ou seja, o *frame* ECONOMIA não aparece em um único bloco temático, mas é acionado no decorrer de todo o texto, sobretudo quando os programas que garantem a mobilidade social e o desenvolvimento são citados.

Na economia, temos com o que nos preocupar, mas também temos o que comemorar. O Brasil é hoje a 7ª economia do mundo, o 2º maior produtor e exportador agrícola, o 3º maior exportador de minérios, o 5º país que mais atrai investimentos estrangeiros, o 7º país em acúmulo de reservas cambiais e o 3º maior usuário de internet.

[...]

Mais que ninguém sei que o Brasil precisa voltar a crescer. Os primeiros passos desta caminhada passam por um ajuste nas contas públicas, um aumento na poupança interna, a ampliação do investimento e a elevação da produtividade da economia. Faremos isso com o menor sacrifício possível para a população, em especial para os mais necessitados. Reafirmo meu profundo compromisso com a manutenção de todos os

direitos trabalhistas e previdenciários.

Temos consciência que a ampliação e a sustentabilidade das políticas sociais exigem equidade e correção permanente de distorções e eventuais excessos. Vamos, mais uma vez derrotar a falsa tese que afirma existir um conflito entre a estabilidade econômica e o crescimento do investimento social, dos ganhos sociais e do investimento em infraestrutura.

Ao falar dos desafios da nossa economia, faço questão de deixar uma palavra aos milhões de micro e pequenos empreendedores do Brasil. Em meu primeiro mandato, aprimoramos e universalizamos o Simples e ampliamos a oferta de crédito para os pequenos empreendedores.

Quero, neste novo mandato, avançar ainda mais. Pretendo encaminhar ao Congresso Nacional um projeto de lei criando um mecanismo de transição entre as categorias do Simples e os demais regimes tributários. Vamos acabar com o abismo tributário que faz os pequenos negócios terem medo de crescer. E sabemos que, se o pequeno negócio não cresce, o país também não cresce. Nos dedicaremos, ainda, a ampliar a competitividade do nosso país e de nossas empresas.

Daremos prioridade ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, estimulando e fortalecendo as parcerias entre o setor produtivo e nossos centros de pesquisa e uni-

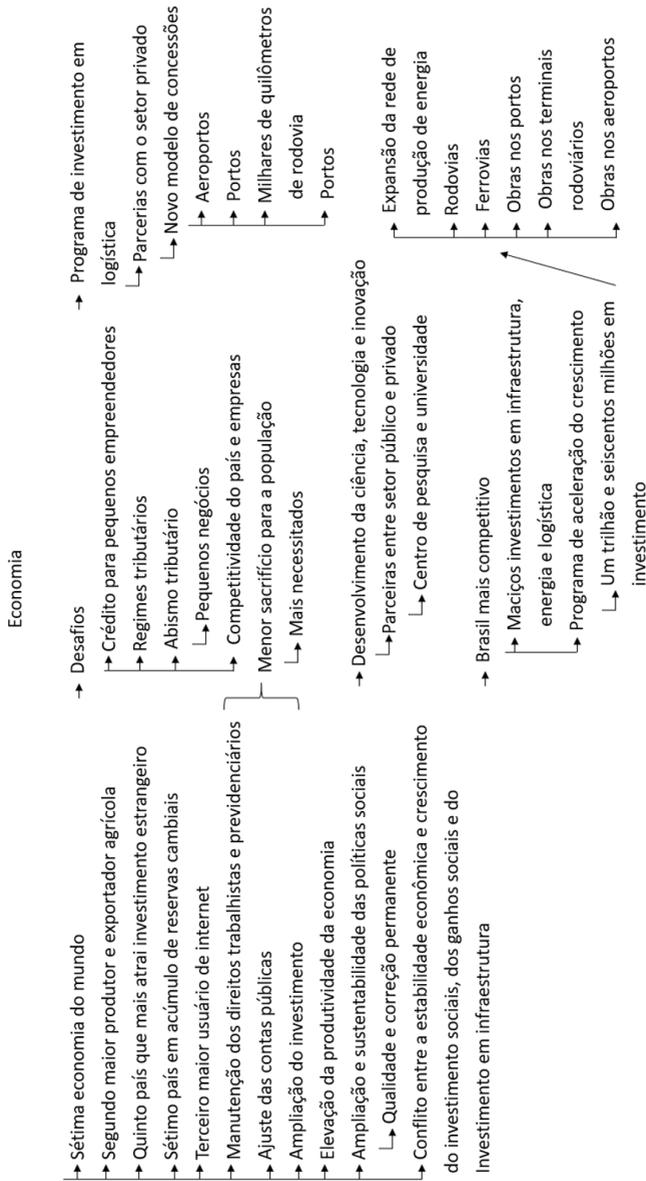
versidades.

Um Brasil mais competitivo está nascendo também, a partir dos maciços investimentos em infraestrutura, energia e logística. Desde 2007, foram duas edições do Programa de Aceleração do Crescimento - o PAC-1 e o PAC-2 -, que totalizaram cerca de R\$ 1 trilhão e 600 bilhões em investimentos em milhares de kms de rodovias, ferrovias; em obras nos portos, nos terminais hidroviários e nos aeroportos. Em expansão da geração e da rede de transmissão de energia. Em obras de saneamento e ligações de energia do Luz para Todos.

Com o Programa de Investimentos em Logística, demos um passo adiante, construímos parcerias com o setor privado, implementando um novo modelo de concessões que acelerou a expansão e permitiu um salto de qualidade de nossa logística. Asseguramos concessões de aeroportos e de milhares de km de rodovia e a autorização para terminais privados nos portos (Brasil, 2015, p.1).

Quanto à dimensão conceptual básica do *frame* ECONOMIA do segundo discurso de posse de Dilma Rousseff, destacam-se o próprio conceito ECONOMIA, além de PAÍS/BRASIL e INVESTIMENTO:

Figura 36 – Frame ECONOMIA



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

A exemplo do primeiro discurso, Dilma II traz uma série de *frames* subjacentes ao bloco da economia. A primeira expressão, “sétima economia do mundo”, mostra a importância do Brasil no exterior. Em seguida, outras expressões indicam o quanto a economia cresceu nos governos petistas. Cada *hub* acionado representa um *frame* desse complexo conceito de economia criado nesse discurso.

Basicamente, todos os *frames* associados ao *frame* principal falam sobre os avanços conquistados pela boa gestão econômica. Nesse mandato, que não seria concluído, Dilma Rousseff já começava sob pressão, uma vez que a vitória foi apertada e o resultado das urnas questionado pelo partido derrotado. Assim, como estratégia de se legitimar no cargo para o qual foi eleita, a presidente descreve todo o desenvolvimento econômico do Brasil no seu governo anterior, que foi vendido como continuação dos governos de Lula.

Sobre os brasileiros, Dilma dá espaço, no escopo da economia, aos mais necessitados e aos pequenos comerciantes. Além de legar importância aos trabalhadores, o discurso fala, também, em parcerias com o setor privado por meio de um leque de concessões.

No segundo discurso, a tendência econômica é mais conservadora do que a primeira, haja vista a redução do espaço dado ao trabalhador e às economias alternativas. Em lugar da agricultura familiar, por exemplo, aparece o leque de concessões que o governo pretende desenvolver.

Dilma, assim como FHC e Lula, estava mais pressionada em sua segunda posse e, a exemplo do bloco de mudança, tem uma tendência maior ao conservadorismo, ao contrário dos seus antecessores. Se FHC e Lula procuraram abranger

mais o povo em seu segundo discurso, Dilma deu mais ênfase às questões mais caras ao mercado. Apesar disso, aparecem investimentos em programas de saneamento e no Luz para todos.

4.2.4 Economia segundo Michel Temer

Temer

O discurso de Temer destoa dos demais discursos por não ter sido previamente preparado. Por essa particularidade, talvez os blocos não sejam tão prototípicos quanto os blocos dos discursos dos demais presidentes citados e, dessa maneira, haja uma diluição dos temas durante o discurso. É o que acontece com o termo “economia”, que é recorrente em, praticamente, todo o discurso. Para análise, o bloco a seguir foi aferido por representar maior solidez temática em relação às demais ocorrências do termo “economia”. Segue:

Para isso, é imprescindível, reconstruirmos os fundamentos da economia brasileira e melhorarmos significativamente o ambiente de negócios para o setor privado de forma que ele possa retomar sua rotação natural de investir, de produzir e gerar emprego e renda.

De imediato, precisamos também restaurar o equilíbrio das contas públicas, trazendo a evolução do endividamento no setor público de volta ao patamar de sustentabilidade ao longo do tempo. Quanto mais cedo formos capazes de reequilibrar as contas públicas,

mais rápido conseguiremos retomar o crescimento.

A primeira medida, na linha dessa redução, está, ainda que modestamente, aqui representada, já eliminamos vários ministérios da máquina pública. E, ao mesmo tempo, nós não vamos parar por aí. Já estão encomendados estudos para eliminar cargos comissionados e funções gratificadas. Sabidamente funções gratificadas desnecessárias. Sabidamente, na casa de milhares e milhares de funções comissionadas.

Eu quero, também, para tranquilizar o mercado, dizer que serão mantidas todas as garantias que a direção do Banco Central hoje desfruta para fortalecer sua atuação como condutora da política monetária e fiscal. É preciso, meus amigos, — e aqui eu percebo que eu fico dizendo umas obviedades, umas trivialidades, mas que são necessárias porque, ao longo do tempo, eu percebo como as pessoas vão se esquecendo de certos conceitos fundamentais da vida pública e da vida no Estado.

Então, quando eu digo “é preciso dar eficiência aos gastos públicos”, coisa que não tem merecido maior preocupação do Estado brasileiro, nós todos estamos de acordo com isso. Nós precisamos atingir aquilo que eu chamo de “democracia da eficiência”. Porque se, no passado, nós tivemos, por força da Constituição, um período

da democracia liberal, quando os direitos liberais foram exercitados amplamente. Se, ao depois, ainda ancorado na Constituição, nós tivemos o desfrute dos chamados direitos sociais, que são previstos na Constituição, num dado momento aqueles que ascenderam ao primeiro patamar da classe média, começaram a exigir eficiência, eficiência do serviço público e eficiência nos serviços privados. E é por isso que hoje nós estamos na fase da democracia da eficiência, com o que eu quero contar com o trabalho dos senhores ministros, do Parlamento e de todo o povo brasileiro.

Eu quero também remover — pelo menos nós faremos um esforço extraordinário para isto — a incerteza introduzida pela inflação dos últimos anos. Inflação alta — vai mais uma trivialidade — atrapalha o crescimento, desorganiza a atividade produtiva e turva o horizonte de planejamento dos agentes econômicos. E sabe quem sofre as primeiras consequências dessa inflação alta? É a classe trabalhadora e os segmentos menos protegidos da sociedade, é que pagam a parte mais pesada dessa conta.

Nós todos sabemos que, há um bom tempo, o mundo está de olho no Brasil. Os investidores acompanham, com grande interesse, as mudanças no nosso país. Havendo condições adequadas — e nós vamos produzi-las —, a resposta será rápida, pois é grande a quanti-

dade de recursos disponíveis no mercado internacional e até internamente, e ainda maior as potencialidades no nosso país. E com base no diálogo, nós adotaremos políticas adequadas para incentivar a indústria, o comércio, os serviços e os trabalhadores. E a agricultura, tanto a familiar quanto o agronegócio. Precisamos prestigiar a agricultura familiar, que é quase um microempreendimento na área da agricultura, especialmente apoiando e incentivando os micros, pequenos e médios empresários. Além de modernizar o país, estaremos realizando o maior objetivo do governo: reduzir o desemprego. Que há de ser, os senhores percebem, estou repetindo esse fato porque eu tenho tido — e os senhores todos têm tido —, contato em todas as partes do país, com famílias desempregadas. E nós vemos o desespero desses brasileiros, que contam com um país com potencialidades extraordinárias e que não consegue levar adiante uma política econômica geradora de empregos para todos os brasileiros (Temer pede..., 2016, p. 1).

Há, como indica o gráfico em nuvem a seguir, maior ocorrência do termo “eficiência”, seguido de “tempo” e “brasileiro”. Esses elementos, componentes do *frame* ECONOMIA, contribuem para a ativação do sentido pretendido nesse excerto. Aqui, a economia está, sobremaneira, associada ao país, e não aos brasileiros.

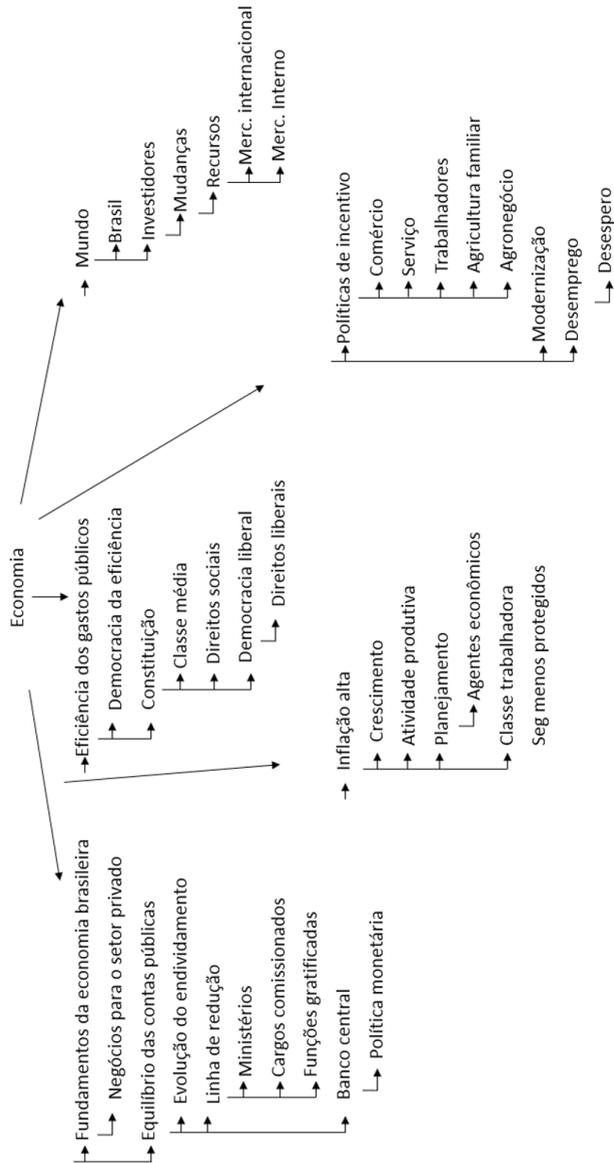
Figura 37 – Temer: Economia – Dimensão conceitual básica



Fonte: Plataforma da *Wordart.com*.

Por meio da representação em grafo, é possível perceber como os *frames* compõem a complexidade do *frame* de ECONOMIA.

Figura 38 – Temer: Economia – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Durante o seu pronunciamento, Temer fala em eficiência dos gastos públicos e, ainda, em redução de ministérios, cargos comissionados e funções gratificadas. No que tange à questão da economia, nada sobre programas sociais ou desenvolvimento social é citado. Fala-se em classe trabalhadora no escopo da inflação alta.

Também são acionados no *frame* ECONOMIA a noção de “desemprego”, associada ao “desespero”, além de “trabalhadores” e “agricultura familiar”. No entanto, a ênfase maior no bloco, de acordo com a recorrência, é de conceitos associados ao mercado, como “banco central”, “política monetária”, “investidores”, “mercado internacional”, etc.

Ainda sobre a agricultura familiar, Temer usa o verbo “prestigiar”, que, segundo o *Houaiss* (2018), significa:

prestigiar (1873 cf. DV)

verbo

1 *int.* fazer prestígios, realizar ilusivos jogos de mão <*p. em praça pública com truques de cartas*>

2 *t.d. e pron.* conferir prestígio a (algo ou alguém) ou tornar-se prestigioso <*os indicadores sociais nãoprestigiam tal país*> <*ninguém se prestigia com semelhante procedimento*>

3 *t.d.* valorizar, com sua presença, participação etc. (alguém ou algum evento) <*prestigiá-lo no lançamento do seu livro*>

O que Temer aciona, ao usar o verbo “prestigiar”, é a sua capacidade de legar prestígio a alguém, ou seja, o seu governo vai legitimar a agricultura familiar. Vai partir do governo o po-

der que esse setor precisa. O poder, nesse caso, está centrado na figura do presidente, uma alusão ao modelo de família do pai severo, conservador.

Quanto à metáfora da contabilidade moral, o discurso de Temer, no que se refere à economia, aciona a **Força moral**, acima de tudo, uma vez que, apesar de dar lugar à agricultura familiar e aos trabalhadores, aciona mais *frames* ligados à questão mercadológica. Para esse bloco, ser economicamente forte é sinal de bem-estar, um bem-estar baseado na força, na solidez. Assim, de acordo com os *frames* morais acionados, o discurso de Michel Temer, no tocante à economia, é conservador.

4.3 *Frame* MOBILIDADE SOCIAL

A Mobilidade social é um tema que percorre todos os discursos. Seja de forma simples, seja com uma construção mais complexa, todos os presidentes do Brasil, em algum momento dos seus discursos, falaram da ascensão de classe que os brasileiros ou aqueles mesmos tiveram, ou terão.

O Brasil, ainda em 2018, é um país onde a desigualdade social é bem marcada. De FHC até o governo do ano citado, muitos programas sociais foram criados e/ ou reformulados. Os dados mostram que, de fato, houve uma diminuição da miséria do Brasil e um ganho real no salário mínimo, o que contribuiu para a ascensão de pessoas que viviam em camadas menos abastadas.

Este bloco encerra as análises e nos dá, comparado aos outros dois já analisados, uma noção de quão progressista ou conservador o discurso se mostra. A forma como os presiden-

tes encaram a desigualdade social, bem como a economia e a própria mudança, são determinantes para a compreensão da visão de mundo deles.

4.3.1 MOBILIDADE SOCIAL segundo Fernando Henrique Cardoso

Fernando Henrique Cardoso, como visto na biografia, é sociólogo de formação e tem trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre a periferia e sobre o desenvolvimento social e econômico ainda antes de assumir o cargo de presidente da república. Durante seu governo, que passou por crises financeiras graves, os programas sociais de distribuição de renda, que foram maciçamente ampliados pelos governos petistas, começaram a ser esboçados.

FHC I

Em seu primeiro discurso de posse, como visto no segmento anterior, FHC faz uma análise de sua trajetória no governo Itamar, relacionando-a à própria história do país. A Mobilidade social aparece logo no início do parágrafo, que traz a questão dos brasileiros em situação de fome, doença, violência e ignorância. Segue:

Também nós nos horrorizamos vendo compatriotas nossos - e ainda que não fossem brasileiros -, vendo seres humanos ao nosso lado subjugados pela fome, pela doença, pela ignorância, pela violência. Isso não pode continuar!

Tal como o abolicionismo, o movimento por reformas que eu represento não é contra nin-

guém. Não quer dividir a Nação: quer uni-la em torno da perspectiva de um amanhã melhor para todos.

Mas, ao contrário de [Joaquim] Nabuco, eu tenho bem presente que o meu mandato veio do voto livre dos meus concidadãos. Da maioria deles, independentemente da sua condição social. Veio também, e em grande número, dos excluídos; dos brasileiros mais humildes, que pagavam a conta da inflação sem terem como se defender; dos que são humilhados nas filas dos hospitais e da Previdência; dos que ganham pouco pelo muito que dão ao País nas fábricas, nos campos, nas lojas, nos escritórios, nas ruas e estradas, nos hospitais, nas escolas, nos canteiros de obra; dos que clamam por justiça porque têm, sim, consciência e disposição para lutar por seus direitos - a eles eu devo em grande parte minha eleição.

Vou governar para todos. Mas, se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: eu estarei ao lado da maioria. Com serenidade, como é do meu feitio, mas com firmeza. Buscando sempre os caminhos do diálogo e do convencimento, mas sem fugir à responsabilidade de decidir. Sabendo que a maioria dos brasileiros não espera milagres, mas há de cobrar resultados a cada dia do Governo. Mesmo porque os brasileiros voltaram a acreditar no Brasil

e têm pressa para vê-lo cada vez melhor.

[...]

Nossos intelectuais, nossos artistas e nossos produtores culturais são a expressão genuína do nosso povo. Quero prestigiá-los e dar-lhes condições para que sejam construtores da cidadania, pois a cidadania, além de ser um direito do indivíduo, é também o orgulho de fazer parte de um país que tem valores e estilo próprios.

[...]

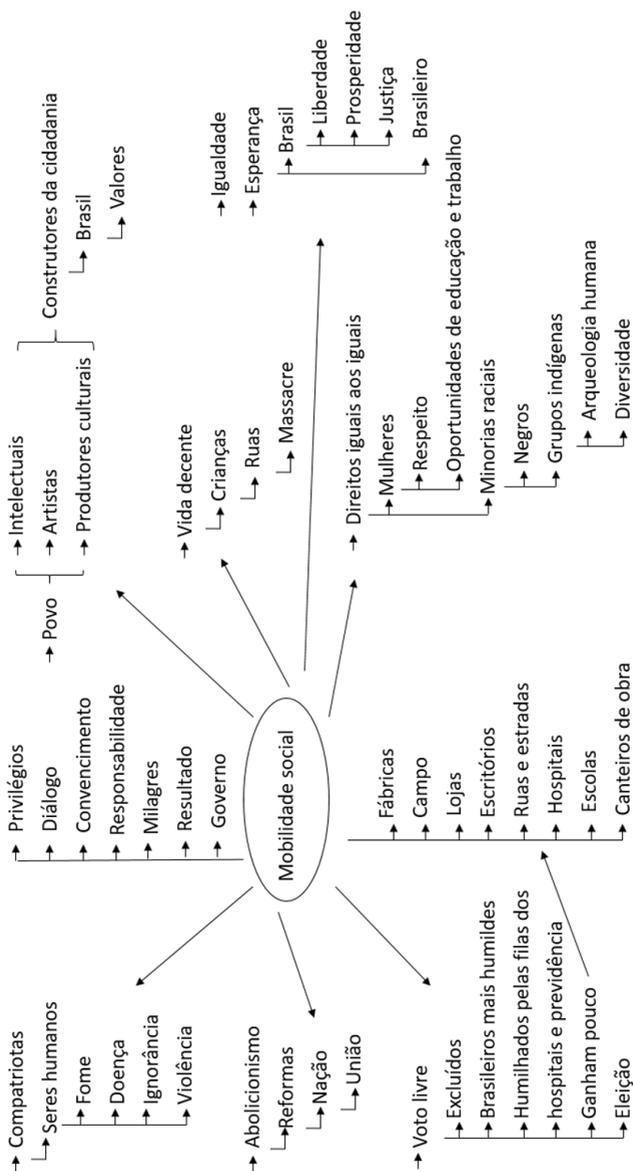
Vamos assegurar uma vida decente às nossas crianças, tirando-as do abandono das ruas e, sobretudo, pondo um paradeiro nos vergonhosos massacres de crianças e jovens.

Vamos assegurar com energia direitos iguais aos iguais; às mulheres, que são a maioria do nosso povo e às quais o País deve respeito, oportunidades de educação e de trabalho; às minorias raciais e a algumas quase minorias - aos negros, principalmente -, que esperam que igualdade seja, mais do que uma palavra, o retrato de uma realidade; aos grupos indígenas, alguns deles testemunhas vivas da arqueologia humana, e todos testemunhas da nossa diversidade.

Vamos fazer da solidariedade o fermento, da nossa cidadania, em busca da igualdade.

E a nossa esperança de ver um Brasil livre, próspero e justo há de pulsar, cada vez mais forte, no peito de cada brasileiro, como uma grande certeza (Discurso de posse..., 2010, p. 12-17).

Figura 40 – FHC I: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

É perceptível a complexidade desse *frame* pela própria quantidade de *hubs* que estão associados a ele. Para FHC, a mobilidade social que, de acordo com a dimensão conceptual, é uma questão de direitos e cidadania, tem uma rede que engloba as reformas e a própria eleição, até questões relacionadas ao trabalho, à prosperidade e à justiça.

Ao falar, por exemplo, em direitos iguais e oportunidades para todos, FHC aciona a noção de **Moral como distribuição justa**. E a quantidade de conceitos que subsidiam a ativação dessa metáfora moral é vasta. São passagens que falam em igualdade, esperança, vida decente para crianças em situação de rua.

Ao tratar dos brasileiros que estão em “fábricas”, “escolas”, “canteiros de obra”, etc., FHC ativa a metáfora progressista **Proteção e trabalho** e, também, **Força moral para nutrir**, que indica uma preocupação com **Força moral**, ou seja, em ser forte, correto, mas associado ao bem-estar. Isso é fortalecido pelo *frame* ESPERANÇA, ativado na complexidade do *frame* MOBILIDADE SOCIAL.

Um trecho que chama particular atenção é quando FHC fala que os intelectuais, os artistas e os produtores culturais, “expressão genuína do povo”, são os construtores da cidadania. Aqui, ao contrário do que fez no bloco de economia, no qual ele mesmo apareceu como agente, FHC empresta o papel de sujeito aos artistas, intelectuais e produtores culturais.

Dessa forma, quando divide a responsabilidade com outros agentes, FHC se posiciona no escopo da família dos pais protetores. Este bloco, portanto, apresenta maior recorrência de *frames* progressistas.

FHC II

Fernando Henrique Cardoso inicia seu bloco de Mobilidade social no discurso do seu segundo mandato fazendo uma concessão, em que aponta ser de pouca utilidade o fato do Brasil ser a oitava economia mundial e ainda amargar os primeiros lugares nos rankings da desigualdade social àquela época. Segue o excerto:

Senhores Congressistas, de pouco vale ao País ser a oitava economia mundial se continuarmos entre os primeiros na desigualdade social. Este quadro tem que ser revertido. Estamos combatendo a desigualdade com a estabilidade da economia e com a melhoria da qualidade da educação pública, de modo a proporcionar aos desfavorecidos a oportunidade que nunca tiveram.

Nossas políticas públicas em educação, saúde, habitação e saneamento melhoraram. Os indicadores, em cada uma dessas áreas, comprovam o progresso alcançado.

Antes, os serviços públicos estavam direcionados aos que mais possuíam. Agora, os serviços e os créditos do Governo estão dirigidos aos que mais precisam. Assim é na educação fundamental e na saúde. Assim começa a ocorrer também no crédito rural e nos financiamentos para pequenas e médias empresas.

Esta é uma revolução. A única suscetível de transformar a fisionomia social do País e aportar um golpe fatal à desigualdade que reproduzimos desde as eras coloniais (Brasil, 1999, p. 30).

No gráfico em nuvem que segue, conseguimos ver o destaque das palavras mais significativas do texto. A dimensão conceptual do *frame* MOBILIDADE SOCIAL, nesse discurso, tem como destaque o substantivo “desigualdade”, como a palavra mais recorrente.

Figura 41 – FHC II: Mobilidade social – Dimensão conceptual básica do frame

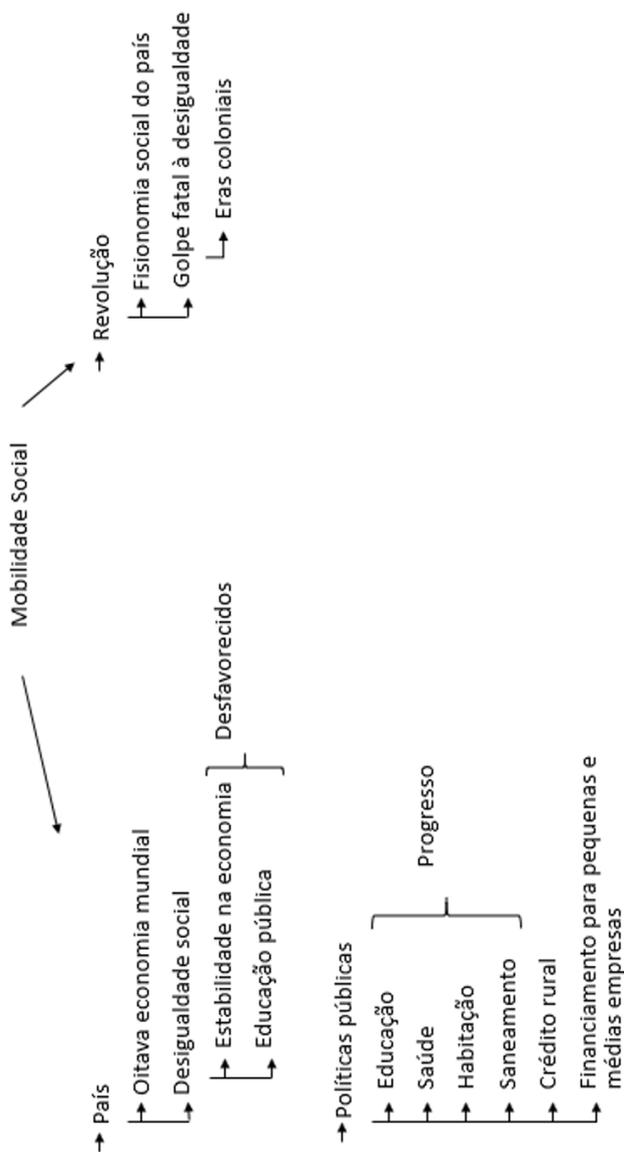


Fonte: Plataforma da Wordart.com.

Em seguida, temos os termos que mais são recorrentes são “saúde”, “educação”, “pública”, “social” e “economia”. Tais palavras indicam como se transcende a questão da desigualdade. Apesar de aparecerem outras palavras, os termos desse discurso dialogam com o discurso anterior, de acordo com a dimensão analisada, pois apresentam elementos que garantem a cidadania e, conseqüentemente, o fim da desigualdade.

No entanto, diferente do discurso anterior, no tocante à representação em grafo dos conceitos que subsidiam a construção do *frame* MOBILIDADE SOCIAL, nesse segundo pronunciamento de posse, os *hubs* acionados, numericamente, são menores. Vejamos:

Figura 42 – FHC II: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Como visto, o Brasil como “oitava economia mundial” abre o bloco temático da Mobilidade social em FHC II. No entanto, ao contrário do primeiro, o lugar legado aos brasileiros é menor. Evidentemente, por característica do próprio *frame* principal, é preciso que seja falado sobre desigualdade, saúde e educação, por exemplo. E o que é mostrado, aqui, são os avanços nesses campos durante o primeiro mandato do presidente.

Esses elementos que acionam ideias ligadas aos desfavorecidos e à desigualdade, nesse cenário, indicam, de acordo com a metáfora da contabilidade moral, o acionamento do *frame* **Força moral para nutrir** e **Moral como distribuição justa**, ambos do campo progressista.

Ao tratar da “fisionomia social do país”, FHC indica a presença do *frame* **Força moral** que, apesar de ser mais recorrente no modelo conservador, também se presentifica no escopo da família dos pais protetores. Indo além, a noção de revolução da fisionomia social do país é associada a um “golpe fatal à desigualdade”, ou seja, esse *frame*, levando em consideração toda a construção, é, novamente, um exemplo da **Força moral para nutrir**, uma vez que esse ímpeto é para o benefício dos menos favorecidos.

De modo geral, nesse segundo discurso, no bloco temático relativo ao *frame* MOBILIDADE SOCIAL, o FHC comporta-se de forma completamente progressista e não apresenta sequer traços do escopo metafórico da família do pai severo. Evidentemente, pelo fato de acionar menos *frames* subjacentes, há um número menor de *frames* morais, no entanto o discurso é, ao mesmo modo do outro, progressista.

4.3.2 Mobilidade social segundo Luiz Inácio Lula da Silva

Lula é torneiro mecânico de profissão e fez sua carreira política no sindicato dos metalúrgicos do ABC paulista. Primeiro presidente eleito pelo PT desde sua fundação na década de 1980, Lula representava o trabalhador no poder. Retirante nordestino, o presidente petista sempre carregou em sua fala a ideia de Mobilidade social e da ascensão da classe trabalhadora. Adiante, segue a análise dos seus dois discursos de posse.

Lula I

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha.

Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobrás e a memorável luta pela redemocratização do país. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar for-

ças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

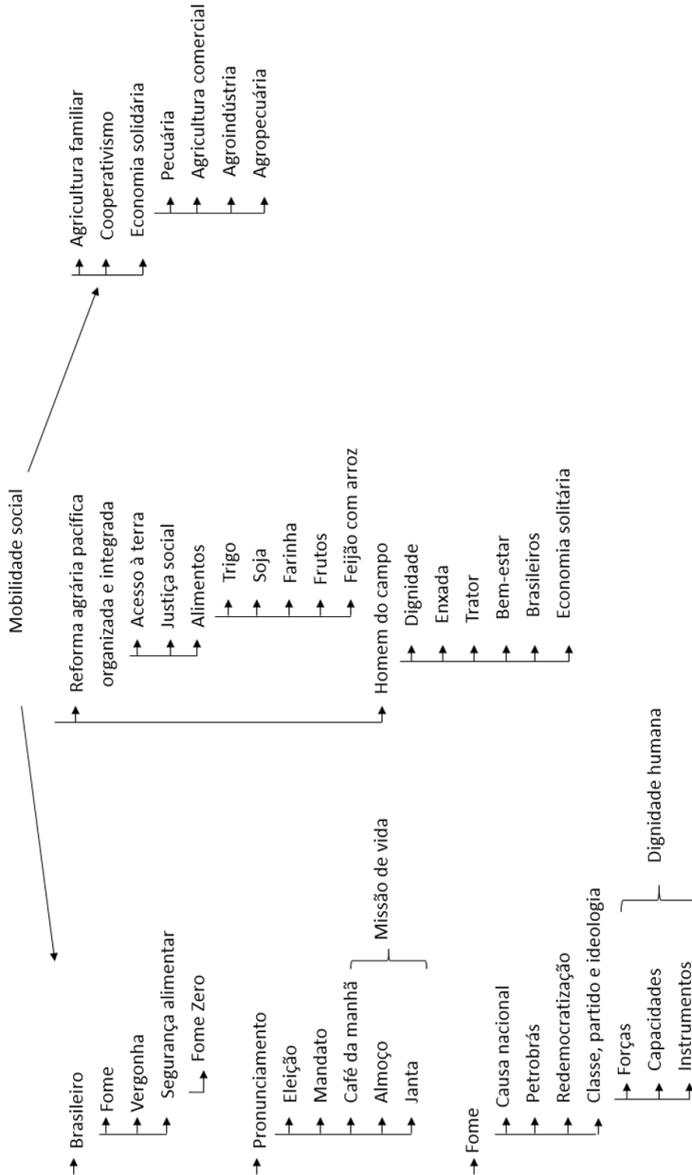
Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, soja, farinha, frutos, o nosso feijão com arroz.

Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária. Elas são perfeitamente compatíveis com o nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio; são, na verdade, complementares tanto na dimensão econômica quanto social. Temos de nos orgulhar de todos esses bens que produzimos e comercializamos (Brasil, 2003, p. 3-4).

Na figura que indica a dimensão conceptual básica do *frame* e que também traz as palavras mais significativas do excerto, chama imediatamente atenção a predominância da palavra “fome”. Quando tratou de Mobilidade social, FHC também fa-

Figura 44 – Lula I: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

“Fome” é um termo que se repete no trecho do discurso que fala sobre Mobilidade social como vimos no gráfico em nuvem que mostra a dimensão conceptual do *frame*. Na representação em grafo anterior, é possível ver em quais momentos “fome” aparece. Esse termo abre um *hub* inteiro que ativa a “noção de classe, partido e ideologia”, passa pela “Petrobrás” e termina com “Dignidade humana”.

Da mesma forma que o brasileiro se mobilizou pela soberania da Petrobrás, no século XX, Lula conclama, nesse discurso, uma mobilização nacional contra a fome. Nesse momento, a metáfora moral que mais se sobressai é a **Força moral para nutrir**. A autoridade do Lula, aqui, é conquistada pela empatia, quando ele chama os brasileiros para a causa. Não é uma imposição.

Ao tratar do problema da fome, também, Lula ativa a noção de **Moral como distribuição justa**, pois não admite que brasileiros vivam em situação de fome. Nesse contexto, o que está em jogo é a dignidade, que não é dada pelo governo, mas conquistada, ou melhor, na própria palavra do Lula, “recuperada”.

De acordo com o Houaiss (2018), “recuperar” é:

recuperar (sXV cf. *FichIVPM*)

verbo

1 t.d. reentrar na posse, no gozo de; reaver <r. a fortuna>

2 t.d. e pron. recobrar (saúde, ânimo etc.), ganhar novas forças; restabelecer(-se) <r. a visão, a alegria deviver> <r.-se de uma gripe>

3 t.d. promover a restauração de <r. um quadro>

Assim, de acordo com a dimensão de evento do *frame*, o homem do campo é um agente. O governo dará subsídios para que ele mesmo consiga transpor as dificuldades. Esse é mais um indício de que Lula, em seu primeiro discurso de posse, no que tange às questões da Mobilidade social, tem uma postura progressista, uma vez que não assume o controle sobre todos os quais comanda, mas divide as responsabilidades com esses dando-lhes oportunidades. É uma forma de conseguir a autoridade pela afetividade e não pela imposição.

Então, de acordo com as dimensões do *frame* MOBILIDADE SOCIAL analisadas aqui, é inquestionável que o primeiro discurso de posse de Lula se comporta de forma progressista. As metáforas conservadoras que aparecem, como vimos, são compartilhadas pelos Progressistas, como a **Força moral**. Desse modo, é possível afirmar que, nesse trecho de Lula I, não há indícios de conservadorismo, a exemplo dos discursos de FHC.

Lula II

Em seu segundo discurso de posse – ao lembrar-se da primeira vez em que assumia o cargo –, Lula traça um histórico da sua jornada de retirante nordestino até presidente da República:

Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve que derrotar o risco crônico da morte na infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República.

Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto.

[...]

Durante a campanha afirmei que meu segundo governo será o governo do desenvolvimento, com distribuição de renda e educação de qualidade. Disse que, para termos um crescimento acelerado, duradouro e justo, devemos articular cada vez melhor a política macro-econômica com uma política social capaz de distribuir renda, gerar emprego e inclusão.

Dessa forma, nossa política social, que nunca foi compensatória, e sim criadora de direitos, será cada vez mais estrutural.

[...]

O Brasil assistirá dentro de dez ou quinze anos o surgimento de uma nova geração de intelectuais, cientistas, técnicos e artistas originários das camadas pobres da população.

Este foi sempre o nosso propósito: democratizar não só a renda, mas também o conhecimento e o poder (A Íntegra..., 2007, p.1).

No segundo discurso, já não é mais “fome” o termo de maior recorrência no bloco temático que ativa o *frame* mobilidade social. As palavras significativas mais repetidas no texto são “política” e “renda”, seguidas de “primeira” e “mais”.

Figura 45 – Lula II: Mobilidade social – Dimensão conceptual básica do frame



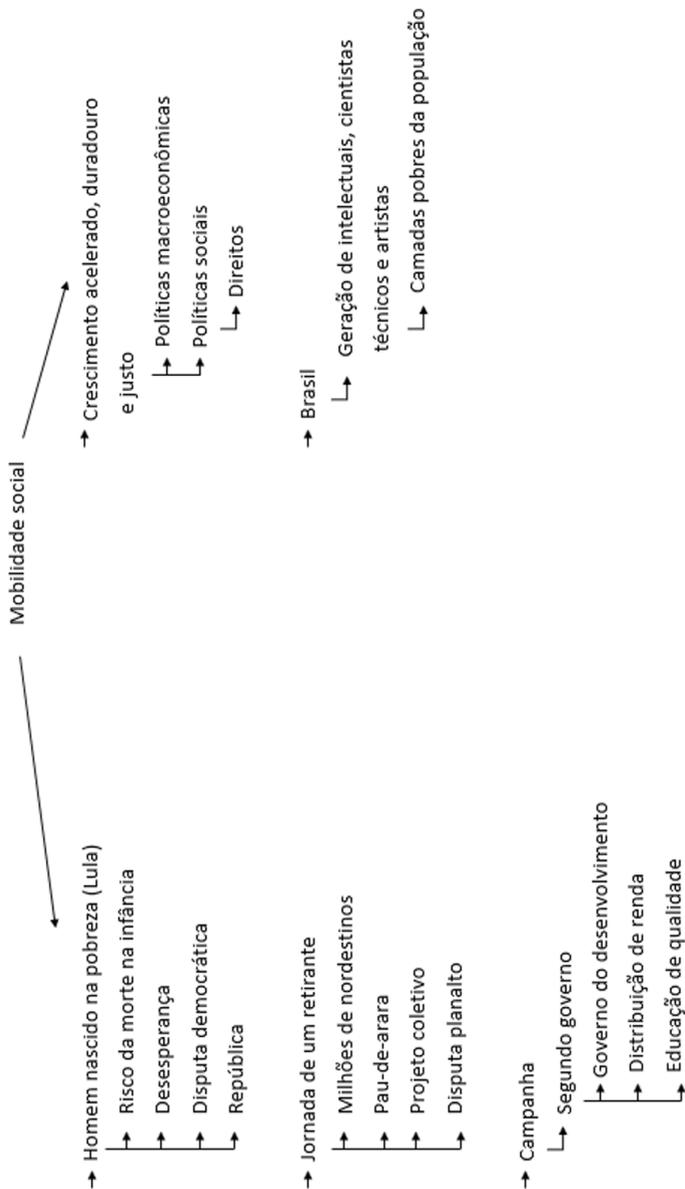
Fonte: Plataforma da *Wordart.com*.

Com a diminuição da fome no Brasil durante o primeiro mandato, Lula presta-se a continuar promovendo a mobilidade social no país por meio da renda. Para tanto, o termo “governo” também é bem recorrente. Além disso, a presença de uma pessoa de origem humilde no posto político de maior poder da nação é trabalhada neste bloco como uma forma de mostrar a mobilidade social que o próprio presidente teve em sua vida.

Lula começa falando sobre a sua eleição e reeleição, destacando a sua origem popular, lembrando sua jornada retirante e colocando-se como um dos brasileiros que teve ascensão social. O termo “primeira” remete a isso, à primeira vez que uma situação dessas acontecia no Brasil.

Na representação em grafo a seguir, será mais fácil notar como o *frame* MOBILIDADE SOCIAL é constituído e quais visões de mundo subsidiam essas construções que ativam determinada moral e, conseqüentemente, indicam quão conservador ou progressista este bloco se apresenta:

Figura 46 – Lula II: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Como vimos, no escopo da Mobilidade social, Lula deixa um *hub* inteiro para falar de sua jornada de retirante até a disputa exitosa que o levou ao Planalto Central. Assim, associa a noção de “pau-de-arara”, meio de transporte rústico e sem segurança, ao movimento de ascensão que teve. Adiante, fala da campanha do segundo governo, faz o indicativo de que o governo que se inicia focará na questão da distribuição de renda, reforçando a análise da dimensão conceptual desse *frame*.

Lula também fala em crescimento acelerado, duradouro e justo. Novamente, a exemplo do discurso do seu primeiro mandato, Lula ativa os *frames* **Força moral para nutrir e Moral como distribuição justa. Força moral para nutrir** aparece porque, ao tratar do desenvolvimento do país, Lula põe essa ideia como subordinada às políticas sociais e aos direitos.

Outro *hub* deste bloco a ser considerado é o que indica que as camadas mais pobres do Brasil formaram toda uma geração de intelectuais, artistas e técnicos. Eram os brasileiros de origem menos abastadas que estavam, à época, renovando o cenário intelectual e cultural brasileiro. Esse exemplo fala do **Crescimento moral** das camadas populares, mais um *frame* do escopo progressista.

A exemplo de FHC, ambos os discursos de Lula comportam-se de forma parecida, ambos no caminho progressista. Assim, representam um governo que dialoga com o modelo de família dos pais protetores, cujo poder não está centrado na figura do pai e em que o bem-estar de todos é mais importante que o bem-estar de uma pequena minoria.

4.3.3 Mobilidade Social segundo Dilma Rousseff

Dilma é economista e ocupou ministérios no governo de

Lula, como sabemos. Foi eleita, basicamente, por ser a candidata de Lula à sucessão. Em seu primeiro discurso, com sua imagem ainda presa à figura do ex-presidente, Dilma adotou a estratégia da continuidade, como vimos de forma detalhada na análise do *frame* MUDANÇA. Vejamos, então, os dois excertos dos dois discursos de Dilma sobre a Mobilidade social.

Dilma I

No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Este é um passo decisivo e irrevogável, para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do governo do Presidente Lula. É, portanto, tarefa indispensável uma ação renovadora, efetiva e integrada dos governos federal, estadual e municipal, em particular nas áreas da saúde, da educação e da segurança, o que é vontade expressa das famílias e da população brasileira.

Queridos brasileiros e brasileiras,

A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos.

Uma expressiva mobilidade social ocorreu nos dois mandatos do Presidente Lula. Mas ainda existe pobreza a envergonhar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido.

Não vou descansar enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa, enquanto houver famílias no desalento das ruas, enquanto houver crianças pobres abandonadas à própria sorte. O conagraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. É este o sonho que vou perseguir!

Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda a nossa sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e das pessoas de bem. A superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento. É com crescimento que serão gerados os empregos necessários para as atuais e as novas gerações (Brasil, 2011, p.1).

Primeiramente, seguindo com o desenvolvimento metodológico adotado aqui, é importante destacar que a palavra mais significativa, componente da dimensão conceptual do *frame* MOBILIDADE SOCIAL, mais frequente no excerto foi “governo”. Logo em seguida, aparecem, também, em posição de destaque as palavras “famílias” e “social”.

Figura 47 – Dilma I: Mobilidade social – Dimensão conceptual básica do *frame*

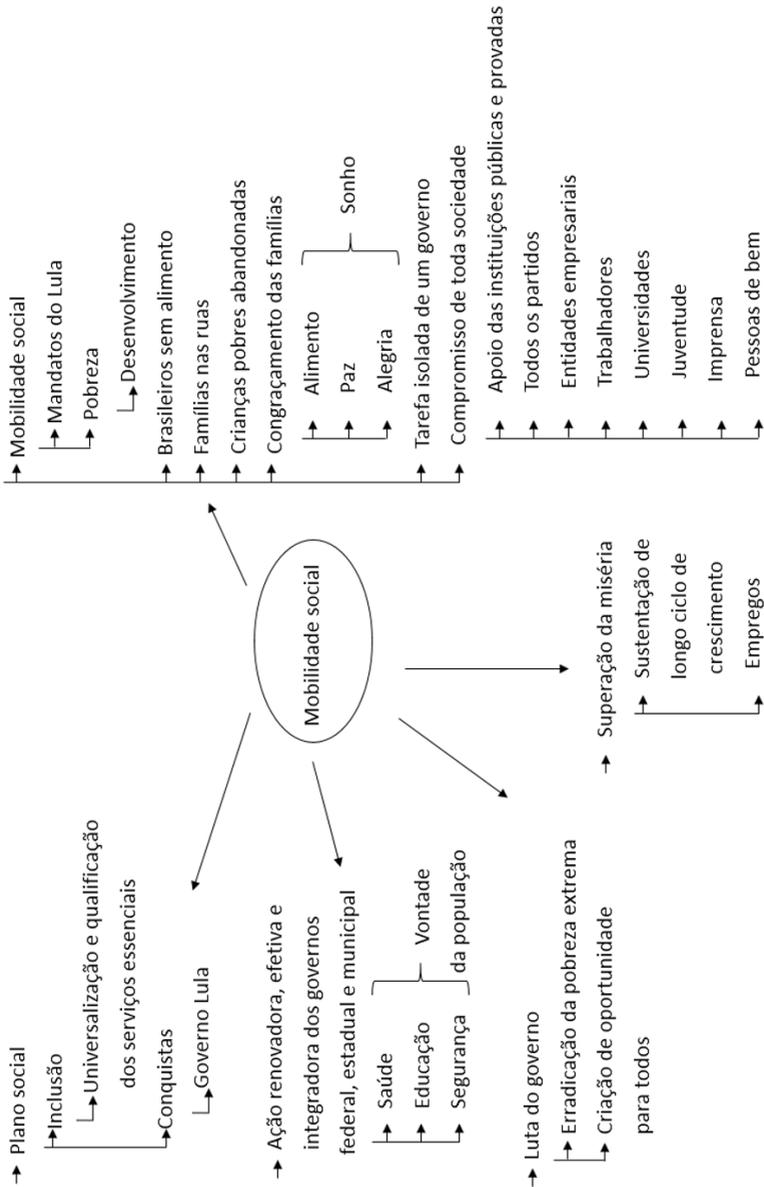


Fonte: Plataforma da *Wordart.com*

Desse modo, “governo”, “famílias” e “social”, junto com as demais palavras da dimensão conceptual, como “tarefa” e “Lula”, dão uma amostra da tônica adotada por Dilma em seu primeiro pronunciamento. Ao contrário dos seus antecessores, as palavras do bloco não antecipam a questão da Mobilidade, uma vez que essas palavras poderiam, por exemplo, pertencer ao bloco do *frame* ECONOMIA ou ao bloco do *frame* de TRABALHO E EMPREGO (que não foi analisado neste livro). São palavras pouco específicas do campo do *frame*.

No entanto, como o próprio discurso indica, apesar das palavras mais significativas não serem prototípicas do bloco temático, a representação em grafo mostra que, subjacente ao *frame* MOBILIDADE SOCIAL, há inúmeros conceitos e ideias que embasam a construção do sentido do excerto e, conseqüentemente, do discurso.

Figura 48 – Dilema I: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Como antevisto na figura anterior, “Lula” é um termo recorrente no discurso da Dilma, a qual enfatiza as conquistas que os menos favorecidos tiveram nos oito anos anteriores. Além disso, neste bloco, Dilma mantém a característica de delimitar bem a sua fala. Ao criar a ideia de “compromisso de toda sociedade”, Dilma abre oito *hubs* subjacentes a essa noção e especifica, exatamente, quais setores da sociedade precisam dar apoio para as questões ligadas à mobilidade social.

Os espaços destinados ao combate à pobreza e destinados à criação de empregos mostram que Dilma, neste bloco, se posiciona a exemplo dos presidentes antecessores ao acionar o *frame* da **Moral como distribuição justa**. Além disso, ao associar a “superação da miséria” à “sustentação de longo ciclo de crescimento e emprego”, Dilma aciona o *frame* **Força moral** para nutrir, uma vez que o crescimento econômico não é dissociado do crescimento social.

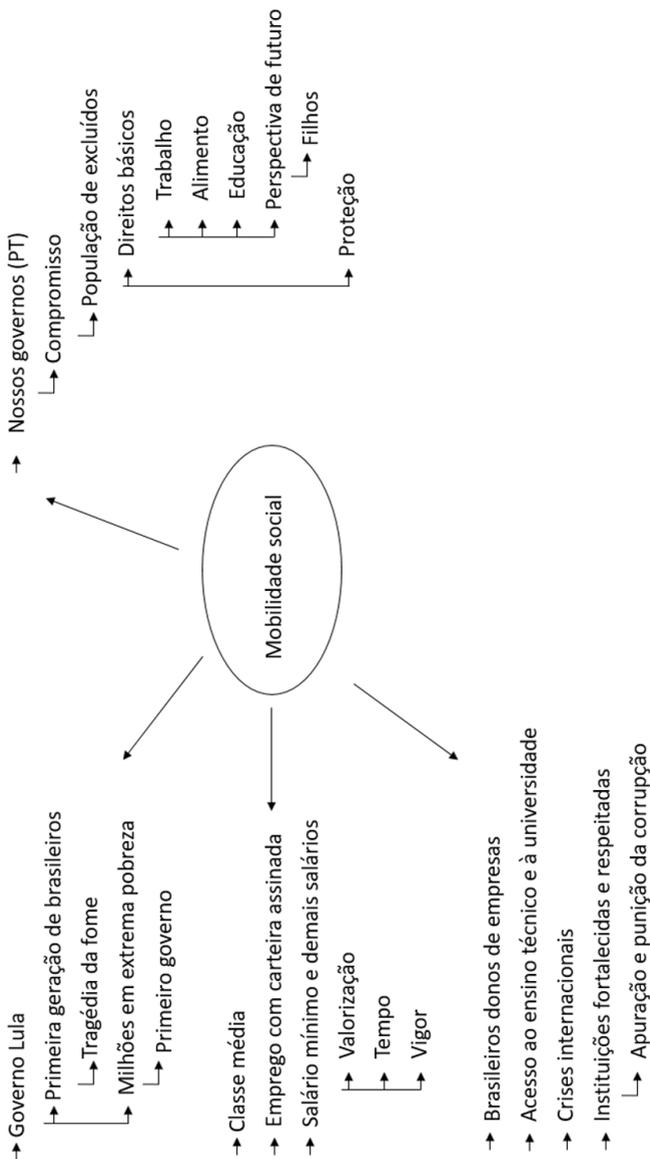
Até o presente momento, todos os discursos analisados estão seguindo na mesma direção. Passemos, então, para o segundo discurso de Dilma Rousseff. No primeiro governo, o *slogan* de Dilma era “País rico é país sem pobreza”; no segundo governo, era “Brasil, pátria educadora”. Ou seja, em um primeiro momento, era esperado, se tomarmos os *slogans* como mote, que a questão da pobreza fosse legada mais ao primeiro discurso que ao segundo.

Dilma II

Dilma, em seu segundo mandato, estipula como seu maior legado a redução drástica da extrema pobreza. Ela traz dados que comprovam a eficiência do seu primeiro governo no cumprimento de sua missão maior, que era acabar com a pobreza, como citado no slogan. Vejamos o excerto:

A partir do extraordinário trabalho iniciado pelo governo do presidente Lula, continuado por nós, temos hoje a primeira geração de brasileiros que não vivenciou a tragédia da fome. Resgatamos 36 milhões da extrema pobreza e 22 milhões apenas em meu primeiro governo. Nunca tantos brasileiros ascenderam às classes médias. Nunca tantos brasileiros conquistaram tantos empregos com carteira assinada. Nunca o salário mínimo e os demais salários se valorizaram por tanto tempo e com tanto vigor. Nunca tantos brasileiros se tornaram donos de suas próprias casas. Nunca tantos brasileiros tiveram acesso ao ensino técnico e à universidade. Nunca o Brasil viveu um período tão longo sem crises institucionais. Nunca as instituições foram tão fortalecidas e respeitadas e nunca se apurou e puniu com tanta transparência a corrupção. Em nossos governos, cumprimos o compromisso fundamental de oferecer a uma população enorme de excluídos, de pessoas excluídas, os direitos básicos que devem ser assegurados a qualquer cidadão: o direito de trabalhar, de alimentar a sua família, de educar e acreditar em um futuro melhor para seus filhos. Isso que era tanto para uma população que tinha tão pouco, tornou-se pouco para uma população que conheceu, enfim, governos que respeitam e que a respeitam, e que realmente se esforçam para protegê-la (Brasil, 2015, p.1).

Figura 50 – Dilema II: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Por meio da representação em grafo, é possível perceber que, novamente, Dilma faz alusão ao governo do seu antecessor, Lula. Além disso, resgata a diminuição da miséria, da fome e fala sobre a criação de empregos e sobre a valorização do salário mínimo.

Nesse discurso, o espaço destinado às questões de trabalho e salário são maiores do que os espaços dedicados a tais assuntos no discurso anterior. Com menos *hubs*, Dilma II pode indicar que, de fato, houve um avanço nas questões sociais e, por essa razão, menos se fala sobre essas questões.

Ao associar, novamente, a Mobilidade social ao trabalho, Dilma traz à luz o *frame* **Força moral para nutrir**, uma vez que o crescimento não é mostrado de forma independente das questões sociais. O texto traz a preocupação dos governos petistas com os excluídos. A preocupação com os que não fazem parte do seio familiar, ou seja, do núcleo da sociedade, caracteriza o discurso progressista.

Nesse segundo pronunciamento, não há tanta informação quanto no primeiro. No entanto, é possível concluir que, da mesma forma como os discursos dos antecessores, o discurso de reeleição de Dilma Rousseff, no que tange ao *frame* MOBILIDADE SOCIAL, tem uma tendência progressista.

4.3.4 Mobilidade social segundo Michel Temer

A exemplo dos blocos anteriores, pela especificidade da posse de Temer e do seu discurso de caráter improvisado, não há muito em seu pronunciamento sobre Mobilidade social. No entanto, há material suficiente para análise e para identificação da moral em seu discurso.

De outro lado, um projeto que garanta a empregabilidade, exige a aplicação e a consolidação de projetos sociais. Por sabermos todos, que o Brasil, lamentavelmente, ainda é um país pobre. Portanto, reafirmo, e o faço em letras garrafais: vamos manter os programas sociais. O ‘Bolsa Família’, o ‘Pronatec’, o ‘Fies’, o ‘Prouni’, o ‘Minha Casa, Minha Vida’, entre outros, são projetos que deram certo, e, portanto, terão sua gestão aprimorada. Aliás, aqui mais do que nunca, nós precisamos acabar com um hábito que existe no Brasil, em que assumindo outrem o governo, você tem que excluir o que foi feito. Ao contrário, você tem que prestigiar aquilo que deu certo, completá-los, aprimorá-los e inserir outros programas que sejam úteis para o país. Eu expresso, portanto, nosso compromisso com essas reformas (Temer pede..., 2016, p. 1).

Nos blocos anteriores, Temer tinha uma tendência mais conservadora. No entanto, o que se pode observar no quadro que traz a dimensão conceptual do *frame* MOBILIDADE SOCIAL são palavras que indicam, talvez, que o discurso tenha dado uma guinada progressista neste bloco.

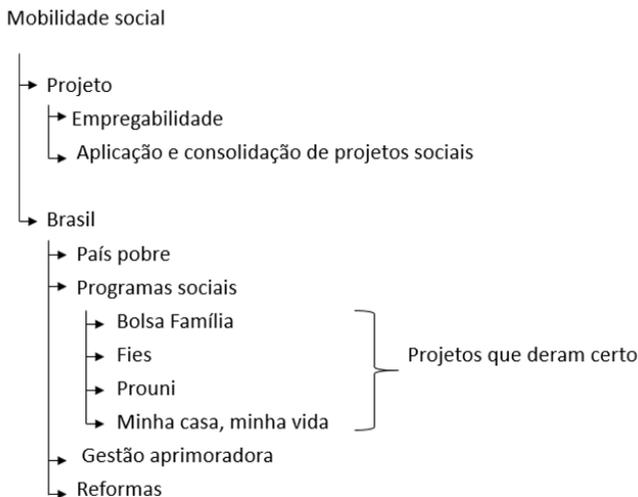
Figura 51 – Temer: Mobilidade social – Dimensão conceptual básica do frame



Fonte: Plataforma da Wordart.com.

Os termos mais recorrentes neste bloco são “projeto”, “sociais” e “Brasil”. Essas palavras, juntas, já indicam do que trata o bloco temático. Além disso, outras palavras como “programas”, “pobre” e “todos” são esperadas num bloco temático que trate da mobilidade social.

Figura 52 – Temer: Mobilidade social – Representação em grafo



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Na representação em grafo, podemos perceber como se dá a construção de sentido no texto. Temer fala sobre a manutenção de “projetos que deram certo”, dos governos anteriores, e os elenca. O Bolsa Família, por exemplo, que é um complemento de renda, indica que Temer aciona o *frame* **Moral como distribuição justa**, do escopo progressista.

Temer também fala sobre empregabilidade e posiciona-se de acordo com a **Força moral para nutrir**, a exemplo dos discursos anteriores.

5

PALAVRAS FINAIS

De acordo com Lakoff (2002), as metáforas usadas por conservadores e progressistas são as mesmas, o que muda é o foco que cada um deles dá ao utilizar essas metáforas. Durante as análises desenvolvidas para este livro, esse postulado foi comprovado. A escolha metodológica por recordar os discursos em blocos contribuiu para que essa afirmação fosse averiguada. Ou seja, independente do lugar que ocupam no contínuo entre Conservadorismo e Progressismo, as pessoas utilizam as mesmas ferramentas. Com tijolo e cimento, por exemplo, é possível construir uma prisão ou uma escola, a mesma lógica vale para os discursos.

Quanto à análise dos blocos, observei que o *frame* MUDANÇA é recorrente em todos os discursos analisados. Tanto os presidentes reeleitos, presidentes da situação ou presidentes da oposição, valem-se dessa estratégia para garantir o avanço que o seu governo fará em alguns setores. Esse recurso, portanto, se mostrou invariante. Ou seja, falar em mudança é algo comum a qualquer discurso de posse. O mesmo pode ser observado nos discursos de posse dos presidentes Jair Bolsonaro, em 2019, e o de Lula, eleito para o terceiro mandato, cujo discurso de 2023 enfatizou bastante a mudança. Dependendo de quando você estiver lendo este livro, o discurso histórico deve estar fresco na sua mente.

Quanto aos sete discursos analisados neste livro, é importante destacar que, apesar de blocos temáticos em comum, cada texto apresenta particularidades ligadas ao período histórico, ao próprio presidente e às inclinações ideológicas de cada partido. Foi possível, assim, notar que os presidentes eleitos pelo Partido dos Trabalhadores (PT) tiveram discursos, neste bloco temático, mais progressistas. No entanto, dada a

particularidade de cada indivíduo, algumas idiossincrasias podem ser observadas entre os presidentes petistas.

Tanto Lula, por conta dos processos do chamado “Mensalão”, quanto Dilma, em meio às investigações da “Operação Lava Jato”, tiveram menos votos para a reeleição e, portanto, estavam mais pressionados. Lula, ao menos neste bloco, teve uma postura mais progressista, dada a recorrência e características de *frames* acionados relacionados à classe trabalhadora, ao povo de modo geral. Dilma, por sua vez, também pressionada, adota um discurso mais conservador que o primeiro presidente petista, considerando os critérios de acionamento de *frames*.

FHC, em seu discurso de reeleição, também estava pressionado, uma vez que suas medidas para segurar a economia e impedir o crescimento dos juros, sobretudo as privatizações, estavam sob fortes críticas. Em decorrência disso, o presidente tucano adotou a linha mais progressista em seu segundo discurso de posse.

FHC e Dilma foram eleitos como candidatos da situação e ambos assumiam os segundos mandatos pressionados. Não obstante, FHC, ao tratar a mudança, segue uma linha mais progressista, ao passo que Dilma, no mesmo contexto, adota um discurso menos progressista. Desse modo, não há uma relação entre estar pressionado ou ser eleito como candidato da continuidade para se adotar um discurso conservador ou progressista.

Ao passo que FHC e Dilma, acuados pela opinião pública, buscaram um tom mais conservador em seus discursos de reeleição, Lula, também acuado, buscou atingir apoio popular por meio do aceno ao progressismo. FHC não conseguiu eleger seu

sucessor e Dilma sequer terminou seu mandato. Lula, por sua vez, elegeu-se em 2022 com um discurso de campanha – que se consolidou na posse – mais voltado às pautas progressistas.

Após o golpe contra Dilma, Temer assume o cargo de presidente. Como comprovam os diálogos vazados e as justificativas dos parlamentares durante o processo de *impeachment*, o mdbista adotaria medidas mais conservadoras para garantir que a economia se comportasse melhor para o mercado. Como esperado, dado o contexto histórico, Temer adotou um tom mais conservador ao tratar das mudanças que iria realizar em sua gestão. Temer prepararia o terreno para um governo de extrema direita, marcado por uma péssima gestão da saúde, do meio ambiente e da falência das relações internacionais.

Voltando aos discursos de 1995 até 2016, no bloco de Economia, o que se observou foi uma aproximação no sentido construído em relação à reeleição. Todos os presidentes que foram reeleitos adotaram uma postura conservadora. FHC, em seu primeiro discurso de posse, já se mostra conservador, com alguns traços progressistas, mas, no segundo pronunciamento, fortalece a sua tendência às metáforas da família do pai severo.

Lula e Dilma, ambos presidentes do Partido dos Trabalhadores (PT), apresentam um movimento progressista em seus primeiros pronunciamentos, mas caminham em direção ao conservadorismo nos segundos discursos. Dilma, pressionada e com questionamento de fraude nas eleições feito pelo candidato derrotado, caminha mais ainda do que Lula em direção às metáforas da família do pai severo.

Michel Temer, a exemplo do que ocorre com o *frame* MUDANÇA, comporta-se de forma conservadora nesse segundo bloco temático. Dada a especificidade do seu pronunciamen-

to, os *frames* secundários são numericamente inferiores aos *frames* dos outros presidentes.

Se nos *frames* MUDANÇA e ECONOMIA não havia uma unidade entre os discursos dos quatro presidentes, essa unidade acontece no bloco temático do *frame* MOBILIDADE SOCIAL. Todos os discursos, dos quatro presidentes, dos três partidos, PSDB, PT e MDB, tiveram um comportamento progressista. Dada a especificidade da questão, já que a mobilidade social é a mudança do *status quo* das classes, era de se esperar que, ao menos discursivamente, os presidentes fizessem uso das metáforas da família dos pais cuidadosos.

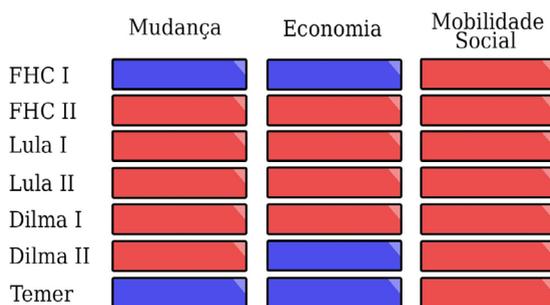
Diante do que foi observado nas análises, é possível afirmar que as estratégias criadas pelos presidentes em seus discursos de posse visavam ao acionamento do *frame* moral por meio da inclusão da participação da população no desenvolvimento do país. Ao levar mais espaço aos grupos de trabalhadores, por exemplo, os presidentes posicionaram-se mais em direção ao modelo dos pais protetores, progressistas.

A perspectiva de Lakoff (2002), de que o discurso político se ancora em modelos morais de família, se confirma, portanto, no cenário político brasileiro com os presidentes dos últimos vinte anos. A partir disso, é possível afirmar que Temer se comporta de forma mais conservadora em seu discurso e Lula de maneira mais progressista, de modo geral. Estaria, portanto, entre os quatro presidentes analisados, Lula no ponto mais progressista e Temer no ponto mais conservador. Deixo claro, ademais, que não se tratam de arquétipos de extrema esquerda ou extrema direita. No caso deste recorte, Lula foi o presidente com mais metáforas progressistas e Temer com mais metáforas conservadoras.

Além disso, o fato de FHC, Dilma e o próprio Temer apresentarem tanto ocorrências conservadoras como progressistas permite-nos afirmar que a moral no discurso político não é algo isolado, engessado, mas que se comporta de forma líquida, adaptável, a depender do tema no contínuo pensamento conservador *versus* progressista.

No gráfico a seguir, é possível identificar como se comportam os discursos analisados em relação à moral nos blocos temáticos analisados:

Figura 53 – A moral dos discursos de posse dos presidentes dos últimos 20 anos



Fonte: elaborado pelo autor (2018).

Como discutido textualmente durante as análises, o gráfico mostra a moral dos presidentes de acordo com cada discurso. Em vermelho, os pontos progressistas e, em azul, os pontos conservadores. É possível notar que Lula é o presidente que mais se posiciona no escopo progressista. Dilma e FHC apresentam-se no mesmo local, com as mesmas ocorrências progressistas e conservadoras. Temer, por sua vez, apesar de apresentar um momento progressista, se afina mais com a moral conservadora.

Foi possível observar, também, que não há, necessariamente, uma continuidade moral entre os discursos de primeira posse e segunda. Também não houve uma uniformidade exata nos discursos dos presidentes do Partido dos Trabalhadores (PT), o que indica uma visão de mundo particular de cada chefe de Estado, obviamente, influenciada pelas questões contextuais às suas épocas.

Pela metodologia adotada neste livro, foi possível entender como se dá a construção da visão de mundo dos presidentes de acordo com os seus discursos de posse. Observando as dimensões esquemática, conceptual, de ação e sociocultural do *frame* – esta por meio do *frame* moral –, é possível compreender-se, em diversos níveis, a construção do sentido.

O discurso de posse comportou-se como um *frame*: o *frame* interacional DISCURSO DE POSSE, que é caracterizado pelas seguintes ocorrências: saudação inicial; retomada do histórico do presidente, o que pode não somente incluir a sua trajetória política, mas também uma narrativa do seu percurso pessoal; avaliação dos governos anteriores; macroblocos temáticos que vão desde mudança até questões sociais, passando pela economia; previsões e promessas de mandato; e saudações finais. Essa estrutura é recorrente em todos os textos analisados e independe de antecessor, de partido ou se é do primeiro ou do segundo mandato.

Com os objetivos propostos cumpridos e as questões de pesquisa respondidas, este livro se encerra, mas deixa sementes para futuros artigos e comparações. Em breve, outro presidente brasileiro fará o seu discurso de posse e poderemos compará-lo aos que já foram analisados.

Além da contribuição acadêmica, as análises desenvolvidas mostram-se relevantes socialmente por tocarem em questões de interesse público e ajudarem a compreender melhor os mecanismos de construção de sentido e da visão de mundo dos nossos representantes. Pela linguagem, ideias circulam e, por meio dela, podemos resistir aos abusos de poder e difundir conhecimento à população para que ela fique menos vulnerável.

Um dos nossos papéis, como cientistas da linguagem, é contribuir para a diminuição das idiosincrasias, do abuso de autoridade e da ignorância coletiva e generalizada que se instala em sociedades as quais pouco valorizam a educação. Portanto, este livro, por ora, se encontra concluso no que concerne aos objetivos propostos, mas se dispõe a ser continuado. Toda ajuda para proporcionar o bem-estar coletivo é importante. Nós, acadêmicos, também temos nossa responsabilidade sobre a população.

REFERÊNCIAS

A ÍNTEGRA do discurso de Lula no Congresso. **Terra**, 1 jan. 2007. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/posse2007/interna/0,,OI1326264-EI8127,00.html>. Acesso em: 29 fev. 2019.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Pronunciamento do Presidente da República – Posse no Congresso Nacional: Fernando Henrique Cardoso. Brasília, DF:** Presidência da República, 1999. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/fernando-henrique-cardoso/discursos/discursos-de-posse/discurso-de-posse-2o-mandato>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Secretaria de Imprensa e Divulgação. Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional. Brasília, DF:** Presidência da República, 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/01-01-pronunciamento-a-nacao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-apos-a-cerimonia-de-posse.pdf/@download/file/01-01%20-%20Pronun.%20do%20Presidente%20da%20Rep%C3%BAblica,%20Luiz%20In%C3%A1cio%20Lula%20da%20Silva,%20na%20sess%C3%A3o%20solene%20de%20posse%20no%20CN.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante**

Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional. Brasília, DF:** Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional-1>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 26 nov. 2017.

DISCURSO de Posse do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no Congresso Nacional. In: OLIVEIRA, M. D. de (org.). **Discursos selecionados do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. p. 9-18. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/636-Discursos_FHC.pdf. Acesso em: 28 fev. 2019.**

DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística cognitiva:** em busca de uma arquitetura da linguagem compatível com modelos de

armazenamento e categorização de experiências. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015a.

DUQUE, P. H. Por uma abordagem ecológica da linguagem. **Pontos de Interrogação**: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, BA, v. 5, n. 1, p. 55-78, jan./jul. 2015b.

DUQUE, P. H. A emergência do comportamento linguístico. **ReVEL**, v. 14, n. 27, 2016, p. 151-172..

DUQUE, P. H. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 21-45, jan./jun. 2017a.

DUQUE, P. H. Percepção, linguagem e construção de sentidos: por uma abordagem ecológica da cognição. IN: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (Org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Cap. 2. UFMG: 2017b.

FAUCONNIER, G. **Mapping in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1997.

FELDMAN, J. **From molecule to metaphor: a neural theory of language**. Cambridge: The MIT Press, 2006.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRAZ, E. B. **O sistema metafórico da moralidade: uma abordagem cognitivista.** 2007. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/FERRAZEliane-Botelho-2007-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 26 out. 2016.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (eds.). *Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981.* Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

JOHNSON, M. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 127-140.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Metaphor, Morality, and Politics, Or, Why Conservatives Have Left Liberals In The Dust.** In *Social Research*, Vo. 62, No. 2, pp. 177-214, Summer, 1995.

LAKOFF, G. **Moral Politics**. How liberals and conservative think. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

LAKOFF, G. **Don't think of an elephant: knowyourvaluesandframe thedebate**. Vermont: Chelsea Green, 2004.

LAKOFF, G. **The Political Mind**. New York: Penguin Books, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

PETRUCK, M. R. L. **Frame semantics**. Disponível em: http://www.princeton.edu/~adeleLIN_106:_UCB_files/Miriam-Petruck-frames.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ROSCH, E. **Reclaiming concepts**. *Journal of Consciousness Studies*, 1999, p. 61-77.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva pela linguagem. **Vere-das**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23 - 39, 1997.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. **Calidoscópico**, v. 7, n.3, p. 171-182, set./ dez. 2009.

TEMER pede confiança aos brasileiros: confira a íntegra do discurso. **Jornal NH**, 12 maio 2016. Disponível em: https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/05/noticias/pais/329731-temer-pede-confianca-aos-brasileiros-confira-na-integra-o-discurso.html. Acesso em: 25 fev. 2019.



Tipografias utilizadas:

Crimson Pro

Bebas Neue

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



editoraifrn



RODRIGO SLAMA RIBAS

Possui doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: análise crítica do discurso, análise de discurso baseada em frames, política, pobreza, frame moral. Além do trabalho acadêmico, possui publicações literárias, incluindo a manutenção do blog de contos e crônicas <http://cartasaosnativosdomundo.blogspot.com/> e recente publicação de Pastor e outras histórias, publicado pela Amazon.

Este livro foi produzido a partir da tese de doutoramento intitulada “Moral e política em (dis)curso: análise baseada em *frames* de discursos de posse dos presidentes do Brasil dos últimos 20 anos”, que se pauta no questionamento do quão influenciador pode ser o discurso de uma autoridade como um presidente da República e defende que, por meio da linguagem, agentes conseguem direcionar o pensamento coletivo, ativar *frames*, reconfigurar *frames*, fazer emergir metáforas tendenciosas ou orientar determinada visão de mundo. Com essa concepção, analisamos o discurso de posse dos presidentes brasileiros dos últimos 20 anos, entre o primeiro discurso do primeiro mandato de FHC, passando por Lula e Dilma, e o pronunciamento de Temer ao assumir definitivamente o cargo que ocupava como interino. Abrange, portanto, quatro presidentes de três partidos políticos e suas características particulares de conduzir o discurso ao externar o seu conceito de Bem-estar e, conseqüentemente, sua posição no contínuo conservadores x progressistas.

ISBN 978-85-8333-310-4



9 788583 333104 >

